



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PRPPGI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

**PRIORIDADES VALORATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS PERNAMBUCANOS:
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA FUNCIONALISTA**

PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA

Petrolina-PE

Junho de 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PRPPGI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PRIORIDADES VALORATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS PERNAMBUCANOS:
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA FUNCIONALISTA

Paulo Gregório Nascimento da Silva, *Mestrando*
Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros, *Orientador*

Petrolina-PE

Junho de 2017

PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA

**PRIORIDADES VALORATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS PERNAMBUCANOS:
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA FUNCIONALISTA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, como requisito parcial para obtenção do título de *Mestre* em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros

Petrolina-PE

Junho de 2017

**PROPRIEDADES VALORATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS PERNAMBUCANOS:
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA FUNCIONALISTA**

Paulo Gregório Nascimento da Silva

BANCA AVALIADORA:

Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros (UFPI/ PPGPSI - UNIVASF, *orientador*)

Pof^a. Dr^a. Marina Pereira Gonçalves (UNIVASF, *Membro Interno*)

Pof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Membro Externo*)

Pof. Dr. Renan Pereira Monteiro (UFPI, *Membro Externo*)

*Aos meus pais, Paulo José e Maria Elenir;
Aos meus irmãos Diogo, Luan e Daniele;
A toda minha família e amigos.*

.... *Andei pra chegar tão longe*
Daqui de longe eu olhei pra trás
E foi como ver distante
Eu atravessando os meus temporais...

.... *Sonhei muito diferente*
Eu bati de frente, corri atrás
E foi como se eu soubesse
Inverter o tempo e arriscar bem mais...

(Anna e Eu – Lenine)

Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo
Prefiro acreditar no mundo do meu jeito
E você estava esperando voar
Mas como chegar até as nuvens com os pés no chão?

(Eu Era Um Lobisomem Juvenil – Legião Urbana)

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus agradecimentos a todos que de alguma forma me ajudaram a chegar a este momento tão importante. Entretanto, quero pedir licença a todos e agradecer, inicialmente, ao meu pai Paulo José, por tudo que tem feito por mim e os meus irmãos. Sei que em cada conquista nossa ele comemora como se fosse sua (e com certeza, é!), e nos momentos mais difíceis, sempre esteve do nosso lado estendendo a mão e ajudando a superar todos os obstáculos. Finalmente, podemos dizer que conseguimos finalizar mais um objetivo. Obrigado, meu pai!

Quero agradecer a minha mãe Maria Elenir, por todo seu amor e carinho, que mesmo a distância não conseguiu apagar, por sempre estar presente me ajudando e incentivando. Obrigado, mãe!

Agradeço à Professora Marina Gonçalves, por gentilmente aceitar compor a banca avaliadora, e por toda ajuda que me deu desde que eu cheguei a Petrolina. Com certeza, sem ela a caminhada seria muito mais difícil. Obrigado, professora! Serei eternamente grato por você ter me acolhido em seu Grupo de Pesquisas em Psicometria e Psicologia do Esporte e por ter sido sempre muito gentil nos ensinamentos e por todo apoio prestado.

Agradeço ao professor Valdiney Veloso Gouveia, por ter aceitado o convite para ser avaliador desta dissertação e por ter sido sempre tão prestativo ao longo desses anos. Sou um admirador de seu trabalho e toda contribuição que já deu à Psicologia. Muito obrigado!

Ao professor Renan Monteiro, por ter aceitado ser avaliador dessa dissertação, além de todo incentivo que me deu aos longos dos anos.

Agradeço ao meu Orientador, professor Emerson Diógenes de Medeiros, por ter me dado oportunidades e todos os ensinamentos ao longo desses seis ou sete anos de trabalho. Com certeza, foram anos de muito aprendizado, que me fizeram amadurecer e que levarei para sempre. Agradeço por toda a confiança, amizade e incentivo, sou grato por tudo que fez por

mim, não tenho palavras para descrever, apenas gratidão por tudo. Muito obrigado! Aproveito para expressar os meus agradecimentos a sua esposa, a professora Paloma Cavalcante B. de Medeiros, pelo incentivo e pelos bons momentos que tivemos durante esses anos de amizade. Com certeza, é alguém que sempre lembro com carinho e respeito. Além disso, quero agradecer às pessoas que conheci nas famílias Medeiros e Cavalcante Bezerra, em especial ao pequeno Manoel Pedro, por quem sempre vou ter muito amor e carinho, desejando sempre tudo de melhor em sua vida.

Agradeço aos meus irmãos, em especial ao Diogo e Luan, por todos os incentivos e por tudo que tivemos que passar para alcançar todos os nossos objetivos. Sem a força de vocês seria muito mais difícil toda essa caminhada.

Agradeço a toda minha família, em especial as minhas avós (Maria e Rosário), que sempre me deram muito amor, carinho e ajudaram na dura missão de educar a mim e meus irmãos. Além disso, agradeço aos meus tios, tias, primos, primas por todo o incentivo e torcida.

Agradeço aos professores do mestrado: Christian Vichi, Daniel Espíndula, Geida Cavalcanti, Luciana Duccini, Leonardo Sampaio, Marcelo Ribeiro e Susanne Pinheiro, por todos os ensinamentos e dedicação. Aproveito para agradecer à professora Carla Fernanda Ferreira Rodrigues, por seus incentivos para que eu prossiga com os meus objetivos.

Agradeço aos meus amigos Thayro e Raquel, por todos esses anos de amizade, incentivo, pelas conversas, e quando necessitei, sempre estiveram dispostos a ajudar. Sou grato por tudo.

Agradeço ao meu amigo Ricardo, que considero um irmão, por sempre ter dividido comigo suas alegrias e por ter acompanhado toda a minha trajetória antes e durante o mestrado. Tenho certeza que esse é apenas o início de uma grande parceria de vida e acadêmica que estamos criando. Obrigado!

Agradeço a minha amiga Aline Feitosa, por ter acompanhado toda a trajetória, pela torcida, e apoio incondicional, além dos momentos de descontração e felicidade que compartilhamos.

Agradeço ao meu amigo Nilson Francisco dos Santos Junior, pelo apoio que me deu no início do mestrado, além de toda torcida e confiança que sempre depositou em mim, que, por vezes, foram fundamentais para alcançar esse objetivo.

Agradeço a minha querida amiga Millena Valadares, que durante esses dois anos de mestrado sempre esteve ao meu lado, torcendo e incentivando, além de fazer os meus dias mais felizes, devido a sua atenção e ao cuidado. Muito obrigado por ter sido uma amiga tão dedicada, compreensiva e carinhosa, pelas conversas e pelos muitos momentos que estão registrados em minha memória. Foi a melhor amiga que eu poderia ter.

Nessa oportunidade, agradeço ao meu amigo Cleiton, por ter sido tão presente no decorrer desses dois anos. Obrigado, pelos momentos de descontração e incentivos diários.

Agradeço a minha amiga Karina Fontenele, por seu carinho, atenção e cuidado. Sou feliz por ter conhecido e conquistado a amizade de uma pessoa tão amável e sincera. Com certeza é uma amiga que sempre levo com carinho e respeito.

Devo um agradecimento especial aos meus amigos Jairon Bezerra e Jakeline Rodrigues, por sempre me proporcionarem boas conversas e me incentivarem a prosseguir. Com certeza, vocês são exemplos de determinação e perseverança.

Aos demais colegas e amigos do LABAP, que fiz durante todos esses anos e que me ajudaram em algum momento dessa caminhada: Alexia, Jeová, Laís, Felipe Teles, Glysa, Jefferson, Patrick, Raquel, Rislly, Talydina, Thawanna e Uianna.

Agradeço às professoras Sandra Elisa e Raquel Belo, pela amizade e incentivo que sempre me deram todas as vezes que nos encontramos. Além disso, aproveito para expressar a minha gratidão aos demais amigos (da escola e universidade) que sempre me apoiaram.

Agradecer aos amigos que fiz na UNIVASF, e no Grupo de Pesquisas em Psicometria e Psicologia do Esporte: Rose, Jair, Rebeca, Grazi, Laerte, Nayra, em especial minha amiga Izabella Morgana, pois desde o início foi minha fonte de apoio em Petrolina.

Agradeço ao amigo Walter Rezende, por toda ajuda que me deu em Petrolina e pelos momentos de descontração, que ultrapassaram o âmbito acadêmico.

Aproveito para agradecer Vaneska Maria, por sua amizade e por gentilmente ter aceitado revisar essa dissertação. Obrigado por sua atenção e pelas contribuições que ajudaram no aprimoramento desse trabalho.

Aproveito a oportunidade para expressar meu agradecimento à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), por conceder uma bolsa de mestrado, que me possibilitou dedicar exclusivamente à pesquisa acadêmica.

Obrigado Deus, por ter me proporcionado todos os momentos que me trouxeram até aqui, pois foram cheios de aprendizados e me fizeram muito feliz! Aproveito para agradecer aos amigos que por alguma razão me fogem da memória, mas que foram importantes nessa caminhada.

PROPRIEDADES VALORATIVAS DE UNIVERSITÁRIOS PERNAMBUCANOS: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA TEORIA FUNCIONALISTA

Resumo. Esta pesquisa objetivou comparar as prioridades valorativas de estudantes universitários da cidade de Petrolina. Adicionalmente, testou-se as hipóteses de conteúdo e estrutura dos valores proposta pela *Teoria funcionalista dos valores humano (TFVH)*. Contou-se com uma amostra, não probabilística (de conveniência) de 634 universitários. A amostra foi dividida, equitativamente, por tipo de instituição: N_1 – *Pública*, composta por 317 universitários, com idades entre 18 e 43 anos ($M = 22,67$, $DP = 4,98$), em maioria do sexo feminino (52,1%), heterossexuais (90,5%), solteiros (85,8%), católicos (45,4%), com renda familiar média de R\$ 3.904,26 ($DP = R\$ 3.132,55$) e provenientes das Ciências Biológicas e Saúde (66,9%). N_2 – *Privada*: amostra de 317 universitários, com idades entre 18 a 65 anos ($M = 22,67$; $DP = 5,77$), em maioria mulheres (52,7%), heterossexuais (91,2%), solteiros (85,8%), católicos (54,6%), renda familiar média de R\$ 4.639,51 ($DP = R\$ 4.045,06$) e das Ciências Humanas e Sociais aplicadas (89,9%). Inicialmente, verificou-se quais os valores priorizados pelos participantes, para cada amostra supracitada, apresentando-se como maior e menor propriedade valorativa, respectivamente: N_1 – as subfunções existência ($M = 6,10$; $DP = 0,73$) e realização ($M = 4,79$; $DP = 0,87$). Além disto, averiguou-se o índice de consistência interna, alfa de *Cronbach* (α) médio de 0,57 ($DP = 0,13$), variando de 0,51 (realização) a 0,72 (normativa). As correlações inter-itens ($r_{m.i}$; $M = 0,32$; $DP = 0,08$). A Confiabilidade Composta (CC; $M = 0,68$; $DP = 0,09$); N_2 – apresentaram maior e menor propriedade valorativa, respectivamente, nas subfunções existência ($M = 6,24$; $DP = 0,78$) e realização ($M = 5,26$; $DP = 0,88$). (α ; $M = 0,51$; $DP = 0,07$; variando de 0,44 em *suprapessoal* a 0,63 em *normativa*), a homogeneidade ($r_{m.i}$; $M = 0,27$; $DP = 0,04$). A (CC; $M = 0,61$; $DP = 0,07$), Testou-se a hipótese de estrutura por meio do escalonamento multidimensional (MDS) confirmatório (*Proxscal*), com resultados adequados: N_1 – STRESS-I = 0,34; DAF = 0,89; Phi de Tucker = 0,94 e N_2 – STRESS-I = 0,34; DAF = 0,88; Phi de Tucker = 0,94, indicando que os valores podem ser representados em um espaço 3 (tipo de orientação: pessoal, central e social) x 2 (tipo de motivador: materialista e idealista). Por meio de análise fatorial confirmatória, checkou-se a hipótese de conteúdo, confrontando o modelo original (hexafatorial), com alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial). O modelo original mostrou-se adequado: N_1 : $\chi^2/ g.l. = 1,28$, CFI = 0,98, TLI = 0,97, RMSEA (IC90%) = 0,03 (0,01-0,04), SRMR = 0,06; N_2 : $\chi^2/ g.l. = 1,25$, CFI = 0,98, TLI = 0,97, RMSEA (IC90%) = 0,03 (0,01-0,04), SRMR = 0,06. Testou-se a invariância fatorial (tipo de instituição e sexo) do modelo original (hexafatorial), reunindo as propriedades de invariância métrica, estrutural e residual. Concluiu-se que a TFVH, reuniu evidências empíricas de sua adequação em universitários de Petrolina. Discutem-se, ainda, as limitações do estudo, propondo direções futuras, como sua aplicação em amostras maiores e mais diversificadas, por outras regiões pernambucanas, buscando mais indícios que justifiquem a utilização teórica em pesquisas que visem identificar os valores e sua pertinência como antecedente e consequente de variáveis psicossociais.

Palavras-chave: Valores; Funções; Adequação; Estrutura; Conteúdo.

VALORATIVE PROPERTIES OF PERNAMBUCO UNIVERSITY STUDENTS: CONTRIBUTIONS FROM OF FUNCTIONALIST THEORY

Abstract. This research aimed to compare the valorative priorities of university students of the city of Petrolina. Additionally, the hypotheses of content and structure of values proposed by the *Functional Theory of Human Values* (FTHV) were tested. There was a sample, non-probabilistic (convenience) of 634 university students. The sample was divided equally by type of institution: N_1 - *Public*, composed of 317 university students, aged between 18 and 43 years ($M = 22.67$, $SD = 4.98$), mostly females (52.1%), heterosexuals (90.5%), single (85.8%), catholic (45.4%), with an average family income of R \$ 3,904.26 ($SD = R \$ 3,132.55$) and Biological Sciences and Health (66.9%). N_2 - *Private*: a sample of 317 university students, aged between 18 and 65 years ($M = 22.67$; $SD = 5.77$), mostly women (52.7%), heterosexual (91.2%), single (85.8%), catholic (54.6%), average family income of R \$ 4,639.51 ($SD = R\$ 4,045.06$) and Human and Social Sciences applied (89.9%). Initially, we verified the values prioritized by the participants, for each of the aforementioned samples, presenting as higher and lower values, respectively: N_1 - the existence subfunctions ($M = 6.10$, $SD = .73$) and performance ($M = 4.79$, $SD = .87$). Besides that, the internal consistency index, Cronbach's alpha (α) mean of .57 ($SD = .13$), ranging from .51 (achievement) to .72 (normative). The inter-item correlations (r_{mi} ; $M = .32$, $SD = .08$). The composed reliability (CR; $M = .68$, $SD = .09$); N_2 - presented higher and lower values, respectively, in the existence subfunctions ($M = 6.24$, $SD = .78$) and performance ($M = 5.26$, $SD = .88$). (α : $M = .51$, $SD = .07$, ranging from .44 in suprapersonal to .63 in normative), homogeneity (r_{mi} , $M = .27$, $SD = .04$). The *structure hypothesis* was tested using multidimensional scaling (MDS) confirmatory (*Proxscal*), with adequate results: N_1 - STRESS-I = .34, DAF = .89, Tucker's phi = .94 and N_2 - STRESS-I = .34, DAF = .88, Tucker's phi = .94, indicating that the values can be represented in a space 3 (type of orientation: personal, central and social) x 2 (type of motivator: materialist and idealist). By means of a confirmatory factorial analysis, *the content hypothesis* was checked, comparing the original model (six- factor), with alternative (one, two, three and five-factor). The original model was suitable: N_1 : $\chi^2 / g.l. = 1.28$, CFI = .98, TLI = .97, RMSEA (IC 90%) = .03 (.01-.04), SRMR = .06; N_2 : $\chi^2 / g.l. = 1.25$, CFI = .98, TLI = .97, RMSEA (IC 90%) = .03 (.01-.04), SRMR = .06. The factorial invariance (type of institution and sex) of the original model (six-factor) was tested, bringing together the *metrical, structural and residual* invariance properties. It was concluded that the FTHV, gathered empirical evidence of its suitability in university students of Petrolina. We also discuss the limitations of the study, proposing future directions, such as its application in larger and more diversified samples, in other regions of Pernambuco, seeking more evidence to justify the theoretical use in research aimed at identifying the values and their relevance as antecedent and consequent of psychosocial variables.

Keywords: Values; Functions; Adequacy; Structure; Content.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	VI
Lista de tabelas.....	XIV
Lista de figuras.....	XV
INTRODUÇÃO.....	16
PARTE I – MARCO TEÓRICO.....	23
1. PERCURSO HISTÓRICO DOS VALORES HUMANOS.....	24
1.1. Antecedentes históricos do estudo dos Valores Humanos.....	25
1.1.1. <i>Ferdinand Tönnies</i>	25
1.1.2. <i>Thomas e Znaniecki</i>	28
1.1.3. <i>Talcoott Parsons</i>	29
1.1.4. <i>Clyde Kluckhohn</i>	31
1.1.5. <i>Abrahm Harold Maslow</i>	32
1.2. Principais teóricos da perspectiva Social do Valores Humanos (vertente cultural).....	35
1.2.1. <i>Contribuições de Geert Hofstede para o estudo transcultural dos Valores</i>	35
1.2.2. <i>Valores Materialista e Pós-materialistas de Ronald F. Inglehart</i>	38
1.3. Perspectiva Psicológica no estudo dos Valores Humanos (vertente individual).....	41
1.3.1. <i>Valores Instrumentais e Terminais de Milton Rokeach</i>	41
1.3.2. <i>Valores universais de Shalom H. Schwartz</i>	44
2. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS.....	52
2.1. Elaboração da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Um breve resgate histórico.....	53
2.2. Funções Valorativas.....	59
2.2.1. <i>Primeira Função dos Valores: Guiar o Comportamento Humano</i>	59
2.2.2. <i>Segunda Função dos Valores: Expressar as Necessidades Humanas</i>	61
2.3 Hipótese de conteúdo.....	68
2.4 Hipótese de estrutura.....	70
2.5 Hipótese de Congruência e Compatibilidade dos Valores para a Teoria Funcionalista.....	71
2.6. Aplicabilidade da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos.....	75
3. OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	78
3.1. Objetivo Geral.....	79
3.1.1. <i>Objetivos Específicos</i>	79
3.2. Hipóteses.....	79
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....	81
4. TESTANDO A ADEQUAÇÃO DA TEORIA FUNCIONALISTA NA CIDADE DE PETROLINA.....	82

4.1. Método	83
4.1.1. Delineamento.....	83
4.1.2. Participantes	83
4.1.3. Instrumentos	84
4.1.4. Procedimentos	85
4.1.5. Análise de dados.....	86
4.2. Resultados	88
4.2.1. Estatísticas descritivas e índice de consistência interna das subfunções.....	88
4.2.2. Hipótese de estrutura	90
4.2.3. Hipótese de conteúdo	93
4.2.4 Análises multigrupos de invariância fatorial	97
5. DISCUSSÃO	102
5.1. Limitações do estudo.....	103
5.2. Principais resultados.....	104
5.2.1. Evidências psicométricas do Questionário de Valores Básicos.....	104
5.2.2. Hipótese de estrutura	106
5.2.3. Hipótese de Conteúdo	107
5.2.4. Análises multigrupos de invariância fatorial.....	108
5.3. Conclusão.....	109
6. REFERÊNCIA	111
ANEXOS	129
ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE VALORES BÁSICOS (QVB)	130
ANEXO B - QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS	131
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132
ANEXO D. CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipos de valores instrumentais e terminais de rokeach.	43
Tabela 2. Tipos motivacionais de Schwartz.	48
Tabela 3. Subfunções valorativas, tipo de motivador e orientação e os marcadores valorativos	67
Tabela 4. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto de intuições públicas de Petrolina.	89
Tabela 5. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto de intuições particulares de Petrolina	90
Tabela 6. Cargas fatoriais da hipótese de conteúdo por tipo de instituição.	95
Tabela 7. Indicadores de ajuste dos modelos em IES de Petrolina	96
Tabela 8. Comprovação de invariância fatorial entre instituições públicas e particulares da cidade de Petrolina.	100
Tabela 9. Comprovação de invariância fatorial homens e mulheres da cidade de Petrolina.	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estrutura dos tipos motivacionais dos valores de schwartz.....	49
Figura 2. Facetas, dimensões e subfunções dos valores básicos.....	62
Figura 3. Estrutura dos modelos alternativos: hexa, penta, tri, bi e unifatorial	69
Figura 4. Padrão de congruência das subfunções dos valores básicos.....	73
Figura 6. Representação espacial dos valores universitários de instituições públicas.....	92
Figura 7. Representação espacial dos valores universitários de instituições particulares.....	93
Figura 8. Representação espacial dos valores	94

Cotidianamente, o termo “valor” é usado de diversas maneiras, a exemplo de critério autoavaliativo, para justificar as ações humanas ou para referir-se a uma qualidade (ou uma prática) que é construtiva da própria identidade, ou ainda para um determinado objeto, dito “de valor”, como obras de artes, objetos sagrados ou instituições sociais. Devido a essa complexidade atribuída ao significado do termo, durante muito tempo gerou-se certa confusão.

Apesar dessa “confusão” quanto ao termo, é sabido que "*os valores surgem da experiência humana*" (Williams & Albert, 1990, p. 286), possibilitando a avaliação de estados e situações, além de orientarem o comportamento humano (Adler, 1956; Allport, 1937; Feather, 1982; Kluckhohn, 1951; McClland, 1985; Rokeach, 1968; Schwartz & Bilsky, 1987; Williams, 1960), despertado interesse desde tempos longínquos, sendo seu estudo, inclusive, sugerido por filósofos como Aristóteles e Platão (Pimentel, 2004).

Por esse caminho, ao longo da história, os valores têm sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, sendo compreendidos de maneiras distintas. Nas Ciências Sociais, por exemplo, muitos estudiosos discutem os valores como *preferências, necessidades, conceitos e relações situacionais*, dentre outras (McLaughlin, 1965). Williams (1968) e Kmiecik (1976) trazem uma lista mais abrangente da noção de valor, referindo-se a interesses, prazeres, gostos, direitos, obrigações morais, necessidades, vontades, etc.

Essas múltiplas definições apresentadas, variando em razão, da ótica ou da área de interesse (e.g. sociologia, filosofia, antropologia) refletem os diversos fenômenos que o termo pode se referir, além de uma variedade de conceitos teóricos, preconcebidos, que por muito tempo foram designados ao mesmo, pois durante muito tempo o rótulo “valor” foi utilizado como para diferenciar diversos fatores normativos (Albert, 1956). Especificamente, em Psicologia, o termo foi frequentemente usado para referir-se a uma “modalidade de orientação seletiva” (Williams, 1968).

Dito isso, observa-se que durante muitos anos, o estudo dos valores sofreu devido à ausência de definições, que permitissem distinguir valores de outros construtos. Contudo, com os avanços teóricos e metodológicos ocorridos no início no último século, as pesquisas sobre os valores ganham impulso, e acabam consolidando a temática como central nas ciências humanas e sociais, além de diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Antropologia, Sociologia e Psicologia (Soares, 2015).

Especificamente em Psicologia Social, a temática tem ganhado destaque desde meados dos anos 50. Devido a isto, foi atribuído ao tema, nos anos 2000 uma edição especial do *Handbook of Social Psychology*, que foi dedicada exclusivamente à verificação do desenvolvimento e das teorias existentes, principalmente as de cunho transcultural, que tinham por finalidade tornar conhecida as dimensões das culturas (Ros, 2006).

Tal atenção sobre os valores é justificada pelo fato dos mesmos se constituírem em um importante construto, que é fundamental para explicar múltiplos comportamentos psicossociais, além de serem definidos como princípios-guias gerais das ações humanas que transcendem situações específicas (Gouveia, 2003).

Dessa forma, na presente pesquisa, os *valores* não serão compreendidos como uma ideia, coisa ou propriedade de um objeto, mas como um critério avaliativo, que orienta as atitudes e comportamento das pessoas (Gouveia, 2013), tanto no nível micro quanto macro. Nessa direção, o nível micro refere-se ao comportamento individual, vistos como motivadores humanos (normas internalizadas pelo indivíduo), que conciliam as necessidades pessoais com as demandas sociais. Enquanto no nível macro, os valores atuam como as formas de compreensão, que são compartilhadas pela cultura, dando significado à vida social (Braithwaite & Blamey, 2006).

Desde as contribuições de Rokeach (1973), que contribuiu para legitimar este construto, é possível identificar tipologias que ajudaram em seu entendimento nos níveis cultural e

individual (Medeiros, 2011). Destacam-se, na vertente sociológica (nível cultural), os modelos teóricos de Hofstede (1984) e Inglehart (1977), enquanto que, no nível individual, os autores mais clássicos têm sido Rokeach (1973) e Schwartz (1992), surgindo mais recente a teoria proposta por Gouveia (1998, 2013).

Existem pontos em comum, na literatura, no que diz respeito à conceituação dos valores humanos, independente do modelo teórico, a saber: (1) é uma crença, (2) que pertence a fins desejáveis ou a formas de comportamento, (3) que transcendem situações específicas; (4) que guia a seleção ou a avaliação dos comportamentos das pessoas ou dos acontecimentos e (5) organização em grau de importância em relação aos outros valores, formando assim, um sistema de propriedade de valorativas. Esses são traços conceituais e importantes, que diferenciam os valores de outros conceitos, como por exemplo, necessidades e atitudes (Schwartz, 2006). Isso trouxe uma melhor compreensão do construto, viabilizando explicar diversos fenômenos psicossociais.

Ademais, os valores tem sido estudados por meio de duas vertentes distintas: (1) compreendendo o nível cultural, ou seja, por uma vertente chamada de sociológica, sendo os valores estudados numa perspectiva cultural, em que se destacam os modelos de valores individualistas e coletivistas Hofstede (1984) e as orientações materialista e pós-materialista de Inglehart (1977); e (2) no nível individual, ou seja, psicológico, que considera que são os valores que caracterizam as prioridades e orientam os indivíduos, trazendo a compreensão das diferenças (respostas) individuais de cada indivíduo dentro do contexto que está inserido. Considerando essa última perspectiva, os modelos de valores que merecem destaque são: os terminais e instrumentais de Rokeach (1973); os tipos motivacionais de Schwartz (1992) e a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos de Gouveia (2003, 2013).

Deve-se ressaltar que embora algumas abordagens teóricas tratem apenas de valores culturais, levando em consideração as pontuações obtidas por nações (e.g., Hofstede, 1984;

Inglert, 1991), dificilmente se poderia tratar desses valores quando se toma como referência as respostas individuais. Nesse sentido, parece não fazer sentido tratar os valores no nível cultural, pois, na realidade, o que se tem são as pontuações individuais de valores específicos, que são reunidas e atribuídas a cada cultura (Gouveia, 2013). Portanto, tomando como base estes aspectos, destaca-se que o modelo funcional dos valores humanos, o qual fundamenta esta pesquisa, foi desenvolvido partindo-se do nível individual de análise, não identificando razões consistentes que levem a crer que a estrutura valorativa se diferencie quando são consideradas as pontuações dos indivíduos separadamente ou somadas por país (Gouveia et al., 2011).

Especificamente na Psicologia Social, a teoria que apresenta maiores evidências, sobretudo em âmbito acadêmico, é a *Teoria Universal Valores Humanos*, proposta por Schwartz (1992, 1994, 2006). Não obstante, considerando as críticas atribuídas aos modelos existentes, principalmente o de Schwartz, Gouveia (1998, 2003, 2006) propõe um novo modelo de valores, chamado de *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, na tentativa de buscar respostas a essas críticas, justificando o seu uso como aporte nesta dissertação.

O modelo teórico de Gouveia tem se apresentado mais parcimonioso e teoricamente melhor fundamentado do que o proposto por Schwartz. Esta nova tipologia dos valores já foi testada com mais de cinquenta mil pessoas no Brasil, além de pouco mais de sete mil residentes de diversos países, abrangendo os cinco continentes (Gouveia, 2013). Entretanto, o modelo de Schwartz é atualmente a maior referência sobre valores, enquanto o modelo proposto por Gouveia é, ainda, uma teoria emergente que vem ganhando notoriedade no Brasil e no mundo, apresentando evidências de validade, precisão, além de poder preditivo. Dessa forma, este trabalho tem como principal objetivo avaliar a adequação da *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH)* proposta por Gouveia (1998, 2003, 2013, 2016a) em universitários do sertão Petrolina pernambucano, levando em consideração suas hipóteses de estrutura e conteúdo.

Em resumo, a TFBVH compreende os valores humanos como um construto motivacional, com funções de (1) *guiar as ações do humanas* e (2) *expressar cognitivamente as suas necessidades* (Gouveia, 2013, 2016). Essa teoria já foi utilizada em diversos estudos ao longo das duas últimas décadas, na tentativa de explicar o comportamento psicossocial, a exemplo de: atitudes em relação à tatuagem (Gouveia, Medeiros, Mendes, & Athayde, 2010); interesses vocacionais (Gouveia, Meira, Gusmão, Filho, & Souza, 2008); metas de realização e desempenho acadêmico (Gouveia, Sousa, Fonseca, Gouveia, Gomes, & Araújo, 2010); comportamentos ambientais (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006); sexismo (Belo, Gouveia, Raymundo, & Marques, 2005); intenção de cometer suicídio (Aquino, 2008) e atitudes para responder sem preconceito (Athayde, 2012), consumo de bebidas alcoólicas (Medeiros, Pimentel, Monteiro, Gouveia, & Medeiros), engajamento escolar (Fonsêca, Lopes, Palitot, Estanislau, Couto, & Lins, 2016) e crescimento pós-traumático (Medeiros, Couto, Fonsêca, Brito & Serra, 2016).

Assim, a presente dissertação visa aumentar o escopo empírico da tipologia supracitada, no interior do Brasil. Para tanto, este trabalho tem como principal objetivo observar a adequação da *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH)* proposta por Gouveia (1998, 2003, 2013, 2016) em universitários de Petrolina, levando em consideração suas hipóteses de estrutura e conteúdo. Para atender ao objetivo geral proposto na presente dissertação, a mesma será estruturada em duas partes principais.

A *Parte I* refere-se ao *marco teórico*, formada por três capítulos. No *capítulo 1*, intitulado *Percurso histórico dos valores*, no qual se apresentará um panorama dos valores, apresentando, inicialmente as ideias que fundamentam e originam os principais modelos estudados na *Psicologia Social*, reatentando estudos iniciais importantes realizados nas diversas áreas do conhecimento, levando em consideração as perspectivas utilizadas para compreensão e estudo dos valores humanos, apontando as principais concepções acerca deste construto. O

capítulo 2 será dedicado à *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* (Gouveia, 1998, 2003, 1016; Gouveia, Fischer, & Milfont, 2009; Gouveia, Milfont, Fischer, & Santos 2008; Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009), onde será exposta a teoria, justificando a utilização da mesma como referência neste trabalho. Assim, serão apresentados os seus principais aspectos teóricos e conceituais, sendo mostrado o contexto e os pressupostos teóricos que ajudaram a fundamentá-la, além de explicar as funções atribuídas aos valores, suas hipóteses principais, bem como a aplicabilidade do modelo em diversos campos da Psicologia. Especificamente no *capítulo 3*, serão expostos os *objetivos geral e específicos*, bem como as *hipóteses* levantadas e que serão testadas.

Enquanto que a *Parte II*, intitulada *Estudo empírico*, traz o *Capítulo 4. Testando as hipóteses de estrutura e o conteúdo na cidade de Petrolina*, que visa atender os *objetivos e hipóteses* da presente dissertação, pautando-se no modelo teórico apresentado no *capítulo 2*. Para tanto, ter-se-á uma amostra que será dividida considerando o tipo de Instituição de Ensino Superior - IES (pública e particular), na tentativa de reunir evidências da adequação desse modelo no contexto estudado. Por fim, o *Capítulo 5*, se refere à *Discussão*, onde serão discutidos os principais resultados encontrados, relacionando-os com a literatura consultada, além de apontar as principais limitações do estudo, direções futuras e contribuições da pesquisa para a temática dos valores humanos.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

1. PERCURSO HISTÓRICO DOS VALORES HUMANOS

1.1. Antecedentes históricos do estudo dos Valores Humanos

Muitos foram os autores que trouxeram contribuições para a temática dos valores humanos (Zanolli, 1980), ajudando no desenvolvimento e entendimento do construto na realidade social. Entretanto, estabelecer quais são os antecedentes históricos dos valores humanos é tarefa considerada quase que arbitrária (Ros, 2006). Dessa forma, na construção desta dissertação, optou-se por discorrer sobre os teóricos que trouxeram contribuições importantes e inovadoras ou que tiveram maior destaque no estudo dos valores humanos. Nessa direção, optou-se por percorrer os direcionamentos históricos descritos por Ros (2006), Medeiros (2011) e Soares (2015), para orientar o leitor, trazendo-lhe um maior entendimento da construção histórica e formulação do construto valores humanos.

Nesse sentido, apesar dos estudos dos valores terem sido sugeridos desde tempos longínquos, foi entre a década de 70 e o final dos anos 90 que houve as contribuições mais relevantes sobre a temática. Nesse contexto, citam-se as contribuições de Milton Rokeach (1973), que durante os seus estudos buscou legitimar o construto, além de diferenciá-lo dos demais, que frequentemente eram associados, a exemplo das atitudes e crenças. Ademais, os estudos transculturais de Geerts Hofstede (1980) e Shalom Schwartz (1992) foram fundamentais para o avanço dos estudos dos valores humanos, sobretudo no âmbito acadêmico, além das contribuições teóricas de Gouveia (1998, 2003, 2013, 2016), que propôs um modelo alternativo, integrador, considerando as críticas e lacunas existentes nos modelos anteriores. Assim, passa-se a discorrer sobre o desenvolvimento histórico dos valores, partindo do período em que antecede os modelos teóricos supracitados.

1.1.1. Ferdinand Tönnies

Ferdinand Tönnies foi um sociólogo alemão considerado um dos pioneiros e grandes expoentes da ciência social de seu país. Durante meados do século XIX e início do século XX, sua principal obra foi o livro publicado em 1885, intitulado "*Gemeinschaft and Gesellschaft*"

(Comunidade e Sociedade) (Bôas Filho, 2010). Os estudos realizados por Ferdinand Tönnies deram ênfase na forma que se estabelecem os vínculos sociais, enfocando o papel da sociabilidade na teoria social, ou seja, a maneira como as pessoas se organizam nas sociedades, levando em consideração a dicotomia: comunidade/ sociedade e individualidade/ coletividade (Soares, 2015). Segundo Medeiros (2011), Tönnies propôs uma tipologia que levava em consideração duas categorias fundamentais, envolvendo, cada uma, mais duas categorias: 1) vontade (*Wille*), subdividida em natural (*Wesenwille*) e racional (*Kiwwille*) e 2) estrutura social (*Schaft*), sendo dividida em duas categorias: comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*).

Gouveia (1998), descreve de maneira sumarizada essas categorias propostas por Tönnies (1887/ 1979): (1) *Vontade*: considerava como uma tendência de orientação das pessoas frente aos demais. Assim sendo, para a vontade natural (*Wesenwille*) existe o predomínio da fé, do desejo e a paixão. Enquanto, na vontade racional (*Kiwwille*) estão os componentes considerados mais racionais, críticos e especulativos da consciência humana; (2) *estrutura social*: determina a maneira como as pessoas conduzem e interpretam as suas vidas e os seus trabalhos; ocorrendo na comunidade, por meio das relações afetivas que ocorrem na família, nação e no grupo; ou pela sociedade onde as pessoas traçam táticas e estratégias para conseguirem o que almejam.

Assim, Tönnies (1887/ 1979) estabelece a existência e distinção de dois tipos de vontade: (a) vontade reflexiva e racional (*kurwille*), embasada na reflexão propriamente dita e na conveniência racional e na própria reflexão e (b) vontade natural ou espontânea (*wesenwille*), constituída no que é habitual, no prazer e na memória. Essas duas vontades distintas provocam dois tipos de inter-relações: 1) uma pautada em normas de igualdade e causada pela vontade reflexiva, tais como o cálculo e a troca; e (2) propiciada por contribuições individuais com fins comuns, influenciada pela vontade natural. Tais inter-relações designam dois pares comparados

de agrupamento humano: os tipos ideais de comunidade (*gemeinschaft*) e sociedade (*gesellschaft*).

Para Tönnies, a comunidade (*gemeinschaft*) refere-se a ações provenientes da vontade natural, envolvendo as relações pessoais, afetivas, familiares, nacionais e tribais, da qual as relações sociais apresentam uma maior intimidade e são guiadas por um estatuto. Enquanto na sociedade (*Gesellschaft*), as normas não são orientadas por um estatuto, mas por um contrato formal, o qual a maioria das pessoas compartilham e se unem à vontade racional, caracterizada, a exemplo, por estudantes na turma da universidade e em um clube de música (Soares, 2015).

Ademais, para Tönnies (1995), a comunidade (*Gemeinschaft*) é grupo social demarcado espacialmente, tais como grupos comunitários que apresentam um elevado grau de coesão e integração entre os membros, que acabam compartilhando as vivências cotidianas, os objetivos e as formas de pensar e agir, ocasionando uma maior congruência entre os valores e o aumento na intimidade entre os membros do grupo. Ao passo que a sociedade (*Gesellschaft*), é contrária à comunidade, não havendo uma demarcação espacial, assim a sua amplitude pode ser ilimitada e com uma baixa coesão afetiva e grupal, fato que propicia uma maior diferenciação e individualização, que acarreta menor compartilhamento de valores e uma baixa de intimidade entre os seus membros (Mocellim, 2011).

Essa tipologia, posteriormente, inspirou as ideias sobre o individualismo e coletivismo humano, inspirando diversos ensaios e investigações nas ciências sociais (Gouveia, 1998). Serviram de base para vários desdobramentos das obras de Parsons (1959, 1976; Parsons & Shils, 1951, 1968), além de ser possível observar uma relação entre os conceitos de comunidade e sociedade desenvolvidos por Tönnies com alguns modelos de valores desenvolvidos nos últimos anos (Soares, 2015), fato que pode ser observado na dimensão individualismo vs. coletivismo da teoria desenvolvida por Hofstede (1984).

1.1.2. Thomas e Znaniecki

A obra de Willian Thomas e Florian Znaniecki de 1918/ 1920, intitulada *The Polish Peasant in Europe and America*, na qual pesquisaram, durante oito anos, os processos de adaptação dos imigrantes que vinham da Europa, foi fundamental. Especificamente, o foco eram os imigrantes da Polônia para os Estados Unidos no final do século XX (Souza, 2012), e os autores objetivavam formular uma nova teoria social, que possibilitasse estudar as mudanças e transformações decorrentes do processo de modernização econômica e industrial da época, nas relações familiares e interpessoais dos imigrantes poloneses (Álvaro & Garrido, 2006). Nessa obra, os autores introduzem o conceito de atitude, além de trazerem a relação existente entre as atitudes e os valores (Ros, 2006).

As principais contribuições de Thomas e Znaniecki para a Psicologia são o pioneirismo em atribuir que a conexão das atitudes com a estrutura social se realiza através dos valores, sendo eles os primeiros a conceituarem os valores, misturando elementos subjetivos e objetivos (Spates, 1983). Para Thomas e Znaniecki (1918), os valores sociais compreendem qualquer dado que tenha um conteúdo empírico, acessível aos membros de um determinado grupo social e um significado no que diz respeito ao que é ou pode ser um objeto da atitude.

Os autores entendem as atitudes como um processo de consciência individual que é determinante na atividade real ou possível do indivíduo no mundo social (Thomas & Znaniecki, 1918), ou seja, é o significado que as pessoas dão para as coisas que as rodeiam, sendo um processo cognitivo de retenção de uma determinada situação para que o indivíduo possa decidir como agir (Ros, 2006). Assim, os autores consideravam todas as coisas como sendo iguais, uma ação racional com um *valor* esperado (valor objetivo) ou de utilidade (valor subjetivo percebido) (Tsiroginni & Gaskell, 2011).

Em suma, pela perspectiva sociológica, Thomas e Znaniecki, utilizando-se da noção de atitudes, explicaram a maneira pela qual é possível que as pessoas definam e entendam uma

dada situação social, na qual a coletividade acaba criando valores naturais, que supostamente deve guiar as ações de cada pessoa (Camino & Torres, 2013). Além disso, esta obra ajudou no desenvolvimento de Psicologia Social, por dois motivos, que são apresentados por Álvaro e Garrido (2006): (1) o *pluralismo metodológico*: foi um dos primeiros a analisar uma variedade de fontes de dados, tais como, autobiografias, jornais, arquivos familiares, documentos públicos, etc.; e (2) *Caráter empírico do conceito de atitudes*, que configurava como central para que a Psicologia Social fosse melhor desenvolvida na época.

1.1.3. Talcoott Parsons

Talcoott Parsons foi um sociólogo americano. Suas ideias são tidas como as mais influentes do Século XX (Soares, 2015). Os seus estudos contribuíram de forma significativa na construção da Teoria da Ação Social - TAS (Parsons & Shils, 1951\1968), que traz a concepção de ação motivada, sendo o comportamento motivado a alcançar determinada meta.

Nesse sentido, Souza (2012) destaca que este autor toma como base os conceitos de Weber, ou seja, em vez de falar de pessoas que realizam uma determinada ação, fala-se de atores que realizam a ação; está motivada a alcançar determinadas metas (Vione, 2012). Ele foi o primeiro autor a introduzir na Psicologia social a concepção de ação motivada referindo-se aos valores. Nesse sentido, estudos posteriores começaram a tratar os valores humanos como princípios motivacionais, ou seja, quando um tipo de valor é satisfeito, ele procura representar uma meta subjacente (Schwartz, 1992, 1994).

Além disso, segundo Soares (2015), um aspecto importante da teoria de Parsons foi o conceito de normas ou/e “acordos normativos”, que para o autor funcionam como uma possível ordem social, imprescindível para a evolução, tendo como um componente fundamental para os “acordos normativos” os valores, denominados como crenças morais às quais as pessoas recorrem para justificar as razões finais de uma ação (Spates, 1983).

Por meio das contribuições de Parsons, foi possível modificar o significado atribuído ao conceito de valores, que durante muito tempo esteve atrelado a elementos subjetivos e objetivos, passando a ser entendido como um componente de controle da vida social (Soares, 2015). Assim, para este autor, a concepção de valores deriva da definição de Kluchhohn (1951), sendo os valores entendidos como concepções do desejável, que instigam o comportamento, além de serem internalizados pelos atores sociais, de serem tratados como princípios gerais que orientam as ações das pessoas e também por serem compartilhados por grupos sociais (Souza, 2012; Vione, 2012).

Segundo Medeiros (2011), Parsons trouxe cinco grandes contribuições para a temática dos valores: 1) uma definição de valor que iniciou a discussão da diferença entre o desejado e o desejável; 2) Trouxe a ideia de que os agentes socializadores (pais, professores, etc.) possibilitam a convivência em sociedade, esses sendo os principais disseminadores dos valores comuns de uma sociedade; 3) a ideia de orientação dos valores, postulando a existência de um sistema de valores sociais e individuais, que irá determinar como as pessoas se comportam; 4) ideia de orientação valorativa, que é estruturada por meio da combinação de variáveis-padrão inerentes, resultando em valores; e 5) a institucionalização dos valores em um grupo social tende a produção de um efeito de perfeição, assim, função dos valores seria a manutenção do *status quo*, através da obediência às regras da institucionalização.

Ros (2006) comenta que as pessoas são motivadas a agir por três critérios: *cognitivos*, *afetivos* e *avaliativos*, além de serem guiadas por orientações de valores que as conduzem a respeitar normas sociais, limitando ou restringindo as suas possibilidades de escolha. Entretanto, seu trabalho sofreu algumas críticas. Por exemplo, Spates (1983) traz algumas: (1) falta de apoio empírico, (2) o problema da imposição dedutiva, (3) valores eram tidos como conceitos abstratos. No entanto, ressalta-se que Parsons ofereceu subsídios acerca do

desenvolvimento teórico dos valores, embora pouco tenha feito referente às pesquisas empíricas (Medeiros, 2011).

1.1.4. Clyde Kluckhohn

Clyde Kay Maben Kluckhohn (1905-1960) foi um antropólogo americano que procurou manter uma estreita relação acadêmica interdisciplinar entre a Sociologia e a Psicologia (Parsons, 1960). O trabalho de Kluckhohn (1951) foi essencialmente de cunho etnográfico e quantitativo, interessando-se em redefinir a variação cultural nas orientações de valor, que visava explicar as diferenças culturais, sendo impulsionado, inicialmente, pela grande depressão dos anos 30, buscando soluções para problemas sociais como raciais e educacionais (Tsiroginni & Gaskell, 2011).

O trabalho de Kluckhohn sofre uma grande influência da teoria da ação social (Parsons & Shils, 1951\1968), dedicando seus esforços a elaborar uma definição mais abrangente para o estudo dos valores (Herskovits, 1964; Rescher, 1969), reconhecendo a existência de fatores emocionais, cognitivos e comportamentais na estrutura dos valores e tendo como aspecto central a *concepção do desejável* como sendo relevante para comportamento seletivo (Smith, 1966).

Nessa direção, o autor define os valores como “*uma concepção, explícita ou implícita, distintiva de uma pessoa ou característica de um grupo sobre o desejável, que influencia nas escolhas das formas, meios e fins da ação*” (Kluckhohn, 1951, p.402). Sugere três aspectos da ação humana em seu conceito de valor: (1) declarações de aprovações e desaprovações (expressas por palavras/ ações); (2) investimentos e esforços para realização de um fim e (3) situações de escolha de um determinado fim (Engelbertz, 2015).

Para Kluckhohn (1951), *valor* é o resultado da socialização, é uma concepção que pode ser explícita ou implícita; e caracterizada pelo grupo ou de maneira individual, através do desejável, permitindo, assim, uma vida em sociedade. Além disso, Engelbertz, (2015) elenca e

comenta os aspectos cruciais que englobam a definição de valores apresentada por Kluckhohn, que serão brevemente explanados a seguir:

1. *valores como uma concepção*, explícita ou implícita, distintivo de um indivíduo ou característica de um grupo, é uma construção lógica de natureza abstrata que não pode ser observável diretamente, manifestando-se por comportamentos, tais como a forma de agir e falar (Gouveia, 1998; Medeiros, 2011);

2. *desejável*, que influencia a escolha dos modos, meios e fins existentes da ação, referindo-se ao componente afetivo dos valores (Soares, 2015). Além disso, *concepção* expressa a união da razão e do sentimento, que são fundamentais ao conceito de valores, não sendo atributo específico de um objeto, situação ou instituição social, funcionando, como um princípio geral, que orienta a ação humana na sociedade (Gouveia, 1998). Segundo Gouveia (1998), existem os elementos afetivos (desejáveis), cognoscitivos (concepção) e conativos (seleção), que são fundamentais para o entendimento dos valores.

Os estudos de Kluckhohn favoreceram no entendimento e formulação de valores, principalmente na vertente cultural (Soares, 2015), a exemplo da teoria das dimensões das culturas de Hofstede (1980) e dos valores materialistas e pós materialistas de Inglehart (1973).

1.1.5. Abrahm Harold Maslow

Outro teórico que ajudou a formular o entendimento dos valores foi o Psicólogo norte americano Abrahm Harold Maslow, ao elaborar a Teoria da Necessidades Humanas, publicando uma série de artigos teóricos entre as décadas de 1940 e 1950, propondo a existência de uma hierarquia de necessidades que afeta o comportamento de todos os seres humanos (Silton, Flannelly, Flannelly, & Galek, 2011). Como resultado de seus estudos, em 1954, publicou a obra *Motivação e Personalidade (Motivation and Personality)*, trazendo uma visão positiva e total da natureza humana, numa visão mais holística do ser humano, ou seja, evitando uma forma reducionista e compreendendo o ser humano como um todo integrado.

A Teoria das necessidades motivacionais proposta por Maslow (1954) considera a existência de 5 tipos de necessidades, que variam hierarquicamente, em ordem decrescente. De acordo com essa tipologia, é possível identificar cinco categorias de necessidades, considerando que a medida que é satisfeita uma necessidade mais urgente, surgem outras que modificam o comportamento da pessoa. Assim, quando uma necessidade menos elevada já está “razoavelmente” satisfeita, se disparará uma nova necessidade (Cavalcanti, 2016). A seguir, as cinco necessidades serão sumariamente apresentadas, respectivamente, considerando o seu grau de importância para a sobrevivência humana, segundo Maslow (1954):

a) Necessidades fisiológicas. São necessidades decorrentes de impulsos e funções corporais, tais como (a fome, a sede, o sexo, descanso, etc.). São as consideradas necessidades mais elementares e ao mesmo tempo as mais essenciais para o ser humano, mais conscientes, menos irreprimíveis e mais prepotentes (Cabezas, 1988);

b) Necessidades de segurança. Referente ao fato das pessoas tenderem a se organizar de uma maneira a evitar ameaças inesperadas, buscando certa estabilidade, procurando entender e controlar as mudanças do ambiente em que estão inseridas (Sampaio, 2009);

c) Necessidades de pertença (afiliação) e amor. Está relacionada à necessidade de ter amigos, relacionamento romântico, carinho e senso de comunidade (Soares, 2015). Compreendendo a necessidade do ser humano de estar inserido em um grupo social, a ânsia por relacionamentos, por compartilhar afetos (amizade e intimidade), um lugar na família, faz com que a pessoa se esforce com grande intensidade para atingir esses fins (Maslow, 1987);

d) Necessidade de estima. Referente a sentir-se respeitado e valorizado pelos demais, digno e competente como qualquer outro. Segundo Soares (2015) essas necessidades podem ser divididas em dois tipos: 1) o respeito pelos demais, status, reconhecimento e atenção; e 2) o respeito por si mesmo, além de autoconfiança, competência, liberdade e realização;

e) *Necessidades de autorrealização*. Corresponde ao desenvolvimento das potencialidades pessoais, das idiossincrasias, dos talentos e capacidades, (Cavalcanti, 2016), na qual a pessoa apresenta uma maior aceitação de si mesmo, dos outros e da natureza (Maslow, 1979).

Em suma, Maslow (1954) considerou que a medida em que necessidades mais urgentes são satisfeitas, emergem as menos urgentes, que formam o menor degrau na hierarquia. Assim, a satisfação gera novos desejos (necessidades) e estas se organizam em hierarquia de prepotência. Segundo Maslow, um homem perfeito e saudável é uma pessoa que tem adequadamente satisfeitas em termos dessas necessidades básicas em igual medida (Zavei & Jusan, 2012). Uma vez saciadas essas necessidades elementares, devido às idiossincrasias, as pessoas começam a desenvolvê-las para os seus fins particulares. Assim, o desenvolvimento passa a ser mais determinado de dentro para fora do que de fora para dentro (Maslow, 1979).

Apesar de ter suas raízes nas ciências sociais, a teoria de Maslow influenciou a maioria dos campos da psicologia (Lyon, 1971), principalmente a Psicologia clínica, configurando-se como umas das principais teorias no que se refere à temática da motivação, além disso é considerada mais inclusiva que outros modelos teóricos existentes, tais como a Teoria motivacional Triádica (Alderfer, 1972), Teoria Bifatorial de Herzberg (Herzberg, Mausner, & Snyderman, 1959) e a Teoria das Necessidades Aprendidas (McClelland, 1961), além de diferenciar os tipos específicos de necessidades (Gouveia, 2013).

Apesar de jamais ter se preocupado em definir operacionalmente as categorias de necessidades, nem em testar empiricamente de sua teoria motivacional, este autor trouxe duas contribuições importantes para o estudo dos valores humanos: (1) admitiu que todos são positivos, considerando a natureza benevolente dos seres humanos, sendo orientados para a autorrealização e; (2) reconheceu que os valores podem representar necessidades mais deficitárias, tais como as fisiológicas, ou as que estão relacionadas com o desenvolvimento, como a autorrealização (Soares, 2015).

Embora existam críticas devido à ausência de apoio empírico ou o fato de autores como Gouveia (2003) reconhecerem a classificação dos tipos motivacionais proposta por Maslow, mas não sustentarem sua hipótese de hierarquia, as ideias de Maslow ajudaram na elaboração de estudos que refletem as necessidades dos seres humanos (Roming & Cleland, 1972), além de contribuírem para o desenvolvimento de outras teorias que ajudaram significativamente com o estudo dos valores, a exemplo das dimensões materialista e pós-materialista de Inglehart (1977), dos tipos motivacionais de Schwartz (1992, 2006) e do modelo funcional dos valores elaborado por Gouveia (1998, 2003, 2013).

Percebe-se que os precursores dos modelos contemporâneos, direta ou indiretamente, contribuíram para modelos teóricos que hoje são amplamente difundidos no cenário nacional e internacional, e que são objeto das próximas linhas, iniciando com os principais nomes da perspectiva que percebem os valores no nível cultural.

1.2. Principais teóricos da perspectiva Social do Valores Humanos (vertente cultural)

Contando com as contribuições sumariamente explanadas anteriormente, foram desenvolvidas algumas teorias acerca dos valores, os quais partem desde uma perspectiva sociológica, que consideram que as propriedades valorativas não devem ser levadas em conta de maneira individual, e sim o somatório dos valores das pessoas de uma determinada cultura (Gouveia, 2013). Desse modo, inicialmente, serão abordados os trabalhos que partem da perspectiva sociológica, merecendo destaque os modelos de Ronald Inglehart (1977) e Geert Hofstede (1984).

1.2.1. Contribuições de Geert Hofstede para o estudo transcultural dos Valores

Desde a perspectiva sociológica, Geert Hofstede, na década de 80, foi o autor que tratou da estrutura transcultural dos valores humanos (Ros, 2006). Em seu livro intitulado “*Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values*”, publicado em 1980, o autor averiguou valores relativos ao trabalho de 100.00 empregados da empresa multinacional IBM,

através de 40 nações (The Chinese Culture Connection, 1987), formulando um conjunto de perguntas que descreviam atitudes, crenças e metas referentes ao contexto do trabalho (Gouveia, 2013).

Dessa forma, partindo da literatura e de teorias derivadas das ciências sociais, Hofstede (1980) observou, inicialmente, a existência de quatro dimensões valorativas no contexto do trabalho, nas diversas culturas (The Chinese Culture Connection, 1987). Entretanto, por meio de estudos posteriores, como resultado de inquéritos a um número crescente de países da Ásia Oriental, Hofstede incluiu mais duas dimensões ao seu modelo (Hofstede, 2011). As dimensões são brevemente descritas, a seguir:

(1) *Distância do poder*: Esta dimensão refere-se a medida pela qual, as pessoas menos poderosas das instituições, que são os elementos básicos de uma sociedade (família, a escola e a comunidade) e organizações, ou seja, os lugares onde as pessoas de uma sociedade trabalham acabam legitimando e aceitando que o poder seja distribuído de maneira desigual; é a maneira como os trabalhadores subordinados reagem frente à autoridade e ao poder (Hofstede, Hofstede, & Minkov, 2010). Esse é um indicador de aceitação ou não de hierarquia, no qual o poder e a desigualdade são considerados fatores eminentemente importantes entre as culturas, sugerindo que o nível de desigualdade de uma sociedade é endossado tanto por subordinados, como por seus líderes, asseverando que todas as sociedades são desiguais. Entretanto, algumas são mais desiguais do que as outras, ou seja, essa dimensão está relacionada com as diferentes soluções para os problemas básicos de desigualdade do ser humano (Hofstede, 2011).

(2) *Evitação da incerteza*: indica o grau de descontentamento que as pessoas sentem em situações desconhecidas, incertas ou que não foram planejadas previamente (Maleki & Jong, 2014). Hofstede (2001) comenta que as culturas tendem a esquivar-se da incerteza; dessa forma elaboram muitas regras, prescrições e proscricções, mesmo que elas, muitas vezes, não possam ser seguidas, indicando a ansiedade e inquietação das pessoas frente às situações inesperadas,

que geralmente estão relacionadas ao futuro, minimizando a possibilidade de situações incertas, através de códigos comportamentais, que podem ser estritos (leis e regras) pela desaprovação de opiniões desviantes ou por crenças em verdades absolutas de uma nação.

(3) *Coletivismo vs. Individualismo*: Esta dimensão mostra o quanto os membros de uma sociedade são responsáveis uns pelos outros, além de abranger o grau de independência entre eles; ou seja, é a intensidade em que as pessoas em uma sociedade são integradas aos grupos de pertença. Contudo, evidencia-se que algumas culturas apresentam características mais individualistas que outras, esperando-se que em culturas as quais enfatizam a individualidade cuidem apenas de si mesmo e de sua família primária. Entretanto, em culturas com aspectos mais coletivistas, ou seja, que possuem pessoas mais integradas umas com as outras desde o seu nascimento, constituem, assim, grupos fortes, coesos, que podem ser constituídos pela família secundária, tais como os tios, tias e avós. Essa dimensão é extremamente importante em todas as sociedades em torno do mundo (Hofstede et al., 2010).

(4) *Masculinidade vs. Feminilidade*: Indica que, em países que primam por valores com características consideradas masculinas, as pessoas enfatizam o materialismo, o reconhecimento e os ganhos pessoais; e em culturas consideradas femininas as pessoas acabam dando uma ênfase maior aos relacionamentos e as interações pessoais. Nas culturas masculinas, enfatizam os valores de realização e o sucesso, enquanto que em sociedades femininas predominam os valores de apoio social e os relacionados com a qualidade de vida (Mooij & Hofstede, 2010).

(5) *Orientação para o longo prazo*. Também denominado de *Dinamismo confuciano* (Couto, 2017). Essa dimensão foi identificada, inicialmente, em um estudo realizado por Chinese Culture Connection (1987) em estudantes de 23 países, fazendo alusão aos ensinamentos do pensador chinês Confúcio (Hofstede, 1997), que está associado ao trabalho árduo. A dimensão mostrou-se fortemente correlacionada com o crescimento econômico. Em

termos práticos, relacionam-se com a orientação para curto prazo os valores orientados para tradições, estabilidade e a harmonia social *versus* longo prazo, com valores direcionados para o futuro, com orientações progressivas, a exemplo da perseverança (Couto, 2017).

(6) *Fruição imediata vs Contenção*, se relaciona com o grau em que cada membro da sociedade tenta controlar seus desejos e impulsos relacionados com o aproveitamento da vida. Assim, as sociedades que primam por fruição tendem a permitir a satisfação livre e imediata dos desejos humanos elementares e naturais relacionados com aproveitar a vida, ao passo que sociedades consideradas contidas acreditam que tal gratificação deva ser regulada e controlada por normas sociais rigorosas (Hofstede, 2011).

Para Hofstede (2001), a cultura e as dimensões, dela derivadas, explicam e preveem os comportamentos humanos. Dito isto, o autor define cultura como "*uma programação mental*", um software da mente, responsável por diferenciar, um do outro, grupos ou categorias de pessoas. Dessa forma, a cultura é entendida como um atributo coletivo, que não pode ser observado diretamente, sendo comum para alguns, mas não para todos os indivíduos (Hofstede & McCrae, 2004).

Outro modelo teórico que merece destaque é a *Teoria dos Valores Políticos* de Inglehart (1971), a qual considera duas dimensões valorativas, consensuais na literatura (Braithwaite & Scoot, 1991), denominadas de materialismo e pós-materialismo, que serão brevemente explanadas a seguir.

1.2.2. Valores Materialista e Pós-materialistas de Ronald F. Inglehart

Partindo da perspectiva sociológica dos valores, Inglehart em 1971, na tentativa de definir a origem dos valores, elaborou o primeiro modelo teórico sobre a temática, considerando os aspectos sociais e culturais dos valores (Medeiros, 2011). O autor propôs uma teoria admitindo que as propriedades dos valores mudam dependendo do nível de avanço de uma cultura. Para sustentar essa premissa de mudança cultural e baseando-se na de Teoria das

necessidades de Maslow (1954), ele argumentou que os indivíduos tendem a suprir as necessidades de forma hierárquica. Assim sendo, os objetivos dos indivíduos são perseguidos de maneira ordenada, em que são enfatizadas as coisas consideradas importantes, a necessidade não saciada naquele dado momento (Inglehart, 1971, 2012).

Dessa forma, Inglehart (1971, 2012) propôs que as sociedades mais avançadas industrialmente tendem a se afastar de preocupações que são consideradas materialistas, indo em direção e enfatizando aspectos mais voltados para a liberdade, auto-expressão e maior qualidade de vida, ou seja, em direção dos valores pós-materialistas; sugerindo que, durante o transcurso transgeracional, existe uma mudança nas propriedades valorativas de uma sociedade, que ocorrem de maneira gradual (Abramson & Inglehart, 1995; Ippel, Gelissen, & Moors, 2013). Além disso, para Inglehart (1994), nos valores materialistas encontrar-se-ia a diferenciação entre os valores espirituais e materiais, pois efetua-se uma passagem dos valores religiosos espiritualistas à concepção de um estado laico e materialista.

Desta forma, quando esse autor buscou identificar as dimensões materialista e pós-materialista, permitiu que fossem comparadas as culturas. Dito de outro modo, entende-se que a dimensão materialista está ligada às necessidades mais básicas, por exemplo, a de segurança (comer e beber), quando não estão plenamente satisfeitas, fazendo com que deem ênfase a coisas concretas. Entretanto, quando supridas as necessidades mais elementares, surge a dimensão pós-materialista, remetendo-se às necessidades do mais alto nível da hierarquia, tais como, abstrações, ideias e sentido de igualdade social (Gouveia, 2013). Baseando-se na mudança de valores ocorrida entre as gerações, Inglehart (1971) estruturou sua teoria em duas hipóteses principais:

(1) *A hipótese de escassez*. Prediz que as pessoas priorizam o que mais necessitam. Isso é refletido por meio da sua situação ou condições socioeconômicas, colocando um maior valor subjetivo nas coisas que estão sendo, relativamente, pouco abastecidas na sociedade;

(2) *A hipótese de socialização*. Prediz a existência de uma relação entre o ambiente socioeconômico e prioridades valorativas das pessoas, ocorrendo um ajustamento, que não ocorre de maneira imediata. Existe, assim, um considerável espaço de tempo para que as propriedades valorativas básicas reflitam as condições que prevaleceram em uma sociedade. Dessa forma, os valores básicos são reflexos das condições que prevaleceram durante os anos que antecederam sua idade adulta (Inglehart & Weizel, 2005), dando atenção, principalmente, ao período da infância e o da adolescência (Mendes, 2010).

Foi por meio de pesquisas empíricas que Inglehart (1977) averiguou a validade fatorial de sua medida. Utilizando-se da análise de componentes principais, foi possível observar que os valores materialistas e os pós-materialistas compreendiam polos opostos, além de se agruparem em uma estrutura bipolar, na qual os indicadores dos valores materialistas se agruparam no polo positivo do *continuum*, enquanto os itens compostos para avaliar os valores pós-materialistas agruparam-se ao redor do polo negativo (Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013). Entretanto, Gouveia (1998) questiona esse achado, argumentando que em diversos países essas dimensões se confundem ou se combinam, sendo inadequado tratá-las como polos distintos, mas englobando-as em uma única dimensão.

Posteriormente, Inglehart (1994) sinaliza a existência de uma outra dimensão cultural, que foi denominada de modernização/pós-modernização, servindo como suporte para explicar a transição que ocorre de sociedades tradicionais para as modernas, havendo mudanças nas formas de autoridade, passando da religiosa para a estatal (Ros & Gouveia, 2006). Nessa direção, Estramiana et al. (2013) argumentam que desde o período do feudalismo as culturas teriam passado por sucessivas mudanças de valores, por diferentes momentos da história, quando as sociedades modernas teriam passado do predomínio dos valores religiosos ao dos valores materialistas para, atualmente, predominarem os valores pós-materialistas, que ocorreram em decorrência os avanços da sociedade.

Em suma, a teoria proposta por Inglehart pressupõe que pessoas que dão ênfase a valores pós-materialistas devem aumentar de forma gradual, diminuindo, assim, as pessoas com propriedade valorativas materialistas. Nesse sentido, à medida que a população intergeracional vai se recompondo, modificam-se também os valores. Entretanto, isso não ocorre de maneira linear, sendo que os efeitos a longo prazo são influenciados e sofrem interferências.

1.3. Perspectiva Psicológica no estudo dos Valores Humanos (vertente individual)

Quando considerado o plano individual acerca dos valores, utilizam-se, as teorias, para caracterizar as prioridades que orientam os indivíduos, as bases motivacionais nas quais são apoiados os valores, servindo igualmente para entender as diferenças entre os indivíduos. Ros (2006) enfatiza que as teorias que regem a perspectiva individual são comumente relacionadas com tomadas de decisões e atitudes manifestas por cada indivíduo.

Portanto, tais teorias são úteis para o estabelecimento de relações entre as prioridades valorativas e os comportamentos das pessoas ou grupos que as priorizam. Como não poderia deixar de ser, essa exposição é iniciada com a obra de Milton Rokeach, que pode ser considerado figura central no estudo da temática, dando contribuições importantes que foram acolhidas em diversos modelos dos valores, como os de Schwartz (1992) e Gouveia (2003).

1.3.1. Valores Instrumentais e Terminais de Milton Rokeach

No que se refere a uma perspectiva psicológica dos valores humanos, destacam-se os estudos realizados por Milton Rokeach (1973), que enfatizaram o papel central dos valores no sistema cognitivo das pessoas, possibilitando explicar crenças, atitudes e comportamentos. Rokeach foi o primeiro autor a discutir a centralidade dos valores no âmbito da Psicologia Social (Ros, 2006), colocando-o a frente do conceito de atitudes, além de considerar valores como um construto legítimo, distinguindo-o dos outros que costumavam ser associados, a exemplo de crenças, atitudes e personalidade (Braithwaite & Law, 1985).

Para Rokeach (1973), os valores devem apresentar duas características essenciais: (1) são crenças duradouras, e (2) são modos de conduta ou estados finais de existência, devendo esse modo de conduta ser socialmente preferível, além de serem hierarquicamente organizados. Uma vez internalizados, funcionam como um padrão de critério que guia as ações humanas.

Referente às crenças, Rokeach (1968) postulou a existência de três tipos: (a) *descritivas*, para designar o que é verdadeiro ou falso; (2) *avaliativas*, para julgar se um determinado objeto é bom ou ruim; e (3) *prescritivas*, referente a se uma forma ou finalidade de uma ação é desejável ou indesejável. No que concerne os modos de condutas e estados finais de existência, o autor considerou os valores como pertencentes a duas categorias distintas: (1) *valores instrumentais* e (2) *valores terminais*. Segundo Soares (2013), os primeiros valores, consistem no meio do indivíduo alcançar o desejável (e.g., ambicioso, honesto, responsável). Enquanto que o segundo tipo, os valores terminais, correspondem ao próprio desejável, ou seja, representam os estados finais de existência (e.g., igualdade, felicidade), podendo ser divididos em pessoais (centrados na pessoa), com foco intrapessoal ou em valores sociais (centrado na sociedade), em que o foco é intrapessoal.

Além disso, ao compreender que os valores se organizam de forma hierárquica, entende-se que cada valor é priorizado em razão de sua importância quando comparado com os demais valores (Mendes, 2010). O modelo proposto por esse autor considera cinco pressupostos teóricos, a saber: (1) as pessoas possuem um número relativamente pequeno de valores; (2) todas as pessoas possuem os mesmos valores, independente da cultura que estão inseridas, variando apenas o grau de importância que lhes são atribuídos; (3) os valores são organizados por sistemas de valores, ordenados pelo grau de importância; (4) os antecedentes dos valores podem ser determinados pela sociedade, pela cultura e por suas instituições, como também pela própria personalidade dos indivíduos; (5) os valores se manifestam em fenômenos que são

dignos de serem estudados pelos cientistas sociais (Rokeach, 1973). Para uma melhor compreensão do leitor, os valores instrumentais e terminais serão apresentados na tabela 1.

Tabela 1.

Tipos de valores instrumentais e terminais de Rokeach.

Tipos de Valores	
Terminais Estados finais de existência	Instrumentais Modos de comportamento
Pessoais Centrados na própria pessoa, foco intrapessoal Exemplos: <i>salvação, harmonia interior</i>	De competência Sua transgressão provoca vergonha, foco intrapessoal Exemplos: <i>lógico, inteligente</i>
Sociais Centrados na sociedade, foco interpessoal Exemplos: <i>um mundo de paz, amizade verdadeira</i>	Morais Sua transgressão provoca culpa, foco interpessoal Exemplos: <i>honesto, responsável</i>

Nota. Adaptado a partir de “The Nature of Human Values”, de M. Rokeach 1973, p. 7-8. Copyright 1973 de The Free Press.

Como pode ser observado na Tabela 1, Rokeach (1973) preconiza a existência de dois principais tipos principais de valores, que foram denominados de *instrumentais* e *terminais* (Estramiana et al., 2013). Ademais, para (Rokeach, 1973) os valores servem de modelo para orientar o comportamento das pessoas nas variadas condições e situações cotidianas, tais como na tomada de decisões ou na resolução de conflitos. Entretanto, é importante se dizer que apesar de suas contribuições para o entendimento e a legitimação do construto, esse autor não chegou a comprovar a estrutura dos valores instrumentais e terminais que propôs (Souza, 2012).

Além disso, destacam-se as funções dos valores atribuídas por Rokeach (Soares, 2015; Couto, 2017): (1) *ego-defensiva*: a mudança nos sentimentos ou nas ações que são pouco aceitas a fim de que se tornem conceitos justificáveis em uma determinada cultura; (2) *conhecimento* ou *autorrealização*: compreendendo que determinados valores provocam uma busca por significado e compreensão, que indicam conhecimento e, conseqüentemente, trazem a

autorrealização; (3) *critérios de orientação*: servem para manter a autoestima em situações problemáticas, na resolução de tarefas, em atitudes e comportamentos que são moralmente aceitos; (4) *motivacional*: os valores são guias das ações humanas no dia a dia e expressam as necessidades humanas básicas e (5) *adaptativa*: o conteúdo de alguns valores são de orientação adaptativa ou orientados para a utilidade.

Em resumo, as suas contribuições mais importantes foram duas: (1) o desenvolvimento de um instrumento de mensuração dos valores, nomeado de *Rokeach Value Survey (RVS)*, composto por 36 itens (equitativamente divididos entre os dois tipos de valores) e o método de confrontação dos valores (Ros, 2006); e (2) o avanço na conceituação dos valores, sendo fundamental para a compreensão das teorias atuais (Campos & Porto, 2010).

Dessa forma, tomando como base os antecedentes históricos e os pressupostos teóricos apresentados, especialmente por Rokeach, Schwartz elaborou sua teoria em 1992, conhecida como a *Teoria Universal dos Valores humanos*, descrita a seguir.

1.3.2. Valores universais de Shalom H. Schwartz

É inegável a importância das contribuições de Rokeach para os estudos dos valores, tendo um papel decisivo, sobretudo na Psicologia e até na Psicologia Social, podendo inclusive ser considerado o pai da temática, já que foi quem deu legitimidade a esse construto, tornando-o independente de outros ao qual costumava ser associado (Gouveia, 2013).

No entanto, deve-se ressaltar que foi através das pesquisas transculturais realizadas por Schwartz e seus colaboradores que o estudo desse construto tomou um novo impulso, tornando-se atualmente um dos principais temas em psicologia social. Desde o final dos anos 80 seu modelo tem sido a principal referência nos estudos dos valores humanos, sendo a teoria de maior impacto dentro da Psicologia Social, no âmbito transcultural e áreas afins (Lima, 2012).

Inicialmente, o esforço de seu trabalho foi na tentativa de resolver o aspecto da classificação dos valores (Schwartz, 1997). Nesse sentido, pelo menos inicialmente, este autor

propõe, juntamente com Bilsky (Schwartz & Bilsky, 1987, 1990) uma de tipologia que primava a universalidade, na qual os valores representariam formas de metas conscientes, com três requisitos básicos de necessidades universais da existência, que todo ser humano e sociedade devem responder, a saber: 1) as biológicas, ou seja, que garantem a sobrevivência do ser humano; 2) de coordenação e regulação as interações sociais; e 3) necessidades de sobrevivência e bem estar grupal, das instituições em que está inserido. Essas são as características que formalmente diferenciam os valores humanos de outros conceitos correlatos e os seus conteúdos são diferenciados através da meta motivacional que cada um expressa. Assim, os valores são organizados conforme as motivações ou objetivo (Schwartz, 2006).

Dessa forma, esse autor considera que os valores são metas desejáveis que motivam a ação, transcendendo situações específicas, além de variar em graus de importância, que orientam e guiam as pessoas, além de servirem como um critério para a seleção de condutas individuais ou de instituições sociais (Schwartz 1992, 1994, 2012). Essa teoria postula que os valores não apenas influenciam os indivíduos em suas aspirações ou crenças, mas são capazes de moldar sociedades inteiras (Vauclair, Hanke, Fischer, & Fontaine, 2011). Portanto, a aquisição dos valores se dá por meio da socialização dos grupos, bem como pelas experiências individuais (Schwartz & Bilski, 1987).

Inicialmente, Schwartz propôs uma teoria que identificava a existência de sete valores motivacionais (Schwartz & Bilsky, 1987), admitindo, posteriormente, a existência de dez (Schwartz, 1990), que são reconhecidos em todas as culturas, agrupando-se em duas dimensões bipolares que se contrapõem, divididos entre valores pessoais e coletivistas (Schwartz, 1992, 2007).

Entretanto, mais recentemente Schwartz et al. (2012) refinaram a teoria, acrescentando dois novos pressupostos: (1) considera que alguns tipos motivacionais de valores agregam diferentes motivos psicológicos básicos, permitindo justificar os subtipos de valores (e.g.,

autodireção no pensamento e autodireção); (2) compatibilidade e conflito entre os valores podem ser representados entre duas dimensões superiores: autoexpressão e crescimento com baixa preocupação sem ansiedade vs. busca de autoproteção e evitação da ansiedade; foco motivador pessoal (preocupação da pessoa consigo) vs. motivações sociais (preocupação frente as expectativas sociais) (Estramiana et al., 2013).

Ademais, são caracterizados como valores individuais: autodireção, estimulação, hedonismo, realização e poder, sendo opostos a esses os valores ditos coletivos: benevolência, conformidade e tradição. Os valores segurança e universalismo são considerados valores mistos por servirem para ambos os tipos de interesse (Schwartz, 1992). Esses tipos de valores são derivados de três requerimentos humanos universais (Schwartz & Bilsky, 1987, 1990), que são: (a) as necessidades básicas (organismo); (b) os motivos sociais (interação); e, por fim, (c) as demandas institucionais para o bem-estar e a sobrevivência dos grupos.

Para Schwartz (1992) os valores representam as respostas das pessoas e dos grupos através de três requisitos universais, a saber: (1) as necessidades dos indivíduos em suas condições de seres biológicos; (2) a coordenação das ações sociais; (3) o funcionamento correto e a sobrevivência dos grupos. Ademais, a partir desses três requisitos universais derivam os dez tipos motivacionais (Schwartz, 1992, 2006). A seguir serão apresentados os dez tipos motivacionais dos valores:

1) *Autodireção*: busca da independência do pensamento e liberdade de ação, envolvendo escolhas, criatividade e exploração (Criatividade; independência, liberdade);

2) *Estimulação*: busca de excitação, novidades, desafios e mudanças na vida (ser atrevido; ter uma vida excitante, uma vida variada);

3) *Hedonismo*: busca de prazer e gratificação pessoal (desfrutar da vida, prazer);

4) *Realização*: demonstração de sucesso pessoal e competência de acordo com os padrões sociais (ambicioso, capaz, obter êxito);

5) *Poder*: busca de status social e prestígio, controle ou domínio sobre as pessoas e recursos (poder social, autoridade e riqueza);

6) *Segurança*: busca de segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo (ordem social, segurança familiar, segurança nacional);

7) *Conformidade*: valorizam-se as normas sociais e evitam-se comportamentos que podem prejudicar os outros, respeito aos mais velhos (autodisciplina, bons modos, obediência);

8) *Tradição*: busca de respeito, compromisso, aceitação dos bons costumes e ideias impostas pela cultura, assim como pela religião (devoto, honra aos pais e aos mais velhos, humildade, respeito pela tradição, vida espiritual);

9) *Benevolência*: busca e prevenção do bem-estar das pessoas com quem se mantém relações de intimidade (ajudando, sendo honesto, não rancoroso, ter sentido na vida);

10) *Universalismo*: busca de compreensão, tolerância, aceitação e bem-estar de todos, além da proteção e preservação dos recursos naturais (aberto, amizade verdadeira, igualdade, justiça social, protetor do meio ambiente, sabedoria, um mundo em paz, um mundo de beleza).

Para melhor absorção do modelo e valores prescritos por tal autor, na Tabela 2, a seguir, podem ser vistos de forma resumida os tipos motivacionais e seus descritores segundo Schwartz (1992, 2006).

Tabela 2.

Tipos motivacionais de Schwartz.

Tipo motivacional	Valores	Fontes
Autodireção	Criatividade; Curiosidade; Liberdade	Organismo; Interação
Estimulação	Ousadia; Vida variada; Vida excitante	Organismo
Hedonismo	Prazer; Apreciar a vida	Organismo
Realização	Bem sucedido; Capaz; Ambicioso	Interação; Grupo
Poder	Poder social; Autoridade; Riqueza	Interação; Grupo
Segurança	Segurança nacional; Ordem social; Limpo	Organismo; Interação; Grupo
Conformidade	Bons modos; Obediente; Honra os pais e os mais velhos	Interação
Tradição	Humilde; Devoto	Grupo
Benevolência	Prestativo; Honesto; Não rancoroso	Organismo; Interação; Grupo
Universalismo	Tolerância; Justiça social; Igualdade; Proteção do meio ambiente	Grupo; Organismo

Nota. Três requisitos universais dos valores: Organismo = necessidades universais dos indivíduos como organismos biológicos; Interação = requisitos universais para a coordenação da interação social; Grupo = requisitos universais para o funcionamento tranquilo e a sobrevivência de conjuntos de pessoas. Adaptado a partir de “Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos?” de S. H. Schwartz, 2006, em M. Ross & V. V. Gouveia (Orgs.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*, p. 59. Copyright 2006 da Edição brasileira: Editora Senac São Paulo.

As situações empregadas para priorizar cada tipo de valor têm consequências práticas e sociais, que podem entrar em conflito com a realização de outros tipos de valores (Solano & Nader, 2006). Dessa forma, quando se estudam os valores, deve-se primar por analisar compatibilidade ou conflito entre eles, sempre considerando duas dimensões antagônicas bipolares de ordem superior (Campos & Porto, 2010). Assim, considera-se que os valores são compatíveis quando determinados comportamentos promovem ou expressam metas de um par de valores. Entretanto, quando os comportamentos têm consequências opostas para dois valores, promovendo a meta de um valor específico em detrimento de outro, ocorre conflito entre os valores (Torres, Schwartz, & Nascimento, 2016).

Além disso, a tipologia de Schwartz organiza-se em uma estrutura circular, além de apresentar uma estrutura dinâmica em relação aos tipos motivacionais (Tamayo & Porto, 2009),

como foi proposto pelo seu autor principal no final dos anos 1980 (Schwartz & Bilsky, 1987), o que pode ser observado na Figura 1.

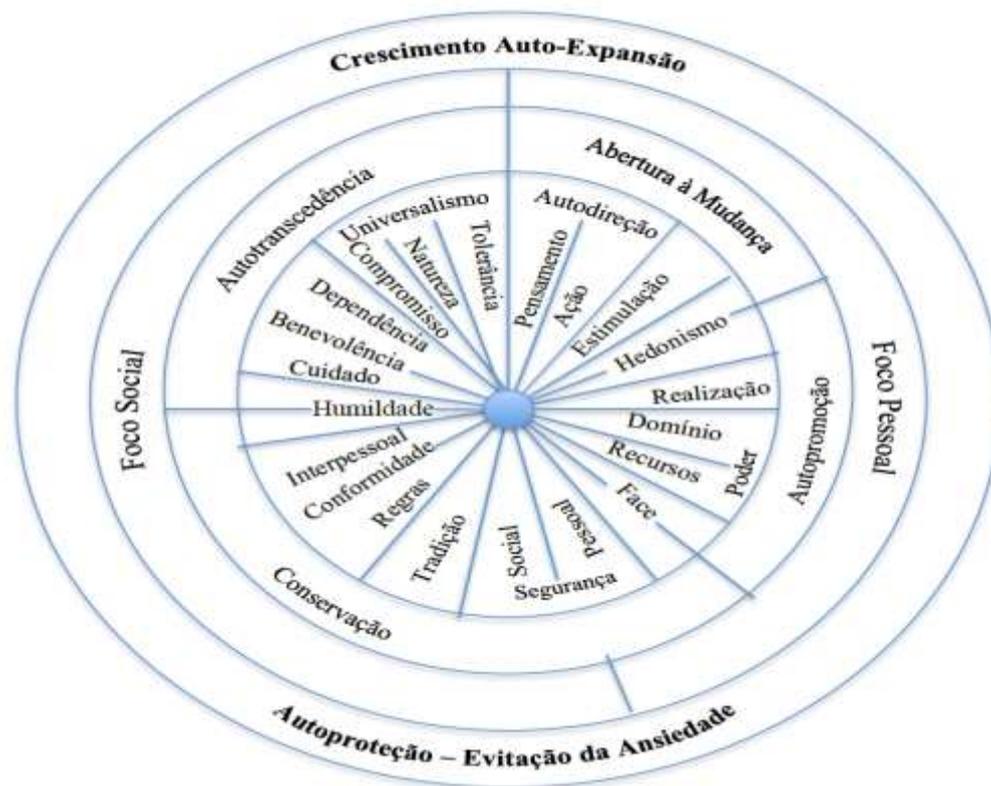


Figura 1. Estrutura dos tipos motivacionais dos valores de Schwartz. Adaptada a partir de “Refining the theory of basic individual values”, de S. H. Schwartz, et. al. 2012, *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663-688. Copyright 2012 American Psychological Association.

Como pode ser observado na Figura 1, segundo Torres et. al. (2016), o círculo maior compreende os valores em dois grupos: um referente a como lidar com a ansiedade e proteção do self (parte inferior) e um segundo grupo associado ao autodesenvolvimento, sendo relativamente livre de ansiedade (metade superior). No círculo posterior, existe a distinção entre os valores com foco pessoal (compostos à esquerda) e os valores com foco social, que correspondem, também, às instituições (compostos à direita). No círculo seguinte, observam-se os quatro tipos motivacionais de segunda ordem, formando as duas dimensões bipolares, que representam o pressuposto de incompatibilidade motivacional dos valores (Estramiana et al., 2013). Ademais, ressalta-se que na teoria refinada (Schwartz et. al., 2012) os 19 valores estão mais estreitamente definidos, além de abrangerem o mesmo contínuo motivacional composto

por 10 valores, mencionados anteriormente, fato que é compatível com a proposta inicial de Schwartz (1992).

Ademais, essa relação dinâmica sugere a existência de um padrão de conflitos e compatibilidade, em que os tipos conflitantes estão em direções opostas, e tomam como referência o centro do círculo, enquanto os compatíveis estão em posições adjacentes ou em posições próximas. Embora essa teoria faça diferença entre tipos de valor, acredita-se que, de maneira mais básica, os valores formem uma continuidade de motivações inter-relacionadas. É essa continuidade que dá lugar à estrutura circular (Schwartz, 2006) que foi apresentada anteriormente.

Assim, tal estrutura permite conceituar que o sistema de valores é organizado por duas dimensões básicas. A primeira dimensão, localizada no eixo horizontal, seria formada pela oposição entre abertura à mudança (combinando dos tipos motivacionais: autodireção e estimulação) X conservação (tradição, conformidade e segurança); aqui foca-se a estabilidade pessoal, a submissão e a manutenção das tradições. A segunda dimensão é apresentada na vertical, compreendendo oposição de autotranscendência (universalismo e benevolência) X autopromoção (poder e realização).

Em suma, Schwartz propõe que os valores são derivados das necessidades humanas consideradas universais e estruturam-se ao redor de duas dimensões bipolares: 1) autotranscendência vs. autopromoção, enfatizando o bem-estar dos outros, opondo-se a enfatizar a si mesmo; 2) abertura à mudança vs. conservação, com sentimentos, ações e independência de pensamento opondo-se à manutenção do *status quo* (Porto & Ferreira, 2016).

Apesar dessa tipologia ser destaque, sobretudo em âmbito acadêmico, ela não está isenta de falhas e críticas, tais como: (1) um direcionamento teórico subjacente à origem dos valores indicados; (2) justificativa para uma lista de 56 valores existentes no *Schwartz Value Survey*; e (3) justificativa para a utilização de uma escala de resposta (quase) *ipsativa*, fazendo com que

o respondente seja forçado a escolher em cada uma de suas listas, valores contrários aos seus (Gouveia et al., 2008). Outra crítica apontada, refere-se à concepção ambígua de conflitos entre os valores admitida pelo modelo de Schwartz, que é contrária à ideia do desejável (Gouveia, 2003).

Diante das críticas, e sem deixar de reconhecer a importância de cada um dos modelos anteriormente descritos, no final da década de 1990, surge um promissor modelo teórico, a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, principal aporte teórico desta dissertação e objeto do próximo capítulo, específico para sua explanação.

2. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

Em sua revisão acerca dos valores humanos, Gouveia (1998) pôde verificar que, em geral, os modelos de valores eram deficitários na exposição da fonte e natureza dos valores. Além disso, esse mesmo estudo indicou que poucas teorias valorativas partem da concepção de homem, sugerindo, assim, valores tanto positivos quanto negativos (contra valores), e que alguns modelos teóricos, a exemplo do de Schwartz (1992), apresentam valores sem conteúdo ou direção clara (e.g., valor limpo), além de deixar de inserir outros de grande importância como critério de orientação do comportamento (e.g., sobrevivência).

Deste modo, partindo das críticas supracitadas, Gouveia (1998, 2003, 2013) propõe um modelo alternativo denominado *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* (TFVH) e, durante os últimos vinte anos, vem sendo difundido no cenário nacional e internacional (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014b), além de se apresentar adequado em diversos contextos e culturas (Gouveia, 2013, 2016; Medeiros, 2011; Soares, 2015, Marques, Silva, Taveira, & Gouveia, 2016). Dessa forma, o presente capítulo tem como objetivo determinar os principais aspectos teóricos e conceituais aplicados pela TFVH, buscando apresentar o contexto e os pressupostos teóricos que ajudaram a fundamentá-la, dedicando-se a explicar as funções atribuídas aos valores, suas hipóteses principais, bem como a aplicabilidade do modelo no campo da Psicologia.

Todavia, primeiramente, faz-se necessário e pertinente apresentar um breve resgate histórico, na tentativa de situar o leitor quanto aos elementos que foram importantes e/ou necessários para a sua elaboração, testagem e aprimoramento da tipologia *Funcional dos Valores Humanos*.

2.1. Elaboração da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Um breve resgate histórico

A tipologia funcional dos valores humanos tem sido construída desde meados dos anos 1990. A sua elaboração emergiu da necessidade de Gouveia (1998) em conseguir respostas a

questões que eram inerentes aos valores, mas que modelos prévios não conseguiam explicar, e devido a limitações impostas, principalmente no modelo de Schwartz (1992, 1994). Entretanto, sem deixar de reconhecer o mérito ao trabalho transcultural de Schwartz, que possibilitou impulsionar o estudo dos valores, principalmente em âmbito acadêmico (Gouveia et al., 2008).

Nessa direção, segundo Gouveia (2013), as primeiras parcerias acerca da temática dos valores foram provenientes dos debates e discussões, o que lhe proporcionou um convite para participar do primeiro simpósio sobre os valores no país Basco. Esse fato trouxe maior clareza quanto à precariedade do modelo proposto por Schwartz (1992), que apresentava um aporte teórico carente de fundamentação.

Além disso, oriundo da interação de Gouveia com pesquisadores renomados de diferentes países, surge o livro *Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimento teóricos, metodológicos e aplicados*, que inicialmente foi publicado na língua espanhola (Ros & Gouveia, 2001) e, posteriormente, traduzido para o português brasileiro (Ros & Gouveia, 2006). Essa obra tem se configurado como uma das principais coletâneas sobre a temática, pois reúne importantes pesquisadores das vertentes sociológica e psicológica, a exemplo de Hofstede e Schwartz.

Devido a tais interações, aliado ao interesse e busca de aprofundamento de Gouveia em seus estudos sobre os valores, além do incentivo da professora Maria Ros, da Universidade Complutense de Madrid, é elaborada a *Teoria Funcionalista Valores Humanos*. Essa tipologia é fruto de um trabalho doutoral desenvolvido na Espanha, entre os anos de 1994 a 1998, contando com amostras de participantes espanhóis e brasileiros. Na ocasião (Gouveia, 1998), realizou três estudos, que objetivaram: (1) realizar a validação semântica de itens, (2) reduzir o número de itens da medida, sem perder o poder de explicativo dos valores básicos, e (3) averiguar a adequação do *Questionário de Valores Básicos (QVB)*, que, na oportunidade, ficou composto por 66 itens. Esse empreendimento, posteriormente, foi agraciado pelo Prêmio

Concepção Arenal de Humanidade, concedido pela Universidadde La Curuña e Ayuntamiento de Ferrol, na Espanha (Gouveia, 2013). O reconhecimento por sua contribuição teórica impulsionou o autor a seguir testando e aprimorando o seu modelo teórico (Soares, 2015).

Assim, no ano de 2003 é publicado na revista científica brasileira *Estudos de Psicologia (Natal)*, o artigo intitulado de *A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia*. A pesquisa realizada por Gouveia (2003) contou com a participação de 606 pessoas e objetivou reunir evidências empíricas, considerando três aspectos: (1) adequação da estrutura interna dos valores básicos; (2) convergência de sua tipologia com a Schwartz (Schwartz, 1992, 1994), além de (3) tentar explicar os valores por meio do grau religiosidade das pessoas. Para avaliar os valores, foi utilizado o *QVB*, em sua versão composta por 48 itens, proposta por Viana (2000). Dessa forma, cada um dos 24 valores era representado por dois itens, sendo 4 itens para cada umas das seis subfunções teorizadas, a saber: (a) *existência*, (b) *experimentação*, (c) *realização*, (d) *interativa*, (e) *normativa* e (f) *suprapessoal*.

Para tanto, os participantes indicavam a importância de cada valor como um princípio-guia na sua vida, por meio de uma escala que variava de 1(*decididamente não importante*) a 7 (*extremamente importante*). A escala continha os seguintes 24 valores: sobrevivência; sexual; prazer; estimulação; emoção; estabilidade pessoal; saúde; religiosidade; apoio social; ordem social; afetividade; convivência; êxito; prestígio, poder, maturidade, autodireção; privacidade; justiça social; honestidade; tradição; obediência; conhecimento e beleza.

Posteriormente, Gouveia et al. (2010) apresentam uma proposta de refinamento teórico e metodológico, publicando o artigo: *Teoría Funcionalista de los Valores Humanos em España: Comprobación de las Hipótesis de Contenido y Estructura*, na *Revista Interamericana de Psicología*. Para tanto, considerou-se uma amostra de 582 universitários da província de Cataluña, na Espanha, tendo em conta a versão composta por 18 itens/valores do *QVB*, proposta por Gouveia et al. (2008), que foram selecionados a partir de investigações empíricas anteriores

(Gouveia, 1998, 2003). Assim, foram eliminados dessa versão os valores: Estimulação, Ordem social, Autodireção, Privacidade, Justiça Social e Honestidade. Ademais, nessa oportunidade, realizou-se uma MDS confirmatória, que possibilitou testar e confirmar a hipótese de estrutura das subfunções valorativas, ou seja, considerando sua organização em duas facetas: (1) tipo de orientação (horizontal) e (2) tipo de motivador (vertical).

A TFVH surge com o objetivo de contribuir com a temática dos valores, apresentando-se como integradora, pois aplica-se a outros modelos prévios, a exemplo de Schwartz (1992) e Inglehart (1977), quando se refere a estrutura dos valores. Além disso o modelo compreende um conjunto de funções e subfunções dos valores, que fundamentam teoricamente os seus marcadores valorativos e que tornam a tipologia mais parcimoniosa (Gouveia et al., 2010). Isso tem possibilitado estudar a temática de maneira mais eficiente, além de preencher lacunas deixadas por tipologias prévias (Gouveia et al., 2008). Segundo Gouveia (1998), os valores são praticamente os mesmos desde civilizações antigas, porém, são priorizados de diversas maneiras, além de assumir conotações distintas. Portanto, entende-se que os valores permanecem os mesmos durante os tempos, o que mudam são as prioridades valorativas, podendo ser pensados como residuais e imutáveis (Gouveia et al., 2011).

Esta tipologia considera a base motivacional dos valores (Maslow, 1954, Schwartz, 1992), dando ênfase principalmente nas funções que lhes são atribuídas, compreendendo duas que se apresentam como consensuais na literatura (Allen, Ng, & Wilson, 2002): 1) o critério de orientar e guiar individualmente o comportamento (Hofstede, 1984; Inglehart, 1977) e (2) motivador que dá expressão cognitivamente às necessidades humanas (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987). Essas funções específicas serão melhor exploradas mais adiante.

Ademais, essa perspectiva não concebe os valores como qualidades ligadas a situações específicas (Gouveia, 2003), sendo eles diferentes de objetos e instituições. Nesse sentido, foi a partir dos estudos de Kluckhohn (1951) que os valores deixaram de ser propostos como objetos

e algumas de suas características (e.g., família e dinheiro) passando a ser tratados como princípios guias gerais que orientam as ações das pessoas, além de serem compartilhados por grupos sociais (Gouveia et al., 2011).

Segundo Gouveia (2013), essa teoria é composta por um núcleo rígido, que estrutura e se desdobra em hipóteses principais, a serem apresentadas posteriormente e testadas aqui, que favorecem o conhecimento sobre a natureza dos valores, além de apresentar cinco pressupostos teóricos:

(1) *Natureza humana*: esse pressuposto permite que se pense no comportamento das pessoas, como elas se relacionam com os demais, planejam a vida e reagem a acontecimentos cotidianos. Essa teoria assume a natureza benévola (positiva) do ser humano, ou seja, admitem-se apenas valores positivos, entretanto, mesmo que alguns valores tenham conotações negativas para determinadas pessoas (e.g. poder, prazer), sua essência é positiva, podendo ser integrado a um sistema de valores característico do indivíduo autorrealizado (Maslow, 1954);

(2) *Princípios-guias individuais*: neste modelo os valores são considerados individuais, por não haver razões para ser atribuída uma estrutura diferente, mesmo existindo modelos teóricos ditos culturais (Hofstede, 2011; Inglehart, 1977). Nesse sentido, entende-se que a cultura incorpora os valores que forem úteis para a sobrevivência grupal e os incorpora, tornando-os desejáveis (Gouveia et al., 2008);

(3) *Base motivacional*: Apesar de alguns autores compreenderem os valores como transformações das necessidades (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987), isso parece inconclusivo (Gouveia, et al., 2008). Essa teoria assume a ideia de que os valores são representações cognitivas das necessidades humanas (Kluckhohn, 1951; Maslow, 1954), além de demandas institucionais e sociais (Rokeach, 1973); admitindo-se apenas as necessidades positivas ao considerar a natureza benevolente do ser humano (Gouveia, 2013);

(4) *Caráter terminal*: Os valores expressam um propósito em si. Apesar de parecer plausível, semanticamente, considerar diferentes os valores instrumentais e terminais, não fica claro se as diferenças têm relevância conceitual ou meramente formal (Schwartz & Bilsky, 1987). Dessa forma, essa dicotomia quanto à classificação dos valores, pode ser reduzida a um problema puramente semântico, onde os valores terminais são considerados substantivos (amoroso) e os instrumentais como sendo adjetivos (amor maduro; Rohan, 2000), uma vez que valores instrumentais podem ser convertidos em terminais (Gouveia et al., 2010). Deste modo, na TFVH são tidos apenas os valores terminais (Gouveia, 2013), por se apresentarem em número reduzido, resguardando a parcimônia e por ser coerente com a definição dos valores defendida por esta tipologia (Cavalcanti, 2016);

(5) *Condição perene*: Apesar dessa ideia estar presente nos primeiros trabalhos teóricos (Gouveia, 2003), foi apenas em 2012 que esse pressuposto foi admitido formalmente, assumindo que os valores não mudam, são os mesmos de sempre, ou seja, compreende-se que são devido às demandas culturais, o contexto e condições de vida ou os processos socioeconômicos, que as pessoas ou grupos priorizam alguns valores em detrimento de outros (Cavalcanti, 2016). Dito isso, entende-se que o que mudam são as propriedades valorativas e não os valores em si (Gouveia, 2013).

Assim, em conformidade com as suposições teóricas descritas, são admitidas as seguintes características consensuais, para a definição dos valores: “(a) são conceitos ou categorias; (b) sobre estados desejáveis de existência; (c) transcendem situações específicas; (d) assumem diferentes graus de importância; (e) guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos; e (f) representam cognitivamente as necessidades humanas” (Gouveia et al., 2008, p. 55).

2.2. Funções Valorativas

Percebe-se que ainda são escassos os estudos que tratam sobre as funções dos valores (Allen et al., 2002), entretanto, Gouveia (2003, 2013, 2016; Gouveia et al., 2008, 2009, 2010) tem identificado na literatura duas delas, que parecem ser consensuais, que são: (1) função de guiar as ações humanas (Inglert, 1973; Schwartz, 1994), considerada um *tipo de orientação*, e (2) o *tipo motivador* que é a função que dá expressão cognitivamente às necessidades humanas (Maslow, 1953). Essas duas funções dos valores são consideradas as mais importantes, sendo tomadas como referência. Tendo o tipo de orientação compreendido e subdividido em valores pessoais, centrais e sociais, enquanto que o tipo motivador se subdivide em valores materialistas e idealistas (Gouveia, 2013, 2016). As funções serão melhor detalhadas a seguir.

2.2.1. Primeira Função dos Valores: Guiar o Comportamento Humano

Essa função dos valores forma uma dimensão importante que orienta os indivíduos de forma pessoal ou social (Medeiros, 2007). Segundo Rokeach (1973), existem dois tipos de valores terminais: sociais e pessoais. Nesse sentido, essa distinção existente entre social-pessoal forma uma dimensão importante de orientação humana que também é apresentada em tipologias como a de Hofstede (1980) que considera a dicotomia coletivismo – individualismo.

Valores Pessoais. Possui um foco intrapessoal. Pessoas que são guiadas por esses valores assumem um contrato pessoal em suas relações sociais, com a finalidade de garantir seus próprios benefícios e condições para que suas metas individuais possam ser alcançadas, sem necessariamente ter uma referência particular de status ou papel social (Gouveia, 2003). Pessoas guiadas por estes valores são mais egocêntricas (Gouveia et al., 2009) e possuem um foco mais intrapessoal (Souza, 2012).

Valores Sociais. As pessoas que são guiadas por valores sociais primam pela convivência, são mais preocupadas com questões relacionadas à sociedade ou possuem um foco interpessoal (Gouveia, 2013); tendem e desejam ser aceitos e integrados a um grupo, além de,

geralmente, buscarem manter a harmonia das pessoas em um determinado contexto social (Gouveia, 2003).

Sendo assim, as pessoas podem enfatizar ou dar mais importância ao grupo (valores sociais) ou a si mesmo (valores pessoais), como a unidade principal de sobrevivência (Gouveia et al., 2008). Desta forma, seus comportamentos são guiados por uma orientação pessoal ou social, respectivamente. Ademais, para a TFVH, existe um terceiro grupo de valores que não se restringem a interesses egocêntricos ou apenas centrados na sociedade, característica que os concebem como uma base organizadora dos valores (Soares, 2015). Portanto, este terceiro grupo é denominado de valores centrais (Gouveia, Fonseca, Milfont, & Gouveia, 2011), que são considerados a espinha dorsal dos outros valores (Gouveia et al., 2009), organizando-se entre os valores pessoais e sociais, ou seja, os valores sociais e pessoais os tomam como referência ou podem ser preditos a partir deste terceiro grupo de valores, sendo compatíveis com ambos (Gouveia, 2016a).

Valores Centrais. Esse terceiro grupo de valores, que não são completamente exclusivos dos sociais ou pessoais, denominados por Schwartz (1992) como tipos motivacionais mistos (e.g. universalismo e segurança), exprimem os propósitos gerais da vida, correspondendo às necessidades mais básicas e elementares, tais como as fisiológicas, perpassando pelas consideradas mais gerais e elevadas de autorrealização, sem provocar incompatibilidade com os valores pessoais e sociais (Gouveia et al., 2014a), pois os indivíduos que são guiados por esses valores não enfatizam a individualidade, considerando a importância de todas as pessoas da sociedade, causando a compatibilidade entre os valores pessoais e sociais (Gouveia, 2003).

Em suma, a primeira função dos valores é guiar os comportamentos humanos, sendo identificada por uma dimensão funcional, denominada de tipo de orientação, existindo três possibilidades de orientação: *social* (interativa e normativa), *central* (existência e suprapessoal) e *pessoal* (experimentação e realização).

2.2.2. Segunda Função dos Valores: Expressar as Necessidades Humanas

A segunda função dos valores é dar expressão às necessidades humanas. O modelo funcional de Gouveia admite que os valores são as representações cognitivas das necessidades humanas (Medeiros, 2007; Gouveia, 2013, 2016a), identificadas pela dimensão *tipo de motivador*, podendo ser classificadas como: *materialistas* (pragmáticos) ou *humanitários* (idealistas) (Welzel & Inglehart, 2010). Tais motivadores são descritos da seguinte maneira:

Valores materialistas: esses valores estão relacionados com as ideias práticas, e as pessoas que os têm como prioridade orientam-se por metas específicas e regras normativas, têm pensamentos voltados mais para as condições biológicas, além de darem mais importância às condições de sua própria existência, ou seja, para que ela seja assegurada.

Valores humanitários: pessoas guiadas por esses valores baseiam-se em ideias e princípios abstratos, expressando uma orientação universal. Esses valores geralmente não são específicos ou dirigidos a metas concretas. Pessoas que dão importância a esses valores têm espírito inovador e mente aberta, importando-se mais com as relações interpessoais, além de considerarem todos iguais e não serem presas a bens materiais. Quando comparados com os *valores materialistas*, pode-se dizer que os *valores idealistas* não são dirigidos a metas concretas, ou seja, dar importância a estes valores é coerente com um espírito inovador e possui uma mente-aberta, indicando que as pessoas que são orientadas por esses valores têm menos dependência dos bens materiais (Gouveia et al., 2011).

Assim, a segunda função dos valores (*tipo de motivador*) é expressar cognitivamente as necessidades humanas e pode ser representada por duas dimensões: *materialista* (*pragmáticos*) e *idealista* (*humanitários*). É importante ressaltar que nessa teoria os valores não são considerados contraditórios, mas possivelmente, complementares, que constituem um sistema valorativo de um indivíduo maduro (Gouveia, 2013; Soares, 2013, 2015).

Em suma, esse aporte teórico aponta que as duas funções valorativas formam estruturalmente dois eixos principais. Um horizontal, que corresponde ao *tipo de orientação*, e o vertical, que define o *tipo motivador*. O eixo horizontal se subdivide em três critérios de orientação (*social, central e pessoal*), enquanto que o eixo vertical se subdivide em dois tipos de motivadores (*materialista e idealista*). Estas dimensões são combinadas de maneira que formam seis quadrantes (subfunções): social – materialista, social – humanitário, central – materialista, central – humanitário, pessoal – materialista e pessoal – humanitário.

A interação dos valores ao longo dos eixos permite identificar seis subfunções que são distribuídas de maneira equitativa nos critérios de orientação social (*interativa e normativa*), central (*suprapessoal e existência*) e pessoal (*experimentação e realização*). Essa estrutura pode ser verificada na Figura 2, a seguir.

		<i>Valores como padrão-guia de comportamentos</i>		
		<i>Metas pessoais</i> (o indivíduo por si mesmo)	<i>Metas centrais</i> (o propósito geral da vida)	<i>Metas sociais</i> (o indivíduo na comunidade)
<i>Valores como expressão de necessidades</i>	<i>Necessidades idealistas</i> (a vida como fonte de oportunidades)	Experimentação Emoção Sexualidade Prazer	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas</i> (a vida como fonte de ameaça)	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Figura 2. Facetas, dimensões e subfunções dos valores básicos. Adaptada a partir de “*Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses*”, de V. V. Gouveia, T. L. Milfont, e V. M. Guerra., 2014a, *Personality and Individual Differences*, 60, 41-47. Copyright 2014 ElsevierLtd.

A seguir, os valores serão descritos, considerando as duas funções: tipo de orientação e o tipo motivador. Nesse sentido, serão apresentados os conteúdos específicos de cada subfunção iniciando pelos valores centrais (*existência e suprapessoal*), funcionando como âncora para

outros valores, já que formam a espinha dorsal da organização funcional dos valores, considerando as indicações de Gouveia (2003, 2013):

Subfunção existência. Compreende os valores mais importantes com um domínio motivador materialista. Representam as necessidades cognitivas mais elementares, objetivando garantir as condições básicas de sobrevivência orgânica, assegurando ainda saúde mental e psicológica, além de segurança (Godoy & Oliveira-Monteiro, 2015). No caso, reúne valores congruentes com as orientações social e pessoal, servindo de referência para as subfunções realização e normativa (Gouveia, Milfont, Vione, & Santos, 2015). Os seguintes valores constituem tal subfunção:

Saúde. Pessoas que se guiam por este valor buscam obter um elevado grau de saúde, evitando eventos que possam ser uma ameaça para as suas vidas, sendo representado pela necessidade de segurança;

Sobrevivência. Geralmente é o princípio guia de pessoas socializadas em contextos de escassez ou que não possuem os recursos econômicos básicos que garantam como comer e beber, por exemplo. Assim, a privação dessas necessidades básicas mencionadas acarreta na priorização desse valor;

Estabilidade pessoal. Primar por tal valor significa dar ênfase a uma vida organizada e planejada. Pessoas que são guiadas por este valor procuram garantir sua própria sobrevivência, tais como ter segurança econômica e um trabalho estável.

Subfunção suprapessoal. Esta subfunção representa uma orientação central, porém com um motivador humanitário. Os seus valores representam as necessidades de estética, cognição e autorrealização. São valores compatíveis com aqueles de orientação social e pessoal com mesmo motivador, indicando a importância de ideias abstratas, dando menor ênfase a coisas concretas e materiais, ou seja, as pessoas que endossam esses valores costumam pensar de forma mais geral e ampla, comportando-se e tomando decisões a partir de critérios mais

universais. Ressalta-se que essa subfunção é fonte para outras duas subfunções representantes do mesmo tipo motivador (*experimentação e interativa*). Fazem parte dessa subfunção os seguintes valores:

Conhecimento. Representa as necessidades cognitivas, tendo um caráter extrassocial. Pessoas que priorizam este valor buscam conhecimentos novos e atuais, além de informações sobre assuntos gerais e pouco compreensíveis;

Maturidade. Representa a necessidade de auto atualização, descrevendo um sentido de satisfação e crescimento pessoal ou um sentimento, percebe-se como ser humano útil, que cumpriu seu propósito na vida. Indivíduos que priorizam este valor como um princípio-guia têm uma orientação universal que transcende pessoas ou grupos específicos.

Beleza. Representa necessidades estéticas, evidenciando uma orientação global, desconectada de objetos ou pessoas específicas. Os indivíduos que se guiam por este valor buscam apreciar o que é belo.

Subfunção realização. É compreendido como tendo um motivador materialista, mas que possui uma orientação pessoal. Pessoas guiadas por esses valores levam em conta princípios pessoais, além de focarem em realizações materiais. Tendo os seguintes valores representantes:

Êxito. Indica a eficiência e a capacidade em alcançar as metas. As pessoas que adotam este tipo de valor têm o ideal de realização e apresentam uma ideia clara de sucesso, sendo orientadas nestes termos;

Prestígio. Pessoas guiadas por este valor dão importância ao contexto social. Aqui, não se trata de ser aceito pelos outros, mas sim de ter sua imagem pessoal publicamente reconhecida;

Poder. Representa a ênfase dada ao princípio da hierarquia. Pessoas que enfatizam este valor, podem não ter noção de um poder construído socialmente. Este valor é menos social que os outros dois desta subfunção.

Subfunção normativa. Compreende a terceira subfunção de motivador materialista, mas de orientação social, focando-se em regras sociais. Representa a importância de preservação da cultura e das normas convencionais, mostrando evidências verticais, nas quais autoridade e obediência devem ser seguidas, refletindo assim na adesão de normas convencionais (Pimentel, 2004). Geralmente, as pessoas mais velhas são guiadas por valores que formam esta subfunção. Os valores que a compõe, são:

Tradição. Representa uma pré-condição para o grupo ou a sociedade como um todo, em satisfazer as necessidades humanas. Envolve respeito aos padrões morais seculares e contribui para manter a harmonia sociedade;

Obediência. Dá ênfase à importância de obedecer e cumprir deveres e obrigações diárias, além do respeito pelos pais e mais velhos, cumprindo as normas da sociedade;

Religiosidade. Não diz respeito apenas a um sentido amplo de sentido de vida ou espiritualidade, mas há o reconhecimento da existência de uma entidade superior por meio da qual buscam a certeza e harmonia social para uma vida tranquila.

Subfunção experimentação. Representa um motivador humanitário, porém com orientação pessoal. As necessidades fisiológicas de satisfação, em seu sentido mais amplo, ou o princípio de prazer são representadas por valores dessa subfunção. Os indivíduos que primam esses valores não se conformam facilmente com as regras sociais estabelecidas (Pimentel, 2004), além de contribuírem para a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais. Dessa forma, fazem parte desta subfunção os valores que serão apresentados a seguir:

Sexualidade. Representa a necessidade de sexo. Tem sido tratada como um indicador ou um fator de moralidade ou religiosidade. Este valor enfatiza a necessidade de obtenção de prazer e satisfação nas relações sexuais;

Prazer. Corresponde à necessidade orgânica de satisfação, porém em um sentido mais amplo do que beber ou comer, enfatizando o prazer de se divertir, sendo que sua fonte de satisfação não é específica;

Emoção. Enfatiza uma necessidade fisiológica de excitação e a busca de experiências perigosas, arriscadas. Geralmente, pessoas que dão ênfase a este valor são menos conformadas com as regras impostas pela sociedade.

Subfunção interativa. Representa a terceira subfunção de motivador humanitário, mas com uma orientação social. Destaca-se a experiência afetiva compartilhada pelos indivíduos, correspondendo às necessidades de pertença, amor e afiliação, sendo esses valores essenciais para estabelecer e manter as relações entre as pessoas. Os indivíduos que tomam esta função como princípio guia em suas vidas frequentemente são jovens (Vione, 2012). Essa subfunção é composta pelos seguintes valores: *Afetividade, Apoio social e Convivência.*

Afetividade. Este valor está relacionado com aspectos da vida social, enfatizando relações familiares e os relacionamentos íntimos, compartilhando cuidados, afetos, prazer e tristeza;

Convivência. Diferentemente da afetividade, este valor não representa as relações interpessoais ou íntimas, mas nas relações indivíduo-grupo. Requer, dessa forma, um sentido de identidade, indicado pela noção de pertença a um grupo social e da convivência com os vizinhos;

Apoio social. Enfatiza uma relação próxima com seu grupo social, uma necessidade de afiliação, que garante assim a confiança e o suporte social, evitando a sensação de sentir-se sozinho no mundo e, quando necessitar, obter ajuda.

Na Tabela 3, são apresentadas as subfunções valorativas, suas alternativas de combinação, além de seus marcadores valorativos, considerando a descrição de Gouveia (2013).

Tabela 3.

Subfunções valorativas, tipo de motivador e orientação e os marcadores valorativos.

Subfunções valorativas	Combinação	Marcadores valorativos e seus descritores
Experimentação	Motivador humanitário e orientação pessoal	<i>Emoção</i> . Desfrutar desafiando o perigo, buscar aventuras.
		<i>Prazer</i> . Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
		<i>Sexualidade</i> . Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
Realização	Motivador materialista e orientação pessoal	<i>Poder</i> . Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
		<i>Prestígio</i> . Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho, receber uma homenagem por suas contribuições.
		<i>Êxito</i> . Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
Existência	Motivador materialista e orientação central	<i>Saúde</i> . Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
		<i>Estabilidade pessoal</i> . Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
		<i>Sobrevivência</i> . Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
Suprapessoal	Motivador humanitário e orientação central	<i>Beleza</i> . Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
		<i>Conhecimento</i> . Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
		<i>Maturidade</i> . Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.
Interativa	Motivador humanitário e orientação social	<i>Afetividade</i> . Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
		<i>Convivência</i> . Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.
		<i>Apoio social</i> . Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
Normativa	Motivador materialista e orientação social	<i>Obediência</i> . Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
		<i>Religiosidade</i> . Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
		<i>Tradição</i> . Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.

Nota. Adaptada a partir de “Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas”, V.V. Gouveia, 2013, p. 146. Copyright 2013 de Casapsi Livraria e Editora Ltda.

Ressalta-se que o foco principal desse modelo teórico são as funções dos valores, que têm recebido pouca atenção na literatura (Allen et al., 2002). Entretanto, duas funções dos valores são consensuais: (1) *guiar as ações do humanas (tipo de orientação)* e (2) *expressar cognitivamente as suas necessidades (tipo de motivador)*. Dessa maneira, tais funções foram pensadas, tendo como finalidade a de representar o conjunto de valores que as pessoas expressam por meio de padrões comportamentais ou por princípios de orientação que elas adotam, trazendo a concepção de que os valores não devem ser atribuídos a objetos ou instituições específicas (e.g., carro, dinheiro, igreja, família), além de considerar apenas os valores positivos e terminais, sendo coerente com a concepção da natureza benevolente do ser humano (Coelho, 2009; Gouveia, 2013).

Ademais, a TFBVH compreende que existem valores que figuram entre e são congruentes com os *personais e sociais*, sendo denominados de *valores centrais*, representando seu caráter central ou adjacente em relação aos demais valores, admitindo-se compatibilidade entre eles (Gouveia, 2003, 2016). Essas concepções teóricas ajudam na elaboração de hipóteses, que podem ser testadas. Dessa forma, como explanado previamente, a principal proposta dessa dissertação visa testar as duas fundamentais hipóteses da *Teoria Funcional dos Valores Humanos*, compreendendo o *conteúdo e estrutura* dos valores, que serão tratadas a seguir:

2.3. Hipótese de conteúdo

A teoria em questão, considera os valores como um construto latente (variáveis hipotéticas ou não observadas), admitindo-se que elas sejam descritas por marcadores, que correspondem a valores específicos (Medeiros, 2011). Segundo Gouveia et al. (2011), a *hipótese de conteúdo* pressupõe que as seis subfunções valorativas (modelo hexafatorial) representam uma estrutura fatorial mais adequada do conjunto de valores. O teste formal desta hipótese foi realizado por Viana (2000), que verificou a adequação do modelo composto por

A figura 3 representa os modelos alternativos, que são considerados para que seja testada a hipótese de conteúdo dos valores, preconiza-se que a estrutura composta por seis fatores deve apresentar os melhores indicadores de ajuste quando confrontada com modelos alternativos, que são referentes ao conjunto de dados empíricos (Soares, 2015): (1) *unifatorial*: compreende todos os dezoito itens, saturando em um único fator, originado da desejabilidade social, que está ligada aos valores (Kluckhohn, 1951; Schwartz, Verkasalo, Antonovsky, & Sagiv, 1997); (2) *bifatorial*: com a estrutura fatorial, sendo distribuída considerando o *tipo motivador* (materialista e idealista) (Braithwaite, Makkai, & Pittelkow, 1996; Inglehart, 1991); (3) *trifatorial*: os valores são organizados por *tipo de orientação*, representado por valores sociais, centrais e pessoais (Rokeach, 1973; Schwartz, 1992); (4) *Pentafatorial*: originado da junção entre as subfunções *suprapessoal* e *existência*, formando os *valores centrais*, que são agrupados em um único fator devido a uma tendência de representarem o mesmo componente motivacional, indicado pela hierarquia de necessidades de Maslow (Gouveia, 2013; Maslow, 1954).

2.4. Hipótese de estrutura

Essa hipótese foi inicialmente testada por via das análises exploratórias, sendo realizado um escalonamento multidimensional (MDS com algoritmo *Alscal*), além disso, averiguou-se se as subfunções se diferenciariam dos tipos motivacionais de Schwartz (Gouveia, 2003). Para tanto, os autores levaram em consideração os dois eixos funcionais dos valores, apontando como os valores específicos se organizam e como são estruturadas as subfunções no espaço, tendo em conta a combinação dos eixos funcionais.

Posteriormente, Gouveia et al. (2010) realizaram uma MDS confirmatória (algoritmo *Proxscal*), que possibilitou testar a hipótese de estrutura das subfunções valorativas. Para tanto, todos os valores foram forçados a ocupar uma posição específica no espaço, considerando o

nível ordinal da medida e considerando a estrutura teorizada das dimensões funcionais, tipo de orientação e tipo de motivador, que averiguar de maneira mais eficaz e formalmente esta hipótese específica em estudos posteriores (Gouveia, 2013).

Especificamente, hipotetiza-se que existe uma configuração duplex com duas facetas axiais. Segundo Gouveia et al. (2008), o *eixo horizontal* é representado pela primeira faceta, que corresponde ao *tipo de orientação*, derivando os valores pessoais, centrais e sociais. Os valores centrais devem figurar no centro do espaço bidimensional, estando localizados em lados opostos os valores de orientação social e pessoal. A segunda faceta compreende o *eixo vertical*, onde os *tipos de motivadores*, materialistas (pragmático) e humanitário (idealista), devem estar localizados em lados diferentes do espaço. Assim, para a TFBVH a estrutura dos valores deve ser interpretada pela representação espacial das seis subfunções, que resultam da combinação (cruzamento) das duas dimensões funcionais propostas pela teoria (Gouveia, 2013).

Estas são as duas principais hipóteses que serão testadas nesta dissertação. Entretanto, não são as únicas que derivam da TFBVH, cabendo citar as hipóteses de congruência e compatibilidade, apresentadas a seguir.

2.5. Hipótese de Congruência e Compatibilidade dos Valores para a Teoria Funcionalista

Diferente do modelo elaborado por Schwartz (1992), a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos não admite a existência de conflito de valores. Assim, mesmo tendo em conta que alguns valores são mais desejáveis que outros, por considerar a natureza benévola do ser humano, todos os valores, em alguma medida, são considerados desejáveis e positivos (Gouveia, 2013). Nessa direção, Maslow (1954) argumenta que pessoas maduras, possivelmente, apresentarão um sistema valorativo harmônico. Ao passo que pessoas que priorizam mais alguns valores ou subfunções em detrimento de outras, por não terem desenvolvido completamente os seus valores ou terem sido socializadas em um contexto de

escassez, privadas de algum recurso, desenvolvendo-se de maneira menos madura, podem apresentar padrão de condutas menos aceitáveis socialmente (Gouveia et al., 2011).

Deve-se deixar claro que existe diferença entre essa teoria e o modelo proposto por Schwartz (1992, 1994), pois para Schwartz compatibilidade e congruência são vistas como sinônimos, em que alguns valores indicam conflito (e.g., autodireção e conformidade); outros apresentam compatibilidade (e.g., realização e poder). Além disso, pode-se apontar outras desvantagens relativas à compatibilidade e congruência dos valores proposta por Schwartz: (a) não indica quais tipos motivacionais estão ou não em conflito; (b) Não demonstra o grau de (in)compatibilidade entre os valores; e (c) não oferece uma alternativa para calcular os padrões de congruência entre os tipos motivacionais de valores. Não obstante, para a TFVH existem vantagens conceituais e práticas em diferenciá-las (Gouveia et al., 2008). Nesse sentido, Gouveia (2013) apresenta essas diferenças. Para o autor, *hipótese de compatibilidade* corresponde a um padrão estabelecido, um critério externo, que corresponde ao padrão de correlação estabelecido entre os valores e as variáveis antecedentes (VIs) e /ou as variáveis consequentes (VDs), enquanto que a *congruência* indica o grau de consistência interna existente no sistema de valores ou das subfunções, indicando o quão forte são as correlações ente eles.

Nesse sentido, Gouveia et al. (2008) observaram que, entre os valores, as correlações eram geralmente positivas, variando em força entre os indivíduos. Na Figura 3, a seguir, apresenta-se o padrão de congruência entre as subfunções valorativas do modelo de Gouveia (2013):

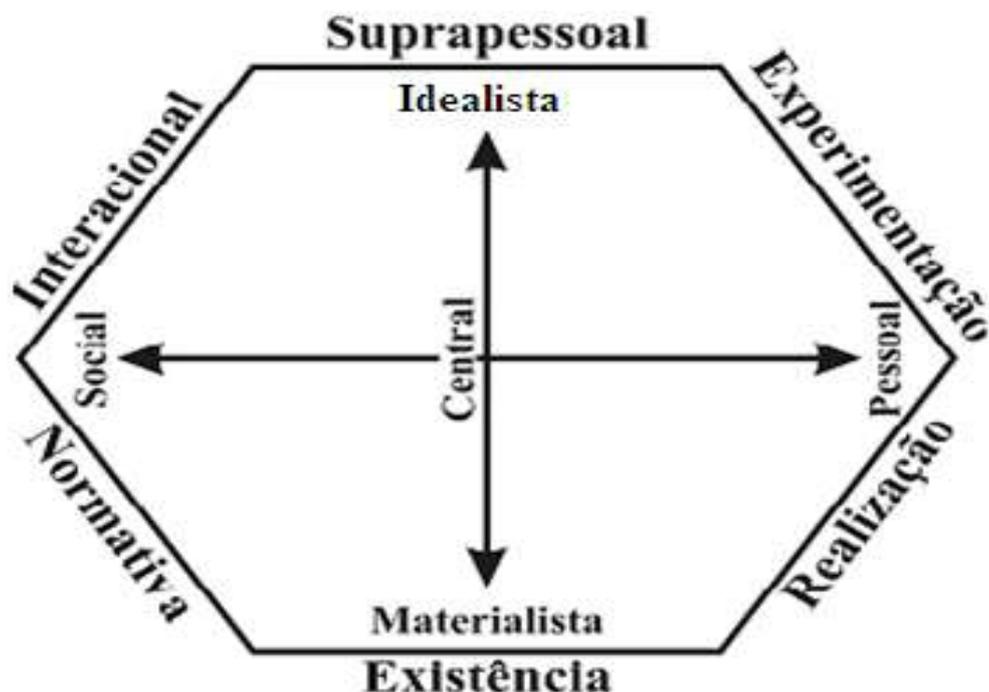


Figura 4. Padrão de congruência das subfunções dos valores básicos. Adaptado a partir de “Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas”, V.V. Gouveia, 2013, p. 146. Copyright 2013 de Casapsi Livraria e Editora Ltda.

Como se pode observar, a hipótese da congruência entre as subfunções forma graficamente um hexágono no qual os autores sugerem que podem existir subfunções capazes de se relacionarem mais fortemente. Estas se encontram em áreas adjacentes no eixo, enquanto outras que ocupam espaços mais afastados são consideradas relativamente independentes, mas não necessariamente contrárias (Gouveia, 2013). Existem três níveis de congruência: baixa, moderada e alta.

1. Congruência baixa: caracteriza-se por apresentarem as subfunções que têm orientações e motivações diversas; estes se encontram em lados opostos no hexágono. A baixa congruência se deve à independência enquanto princípios guias desses grupos de valores. Compreende os pares das seguintes subfunções valorativas: (experimentação – normativo) e (realização – interativo);

2. Congruência moderada: caracteriza-se pelos valores apresentarem o mesmo motivador, mas diferentes orientações. É o nível intermediário de congruência, caracterizado

pelos pares das seguintes subfunções valorativas: (realização – normativa, representando metas intrínsecas) e (experimentação – interativa, correspondendo a metas extrínsecas);

3. *Congruência alta*: agrupa os valores que possuem a mesma orientação, mas com motivadores diferentes. Apresentam os níveis mais elevados de congruência e são representadas pelas subfunções que estão em lados adjacentes do hexágono, agrupadas em pares: (*realização e experimentação*) e (*normativa e interativa*).

O fato de duas subfunções valorativas não serem incluídas, especificamente, existência e suprapessoal, é explicado por Gouveia et al. (2008) por serem valores centrais e apresentarem correlações positivas e fortes com todas as outras subfunções. Além disso, outro fato também explica a não inclusão de tais subfunções, a saber: o fato da distinção principal teórica dos valores situar-se entre os valores sociais e pessoais e não entre os valores denominados como materialistas e humanitários (Gouveia et al., 2011). Observa-se que a presente teoria contribui, ao nível conceitual, trazendo a diferenciação entre congruência e compatibilidade dos valores, além de oferecer um cálculo de graus de congruência entre os valores (Gouveia, 2013).

Em suma, para a TFBVH não existe conflito de valores ou valores negativos, mas valores como algo que é característico em todas as pessoas e variam em grau de importância (Soares, 2015), sendo todas as subfunções vistas como relevantes (Gouveia, 2003). Embora alguns desses valores sejam considerados mais desejáveis que outros, devido a variações das demandas sociais e institucionais de uma cultura; e levando em consideração a suposição teórica da natureza benevolente do ser humano, todos os valores são considerados desejáveis e positivos (Gouveia, 2013).

Ademais, os valores podem ser ensinados, aprendidos e suas propriedades podem variar em diversos momentos da vida, para atender demandas sociais ou biológicas assumidas. Assim, conhecer o papel dos valores em diversas variáveis psicossociais, possibilita intervir, a fim de modificar a maneira de agir das pessoas em diversas ocasiões do cotidiano, ou seja, diminuindo

a importância de um determinado valor e promovendo de outra subfunção de interesse, pode-se acarretar mudanças de comportamento (Gouveia, 2016). Assim, torna-se imprescindível para o leitor conhecer algumas possibilidades de aplicabilidade deste modelo teórico, papel exercido pelas próximas linhas.

2.6. Aplicabilidade da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos

Devido a importância dos valores humanos na explicação de diversos construtos psicossociais (Rokeach, 1973; Gouveia, 2003), observa-se que a TFVH tem sido aplicada em diversos estudos nacionais e internacionais (Ardila et al., 2011; Gouveia, 2013; Medeiros, 2011; Soares, 2015), sendo o Questionário de Valores de Básicos aplicado em diferentes estudos e considerando faixa etárias distintas, como por exemplo, crianças (Gouveia, Milfont, Soares, Andrade, & Leite, 2011; Soares, 2013) e adolescentes (Godoy & Monteiro, 2015; Marques et al., 2016) e idosos (Melo, 2014).

Para além disso, é possível observar a aplicabilidade da TFVH em diversas campos de estudo. Assim, observa-se sua aplicação na Psicologia Positiva, a exemplo do estudo realizado por Couto (2017) que observou a importância dos valores humanos no processo de perdão e mudanças positivas que as pessoas experimentam após o término de um casamento. Para tanto contou-se com uma amostra total de quatrocentos participantes do nordeste brasileiro. Os resultados sugeriram que as pessoas que endossam valores interativos, apresentam maiores índices de perdão, pois preocupam-se e nutrem sentimentos de cuidado e afeto com o outro; e pessoas que priorizam os valores normativos, afirmam sua fé para superar o trauma, e que pessoas que priorizam valores de realização, demonstram elevada autoestima e competência, vivenciando mudanças positivas pós-divórcio.

Na Psicologia Organizacional, pode-se citar o estudo realizado por Cavalcante (2013) no qual, objetivou elaborar de um instrumento psicológico para examinar a proeminência dos

valores humanos no ambiente organizacional, denominado de Inventário de Valores Humanos nas Organizações (IVHO). Para tanto, considerou-se uma amostra total de 341 participantes, divididos em três amostras, apresentadas, respectivamente: 75 trabalhadores de uma empresa do setor de pesquisa e educação de Manaus; 135 colaboradores de empresas do Pólo Industrial de Manaus; e 131 respondentes do teste online, cujo critério de inclusão era estar trabalhando. O presente instrumento apresentou boa consistência interna, com alpha de Cronbach de 0,89 e 0,81, em duas amostras distintas.

No contexto da Psicologia Escolar, pode-se citar um estudo realizado por Fonsêca et al. (2016), com uma composta por 338 estudantes adolescentes da cidade João Pessoa, propondo conhecer em que medida os valores humanos predizem o engajamento escolar. Os resultados demonstraram que as pessoas que dão ênfase aos valores centrais (suprapessoal e existência) tendem a ser mais engajadas, apresentando uma elevada dedicação, vigor e absorção frente às atividades impostas pela academia.

Em uma pesquisa realizada por Monteiro, Medeiros, Pimentel, Soares, Medeiros e Gouveia (no prelo), com 300 escolares entre 8 e 17 anos, da cidade de Parnaíba, no Piauí, foi possível verificar em que medida os valores humanos predizem o comportamento de *bullying*. Os resultados desse estudo indicaram que as subfunções interativa e realização predisseram comportamentos de *bullying*. Tais resultados possibilitam favorecer e subsidiar intervenções que ajudem a reduzir a prática desse comportamento agressivo no contexto escolar, além de trazer um melhor entendimento desse fenômeno.

Ademais, sabe-se que o estudo dos valores possibilitou avanços nas pesquisas da Psicologia social, pois é considerado um dos principais explicadores do comportamento humano, além de influenciar nas crenças, atitudes e nas ideias compartilhadas de forma grupal (Rokeach, 1973). Especificamente, considerando o uso da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos e a Psicologia Social, percebe-se uma diversidade de estudos, que apresentam

associações específicas com construtos, que estabelecem uma rede monológica de forma precisa (Guerra, Freires, & Coutinho, 2016), que ajudam a explicar, principalmente, as atitudes e os comportamento das pessoas, como por exemplo o estudo realizado por Gusmão et al. (2016), que investigou como os valores homofóbicas flagrante e Sutil, em uma amostra de 174 universitários piauienses, observando que as subfunções normativa e realização permitiram explicar as atitudes homofóbicas, sendo que a homofobia sutil varia em razão do sexo do respondente.

Especificamente, em Psicologia Social, existem uma diversidade de estudos, que visam explicar, principalmente, as atitudes e os comportamento das pessoas, tais como: atitude em relação à tatuagem (Gouveia, Medeiros, Mendes, & Athayde, 2010); o poliamor (Freire, 2013), as motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais (Gouveia, Athayde, Soares, Araújo, & Andrade, 2012); comportamentos pró-ambientais (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006); atributos desejáveis do parceiro(a) ideal (Gouveia, Fonsêca, Gouveia, Diniz, Cavalcanti, & Medeiros, 2010); intenção de cometer suicídio (Aquino, 2008) e preocupações masculina com a aparência (Freires, 2013).

Como pode ser evidenciado no decorrer desta dissertação, a TFBVH tem demonstrado alternativa eficiente para os estudos dos valores humanos, ajudando no entendimento dos antecedentes e consequentes de diversos construtos psicossociais, sendo fruto de dezenas de dissertações e teses que ajudaram a disseminá-la pelo mundo, tendo sido aplicada atualmente em 55 países (Soares, 2015). Assim, levando em conta o aporte teórico e o problema a ser resolvido, este trabalho tem como principal objetivo comparar as prioridades valorativas de estudantes universitários, da cidade de Petrolina, de IES públicas e privadas. Concomitantemente, buscar-se-á alcançar objetivos específicos que serão apresentados a seguir, juntamente com as hipóteses que serão testadas.

3. OBJETIVOS E HIPÓTESES

3.1. Objetivo Geral

Considerando o marco teórico apresentado, esta dissertação, tem como principal objetivo comparar as prioridades valorativas de estudantes universitários, da cidade de Petrolina, de IES públicas e privadas.

3.1.1. Objetivos Específicos

Além do objetivo principal, elaboraram-se 5 (cinco) objetivos específicos, são eles:

- (1) Testar a hipótese de conteúdo da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, nos dois contextos de interesse;
- (2) Testar a Hipótese de Estrutura teorizada, nos contextos propostos;
- (3) Checar a validade de construto do Questionário de Valores Básicos para as duas amostras;
- (4) Verificar invariância fatorial entre os contextos (IES públicas e privadas) e sexo dos participantes;
- (5) Comparar participantes das IES, quanto as subfunções mais endossadas

3.2. Hipóteses

Nesse sentido, buscando alcançar todos os objetivos propostos, e tendo em vista o *marco teórico*, elaboraram-se as seguintes hipóteses a serem testadas, são elas:

Hipótese de conteúdo (hipótese 1), que prediz que as seis subfunções, derivadas do cruzamento das duas funções principais propostas (tipos de *orientação* e *motivador*), podem ser representadas adequadamente por três indicadores ou valores específicos;

Hipótese de *estrutura (hipótese 2)*, que prediz uma estrutura bplex 3 (tipo de orientação) X 2 (tipo de motivador). Esta hipótese pode ser desmembrada em duas outras:

- *Hipótese 2a*. Prediz que os valores *centrais* estarão situados entre os *pessoais* e *sociais*;

- *Hipótese 2b.* os valores *materialistas* e *idealistas* se organizarão em um espaço bidimensional, ocupando regiões opostas.

Hipótese de invariância fatorial entre IES e Sexo dos participantes. Esta hipótese prediz que o conteúdo dos valores se manterá em relação IES (pública e privada) e entre o sexo dos participantes (masculino e feminino).

Para se alcançar os objetivos propostos e testar as hipóteses conjecturadas, foi programado um estudo empírico, descrito a seguir.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

**4. TESTANDO A ADEQUAÇÃO DA TEORIA FUNCIONALISTA NA CIDADE DE
PETROLINA**

4.1. Método

4.1.1. Delineamento

Tratar-se-á de um estudo correlacional, *ex post facto*. Basicamente, a ênfase será psicométrica, procurando corroborar a estrutura e o conteúdo de um modelo teórico com base empírica. O presente projeto, objetivará reunir evidências acerca das hipóteses de conteúdo e estrutura da *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, levando em consideração os critérios de parcimônia e máxima variância explicada.

4.1.2. Participantes

Contou-se com uma amostra total, não probabilística (de conveniência) de 634 estudantes de Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas; que foram distribuídas equitativamente. Estes possuíam em média 22,65 anos ($DP = 0,55$), variando entre 18 a 65 anos, sendo a maioria do sexo feminino (51,1%), heterossexuais (90,9%), solteiros (85,8%), católicos (50%), com renda familiar média de R\$ 4.257,41 ($DP = 3.614,96$), e oriundos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (61,5%) e Ciências Biológicas e da Saúde (33,6%), Ciências Exatas (4,9%). A seguir, serão apresentados os perfis sociodemográficos dos participantes dos dois contextos de interesse do presente estudo, considerando as amostras N_1 (Pública) e N_2 (Privada).

4.1.2.1. N_1 – IES Pública

A amostra de universitários oriundos de instituições públicas foi composta por 317 participantes com idades variando de 18 a 43 anos ($M = 22,67$; $DP = 4,98$). Destes, a maior parte era composta por pessoas do sexo feminino (52,1%), que se declaram heterossexuais (90,5%), solteiros (85,8%), da religião católica (45,4%) e com renda familiar média de R\$ 3.904,26 ($DP = R\$ 3.132,55$). Quando considerada a área de conhecimento, a maioria dos participantes eram provenientes das Ciências Biológicas e Saúde (66,9%), sendo advindos, principalmente, do curso de Farmácia (21,5%).

4.1.2.2. N₂ – IES Privada

A amostra de estudantes da instituição privada foi composta por 317 participantes que tinham idades variando entre 18 e 65 anos ($M = 22,67$; $DP = 5,77$), em maioria mulheres (52,7%), heterossexuais (91,2%), solteiros (85,8%), católicos (54,6%) e com renda familiar média de R\$ 4.639,51 ($DP = R\$ 4.045,06$). Quando considerada a área de conhecimento, a maioria declarou fazer parte das Ciências Humanas e Sociais aplicadas (89,9%), que foi representada principalmente por alunos do curso de Direito (28,7%).

4.1.3. Instrumentos

Todos os participantes receberam um livreto contendo o questionário de valores básicos e questões demográficas a ser preenchido de acordo com as instruções, que eram explicitadas tanto por escrito quanto pelo pesquisador responsável. Especificamente estes responderam aos seguintes instrumentos:

Questionário dos Valores Básicos– QVB-18 (Anexo A): trata-se de um instrumento autoaplicável, do tipo lápis e papel, que foi elaborado por Gouveia (1998), composto, inicialmente, por 66 itens, sendo, posteriormente, refinado e passando a contar com 24 itens (Gouveia, 2003). Entretanto, a versão utilizada no estudo é composta por 18 itens/valores específicos (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a). Para cada um dos 18 valores, apresentam-se dois descritores, que correspondem ao conteúdo do valor (e.g. *16. Tradição. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.*). Ademais, o instrumento é respondido em escala de sete pontos que varia de 1 (*Totalmente não importante*) a 7 (*Extremamente importante*). O QVB-18 tem apresentado bons indícios psicométricos validade (construto) e precisão (consistência interna e confiabilidade composta) para fins de pesquisas, em todos os estados brasileiros e no âmbito internacional (Medeiros, 2011, Soares, 2015).

Questionário sociodemográfico (Anexo B), reunia questões que tinham por finalidade a caracterização da amostra, com perguntas sobre idade, sexo, estado civil, classe social, renda média, curso e área do conhecimento.

4.1.4. Procedimentos

Inicialmente, o pesquisador responsável entrou em contato com as instituições de ensino superior de Petrolina, Pernambuco, com o intuito de formalizar a realização da pesquisa, buscando a prévia autorização dos diretores e coordenadores de cada curso das referidas instituições de ensino selecionadas para aplicação dos instrumentos. Nesse sentido, foi entregue aos responsáveis das instituições o termo de anuência de instituição coparticipante, em que foi especificado o período em que a mesma se daria. Posteriormente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas (CEDEP-UNIVASF) e a execução desta pesquisa ocorreu somente após aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (CAAE: 51391315.0.0000.5196/ Parecer nº 1.460.888). Ademais, ressalta-se que essa pesquisa atendeu ao disposto na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

As aplicações aconteceram em ambiente de sala de aula, no entanto, os instrumentos foram respondidos de forma individual. Para tanto, um pesquisador, previamente treinado, apresentava o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) para que os participantes (alunos devidamente matriculados nas instituições coparticipantes) pudessem autorizar sua participação na pesquisa e responder os instrumentos, sendo assegurado, a todos, o caráter anônimo e confidencial das respostas, além disso, era enfatizado o caráter voluntário da participação na pesquisa e que não traria nenhum prejuízo ou bônus aos participantes, mesmo que quisessem desistir da mesma a qualquer momento.

Além disso, foi informado a todos os participantes que as análises seriam tomadas no conjunto e somente os pesquisadores diretamente envolvidos teriam acesso aos dados. Estima-se que aproximadamente 15 minutos foram necessários para finalizar a participação dos estudantes.

4.1.5. Análise de dados

Os dados foram tabulados e analisados nos pacotes estatísticos IBM SPSS, versão 21 e R, versão 3.2.4. Com o primeiro foi possível calcular estatísticas descritivas (distribuição de frequências, medidas de dispersão e de tendência central), índices de fidedignidade e consistência interna (homogeneidade, alfa de Cronbach e Confiabilidade Composta), além da análise de escalonamento multidimensional confirmatório (MDS; com algoritmo *Proxscal*). No caso desta última análise, o objetivo foi testar a *hipótese de estrutura* do modelo teórico de interesse. Com este fim, anteriormente à criação da matriz de distâncias euclidianas, os valores foram transformados em pontuações *z*. Posteriormente, a organização espacial dos valores foi definida de acordo com a teoria em pauta, com as subfunções assumindo os seguintes parâmetros para a dimensão *tipo de orientação*: *experimentação* [1,0], *realização* [1,0], *existência* [0,0], *suprapessoal* [0,0], *interativa* [-1,0] e *normativa* [-1,0]; na dimensão *tipo de motivador*, os parâmetros assumidos pelas subfunções foram como seguem: *experimentação* [0,5], *realização* [-0,5], *existência* [-1,0], *suprapessoal* [1,0], *interativa* [0,5] e *normativa* [-0,5]. Portanto, cada valor foi forçado a ocupar uma posição específica no espaço, congruente com sua subfunção de pertença. Assumiu-se o nível ordinal de medida, permitindo *break ties*. O coeficiente *Phi de Tucker* (ϕ) foi utilizado como medida de ajuste do modelo, aceitando-se valores de 0,90 ou superiores (Van de Vijver, & Leung, 1997).

Por meio do R, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC), considerando o nível ordinal da medida, através do pacote Lavaan (Rosseel, 2012), procurando (a) testar a *hipótese de conteúdo*, (b) checar a validade de construto (confiabilidade composta). Ademais, os indicadores de ajuste apresentados a seguir são considerados para avaliação empírica dos

modelos alternativos uni, bi, penta e o original, hexafatorial (Browne & Cudeck, 1993; Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009; Hu & Bentler, 1999; Marôco, 2014a; Pilati & Laros, 2007):

(1) χ^2 (qui-quadrado). Testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Por ser um índice sensível ao tamanho amostral, geralmente recomenda-se ter em conta sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$), valores entre 2 e 3 são bons indicadores de ajuste, admitindo-se valores até 5;

(2) *Comparative Fit Index* (CFI), é considerado um índice adicional de ajuste do modelo, que o compara com modelos alternativos, sendo admitidos valores próximos a 0,90 ou superiores;

(3) *Tucker – Lewis Index* (TLI), é similar ao CFI, índice propõe estabelecer se todos os indicadores estão associados a um único fator latente (Hair et. al., 2009), servindo de comparação do modelo estimado com um modelo teórico nulo. Considera-se um ajuste robusto, valores superiores a 0,95;

(4) *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), refere-se ao Intervalo de Confiança de 90% (IC90%), que leva em conta os residuais, sendo que um valor próximo a zero significa que o modelo é ajustado, pois os residuais se aproximam desse valor; sugere-se que o RMSEA deva se situar entre 0,05 e 0,08, aceitando-se até 0,10; e o

(5) *Root Mean Square Residual* (RMSR), é a raiz quadrada matriz dos erros dividida pelo grau de liberdade, assumindo que o modelo é ajustado um $RMSR < 0,08$.

Os modelos alternativos e o de referência (seis subfunções) foram comparados tendo em conta, também, os seguintes indicadores: $\Delta\chi^2$, considerando a diferença significativa dos χ^2 , considerando o mais ajustado o com menor valor de χ^2 .

Finalmente, visando reunir evidências complementares de validade de construto da QVB, calculou-se a confiabilidade composta (CC) (Hair et al., 2009). Valores iguais ou superiores a

0,70 asseguram a adequação da medida. A confiabilidade composta é um indicador adicional de consistência interna, tendo a vantagem de não ser influenciado pela quantidade de itens.

4.2. Resultados

4.2.1. Estatísticas descritivas e índice de consistência interna das subfunções.

Inicialmente, buscou-se conhecer as pontuações médias das subfunções nos dois contextos de interesse, (instituições públicas e privadas) da cidade de Petrolina, Pernambuco. Além disso, calculou-se os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) e homogeneidade (correlação média inter-itens – $r_{m.i.}$) das subfunções. Adicionalmente, buscou-se reunir evidências complementares acerca da validade de construto do Questionário de Valores Básicos (QVB-18), calculando a confiabilidade composta (CC). Os resultados são apresentados em função da amostra e momentos em que as análises foram realizadas.

Instituição Pública. Os participantes que compuseram essa amostra apresentaram maiores médias na subfunção *existência* ($M = 6,10$; $DP = 0,73$), enquanto que menor na subfunção *realização* ($M = 4,79$; $DP = 0,87$). O alfa de médio foi de 0,57 ($DP = 0,13$), com amplitude de 0,51 (*realização*) a 0,72 (*Normativa*). Ainda foram calculados índices de homogeneidade para todas as subfunções e os resultados apontaram $r_{m.i.}$ que variaram de 0,25 (*realização* e *existência*) a 0,45 (*normativa*), com valor médio de 0,32 ($DP = 0,08$). A Confiabilidade Composta média foi de 0,68 ($DP = 0,09$). Maiores detalhes podem ser observados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4.

Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto de intuições públicas de Petrolina.

Subfunção	<i>M</i>	<i>DP</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>
1. Experimentação	4,99 (5)	1,01	0,66	0,38	0,76
2. Realização	4,79 (6)	0,87	0,50	0,25	0,60
3. Suprapessoal	5,57 (3)	0,78	0,56	0,31	0,66
4. Existência	6,10 (1)	0,73	0,53	0,25	0,65
5. Interativa	5,77 (2)	0,77	0,60	0,29	0,70
6. Normativa	5,10 (4)	1,18	0,69	0,45	0,81

Nota: $N= 317$, M = média, DP = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções

Instituição Particular. Na amostra da IES particular, também, foi calculada a pontuação total média para cada uma das seis subfunções, apresentando maior e menor média respectivamente, as subfunções *existência* ($M = 6,24$; $DP = 0,78$) e *realização* ($M = 5,26$; $DP = 0,88$). O índice de consistência interna médio foi de 0,51 ($DP = 0,07$; variando de 0,44 em *suprapessoal* a 0,63 em *normativa*), enquanto que média das correlações inter-itens (homogeneidade) foi de 0,27 ($DP = 0,04$). A Confiabilidade Composta média foi de 0,61 ($DP = 0,07$). Detalhes mais pormenorizados podem ser consultados na Tabela 5.

Tabela 5.

Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto de intuições particulares de Petrolina.

Subfunção	<i>M</i>	<i>DP</i>	α	$r_{m.i}$	CC
1. Experimentação	5,27 (5)	0,91	0,48	0,23	0,60
2. Realização	5,26 (6)	0,88	0,53	0,27	0,61
3. Suprapessoal	5,81 (2)	0,72	0,44	0,24	0,54
4. Existência	6,24 (1)	0,78	0,52	0,25	0,59
5. Interativa	5,66 (3)	0,87	0,47	0,27	0,58
6. Normativa	5,63 (4)	1,03	0,63	0,35	0,74

Nota: $N= 317$, M = média, DP = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Posteriormente, visando executar o principal objetivo, testaram-se as duas principais hipóteses da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, isto é, as *hipóteses de estrutura* e a de *conteúdo*, nos dois contextos de interesse. Na *hipótese de estrutura*, estima-se que os valores serão representados, espacialmente, em um espaço bplex com 3 *tipos de orientação* e 2 *tipos motivadores*, enquanto que na *hipótese de conteúdo* prediz-se que os valores devem ser representados em 6 subfunções com 3 valores específicos cada uma.

4.2.2. Hipótese de estrutura

Essa hipótese prediz que os valores serão organizados em duas dimensões funcionais (facetas axiais): (1) primeira dimensão: compreende o eixo horizontal, que corresponde ao *tipo de orientação*, assumindo que as pessoas podem ser guiadas por *valores sociais*, que são formados pelas subfunções *interativa* e *normativa*, ou ainda por *valores pessoais*, os quais agrupam as subfunções *experimentação* e *realização*. Ademais, existe um terceiro grupo de valores, que representam as necessidades humanas mais elementares e se localizam entre os sociais e pessoais, além de servirem de referência para os demais grupo de valores, sendo formados pelas subfunções *suprapessoal* e *existência*; (2). A segunda dimensão dos valores,

formada pelo o eixo vertical, nomeada de *tipo de motivador*, prediz que os dezoito valores específicos serão distribuídos por duas diferentes áreas do espaço, *valores idealistas* (composto pelas subfunções *realização, existência e normativa*) e os *valores materialistas*, (com as subfunções *experimentação, suprapessoal e interativa*). A seguir serão apresentados os resultados para cada uma das amostras de universitários das IES (pública e particular).

Visando cumprir esse objetivo, realizou-se uma análise de Escalonamento Multidimensional Confirmatório (*MDS – Algoritmo Proxscal*), seguindo as recomendações geralmente adotadas, ou seja, o ajuste do modelo aos dados se dá em função do STRESS-I ser superior a 0,10, o DAF apresentar valores superiores a 0,50, além do Phi de Tucker ser igual ou superior a 0,90.

4.2.2.1. IES Públicas

A seguir, na Figura 5, encontra-se a representação espacial dos valores, tomando-se os parâmetros anteriormente apresentados para a amostra oriunda de universitários de instituições públicas da cidade de Petrolina.

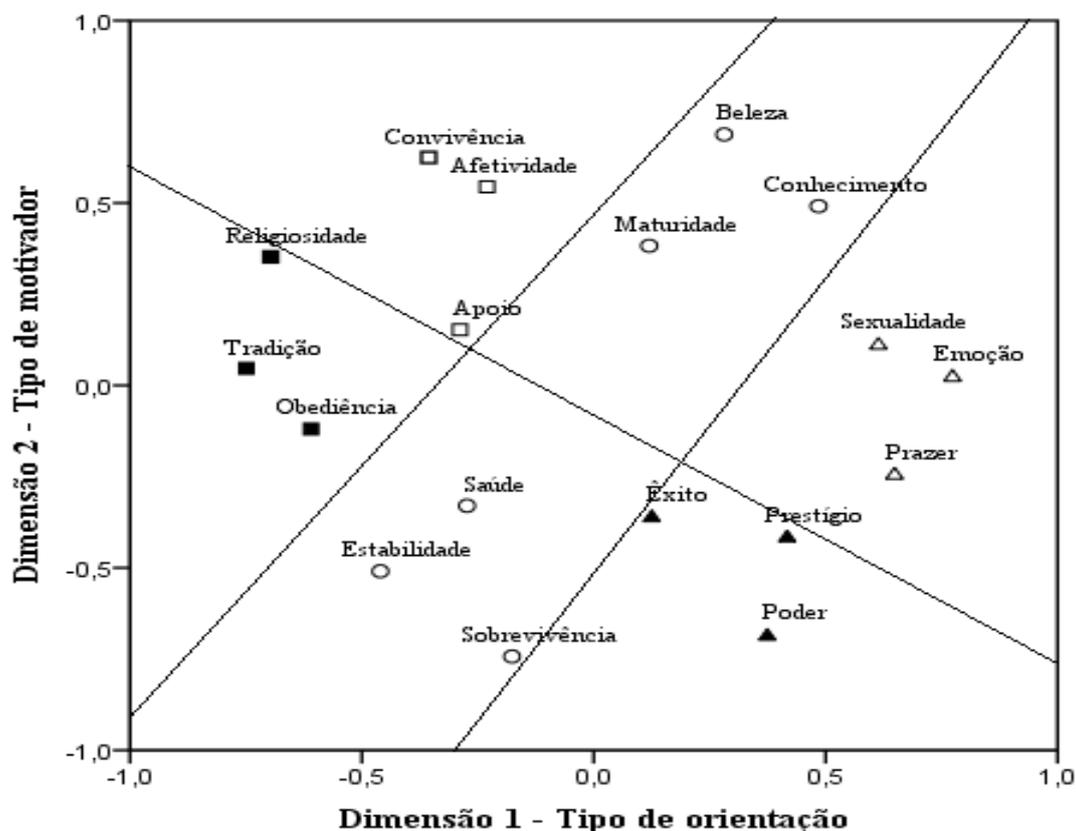


Figura 5. Representação espacial dos valores universitários de instituições públicas.

Na Figura 5, é possível verificar que as seis subfunções valorativas são representadas num espaço bidimensional, em dois eixos, com índices de ajustes satisfatórios (STRESS-I = 0,34; DAF = 0,89 e Phi de Tucker = 0,94). Nela é possível notar que os valores materialistas (figuras preenchidas) ficam em espaço diferente dos idealistas (figuras sem preenchimentos), enquanto que os valores pessoais (círculos) ficam separados dos sociais (triângulos) pelos centrais (quadrados), evidenciando a adequação deste pressuposto teórico.

4.2.2.2. IES Particular

A seguir, exposto na Figura 6, encontra-se a representação espacial dos valores quando se tem em conta a amostra oriunda de universitários de instituições privadas da cidade de Petrolina.

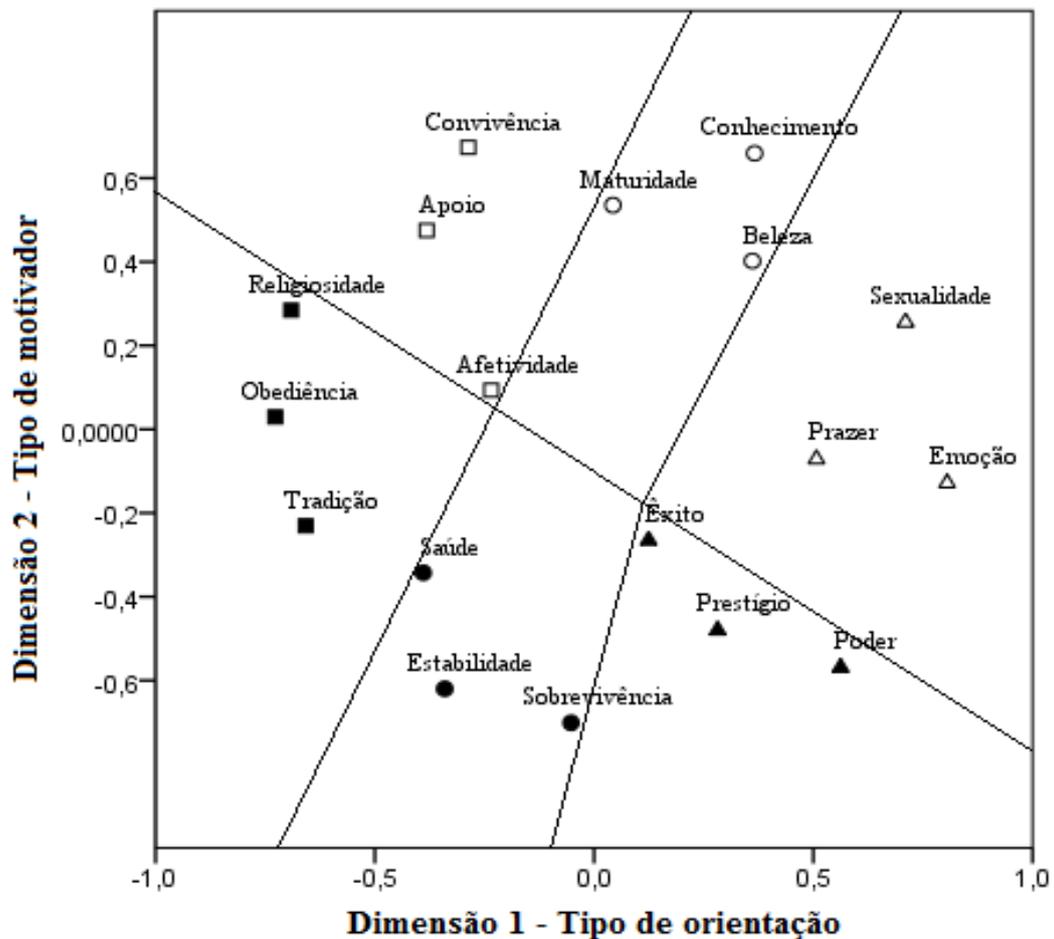


Figura 6. Representação espacial dos valores universitários de instituições particulares.

Verifica-se, na Figura 6, que as seis subfunções valorativas são representadas num espaço bidimensional, numa estrutura bplex 2 X 3, apresentando índices de ajustes satisfatórios (STRESS-I = 0,34; DAF = 0,88; Phi de Tucker = 0,94). Nesse sentido, observa-se que os valores materialistas (figuras preenchidas) ficam em espaço diferente dos idealistas (figuras sem preenchimentos), enquanto que os valores pessoais (triângulos) ficaram agrupados e separados dos sociais (triângulos), tendo os valores centrais (quadrados) entre eles.

4.2.3. Hipótese de conteúdo

Nesta seção, foi testada a *hipótese de conteúdo* dos valores humanos. De acordo com ela, esperava-se que os valores específicos, do QVB-18, se distribuíam (saturariam) em seis subfunções valorativas correspondentes, em número igual de itens por fator. A seguir, na Figura

7, é possível observar o modelo teorizado e os marcadores valorativos que fazem parte de cada um dos fatores, de acordo com o que preconiza a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos.

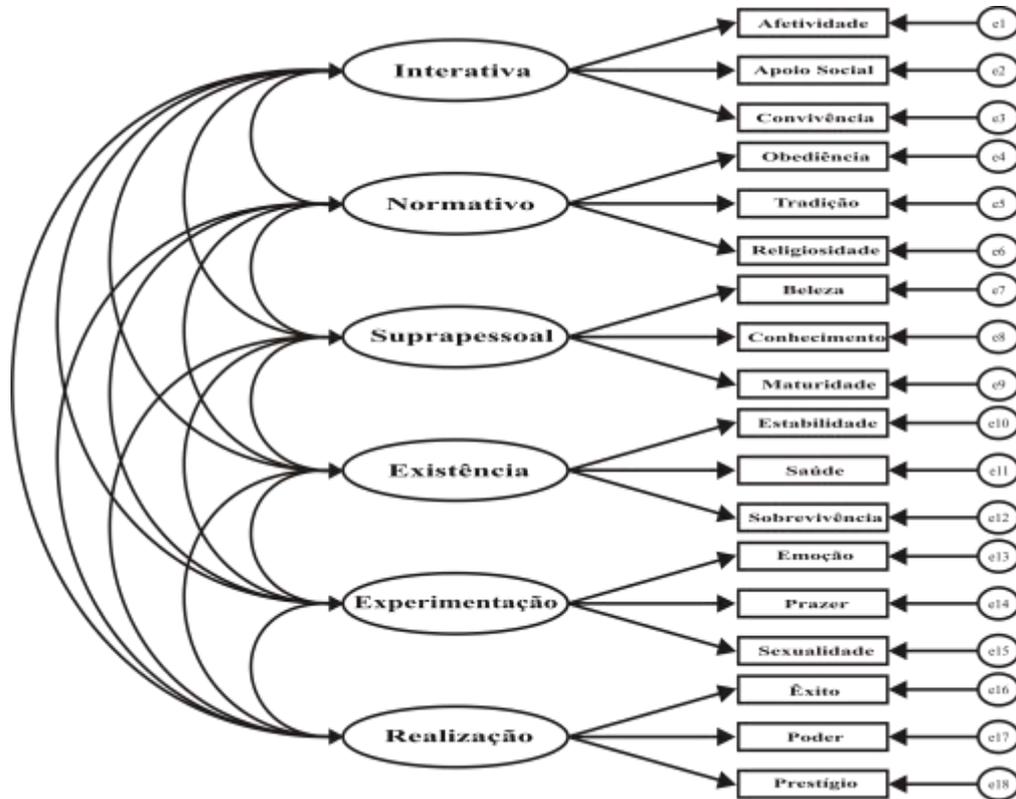


Figura 7. Representação espacial dos valores.

Para o teste formal desta hipótese, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias (AFC), adotando o método de estimação dos Mínimos Quadrados Ponderados Robustos (WLSMV – *Mean and Variance Adjusted Wighted Least Squares*). Nesse sentido, buscou-se avaliar a qualidade de ajustamento do modelo teórico funcional dos Valores Humanos à estrutura correlacional (policóricas) observadas nas variáveis latentes (itens da QVB. Para tanto, considerou-se os dois contextos (público e privado), dessa forma, o modelo hexafatorial dos universitários de instituições públicas apresentou os seguintes índices de ajuste: $\chi^2/ g.l. = 1,28$, CFI = 0,98, TLI = 0,97, RMSEA (IC90%) = 0,03 (0,01-0,04), SRMR= 0,06. Na amostra composta por universitários de instituições privadas, observaram-se os seguintes indicadores $\chi^2/$

$g.l. = 1,25$, $CFI = 0,98$, $TLI = 0,97$, $RMSEA (IC90\%) = 0,03 (0,01-0,04)$, $SRMR = 0,06$. Ressalta-se que todos os valores apresentaram lambdas (λ) diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $F > 3,84$, $p < 0,05$). Na Tabela 5, é possível observar as saturações dos 18 itens/valores para cada uma das amostras consideradas.

Tabela 6.

Cargas fatoriais da hipótese de conteúdo por tipo de instituição.

SUBFUNÇÃO / VALORES	PÚBLICA	PARTICULAR
	Lambdas (λ)	Lambdas (λ)
Subfunção Experimentação	----	----
Prazer	0,81	0,71
Emoção	0,63	0,43
Sexualidade	0,45	0,37
Subfunção Realização	----	----
Êxito	0,52	0,45
Poder	0,41	0,39
Prestígio	0,57	0,68
Subfunção Suprapessoal	----	----
Beleza	0,49	0,49
Conhecimento	0,47	0,47
Maturidade	0,66	0,41
Subfunção Existência	----	----
Estabilidade	0,60	0,48
Saúde	0,63	0,57
Sobrevivência	0,37	0,43
Subfunção Interativa	----	----
Afetividade	0,48	0,43
Apoio Social	0,54	0,49
Convivência	0,70	0,53
Subfunção Normativa	----	----
Obediência	0,79	0,65
Religiosidade	0,60	0,64
Tradição	0,65	0,55

Ademais, tendo em conta os dois contextos já mencionados, posteriormente, o modelo original foi comparado com modelos alternativos, sendo posto à prova as seguintes estruturas: *unifatorial* (todos valores, itens da medida, saturando em um único fator), *bifatorial* (os valores

sendo distribuídos por o *tipo motivador: materialista e idealista*, *trifatorial* (os valores sendo organizados segundo o *tipo de orientação: pessoal, central e social*) e *pentafatorial* (unindo os valores das subfunções *existência e suprapessoal*) (Gouveia, 2013, 2016).

4.2.3.1. Modelos alternativos

Objetivando reunir evidências acerca da hipótese de conteúdo dos valores, confrontou-se o modelo teórico (seis dimensões) com modelos alternativos plausíveis teoricamente (uni, bi e tri e pentafatorial). Os resultados das análises fatoriais confirmatórias são organizados em uma tabela, considerando o tipo de IES (pública e particular) e o sexo dos participantes. Deste modo, a seguir, são apresentados os resultados que podem ser observados na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7.
Indicadores de ajuste dos modelos em IES de Petrolina.

	Nº	χ^2	gl	χ^2/gl	CFI	TLI	RMSEA (IC90%)	SRMR	$\Delta\chi^2(gl)$
PÚBLICA	6	154,17	120	1,28	0,98	0,97	0,03 (0,01-0,04)	0,06	----
	5	124,14	92	1,35	0,97	0,96	0,03 (0,02-0,05)	0,06	30,03 (28)
	3	157,75	99	1,59	0,95	0,94	0,04 (0,03-0,06)	0,07	3,58 (21)
	2	423,26	134	3,16	0,81	0,78	0,08 (0,07-0,09)	0,10	269,09 (14)*
	1	426,71	135	3,16	0,81	0,78	0,08 (0,07-0,09)	0,10	272,54 (15)*
PARTICULAR	6	149,88	120	1,25	0,98	0,97	0,03 (0,01-0,04)	0,06	----
	5	102,12	92	1,11	0,99	0,99	0,02 (0,00-0,04)	0,06	47,76 (28)*
	3	112,85	99	1,40	0,99	0,98	0,02 (0,00-0,04)	0,06	37,03 (21)*
	2	298,13	134	2,22	0,87	0,86	0,06 (0,05-0,07)	0,09	148,25 (14)*
	1	307,58	135	2,28	0,87	0,85	0,06 (0,05-0,07)	0,09	157,7 (15)*

Nota: Nº = Número de fatores; * = $p < 0,05$.

Como pode ser observado na Tabela 7, quando considerada a amostra composta por universitários de instituições públicas, observa-se que os modelos hexa, penta e trifatorial, não

apresentam diferenças significativas, indicando que os valores podem ser igualmente representados, de três maneiras: considerando as seis subfunções valorativas (modelo original); da fusão dos valores central (suprapessoal e existência), formando uma estrutura pentafatorial ou considerando os valores sociais, centrais e pessoais.

Quando considerados os participantes de instituições privadas, observa-se que o modelo original, composto por seis fatores, apresentou índices similares ao composto por cinco fatores, com diferenças estatisticamente significativas para os modelos uni, bi e tri e pentafatorial. Além disso, hierarquicamente, o modelo pentafatorial foi considerado mais adequado, apresentando indicadores de ajuste próximos aos dos modelos hexa. Nessa direção, os resultados demonstram que no contexto de interesse os valores podem ser representados pelo modelo teoricamente proposto, entretanto, não seria impossível pensá-los representando-os por um modelo com 5 facetas.

Em resumo, foi possível comprovar a hipótese de conteúdo, que prediz que os dezoito valores específicos e os seus descritores, situados no QVB, representam adequadamente as seis subfunções da TFVH.

4.2.4. Análises multigrupos de invariância fatorial

Tomando como base a estrutura dos valores encontrada no estudo, utilizando-se do QVB, procurou-se reunir informações complementares a respeito da invariância fatorial da medida. Para tanto, seguiram-se as recomendações de Byrne (2010), partindo do modelo de referência (*baseline model*), correspondendo à estrutura hexafatorial, apontada na *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, que prediz a existência de seis subfunções valorativas (*experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa*), sendo representadas por três itens (valores) cada uma das subfunções. Nesse sentido, decidiu-se realizar a invariância fatorial através do sexo dos participantes e tipo de instituição (pública e particular). A representação gráfica deste modelo foi reproduzida na Figura 7.

No caso, os parâmetros restritos de interesse são os seguintes, seguindo as recomendações de Byrne (2010): configuração (invariância configural), cargas fatoriais (invariância métrica), as covariâncias (invariância estrutural) e os erros (invariância residual).

Cada um dos níveis de invariância avaliados incluem as restrições anteriores. Aqui, teve-se em conta, segundo Wu, Li e Zumbo (2007), os modelos métricos (*measurement model*) e estrutural (*structural model*). O primeiro especifica a invariabilidade da relação entre os indicadores observáveis (itens/ valores humanos) e os variáveis latentes (subfunções valorativas), enquanto o segundo avalia a distribuição e relação entre os fatores. Entretanto, como anteriormente comentado, três restrições adicionais foram efetivamente levadas a cabo.

A invariância é conceituada como um contínuo de restrições de parâmetros específicos entre os grupos. No caso, os parâmetros restritos de interesse são as cargas fatoriais, as covariâncias e os erros. No caso, os parâmetros restritos de interesse são os seguintes, seguindo as recomendações de Byrne (2010):

(1) Configuração (invariância configural). Esse nível avalia em que medida a estrutura de determinado instrumento pode ser aplicável para os grupos que serão avaliados, isto é, os mesmos itens, ou seja, valores, devem servir como indicadores dos mesmos traços latentes, que correspondem às subfunções através dos grupos de interesse;

(2) Cargas fatoriais (invariância métrica). Neste nível, investiga-se em que medida os pesos de regressões dos itens, ou seja, as cargas fatoriais, são equivalentes para os grupos, ou seja, o sexo dos participantes e o tipo de instituição que os mesmos frequentam. Tal invariância é observada quando não há diferenças substanciais nos indicadores de ajuste deste modelo quando comparado com o anterior, admitindo-se que a unidade de medida subjacente aos fatores é idêntica em todos os grupos.

Cada nível de invariância inclui as restrições imediatamente anteriores. Assim, os tipos de restrições mencionados, previamente, referem-se ao modelo métrico (*measurement model*),

que especifica em que medida os indicadores observados (itens, valores específicos) são relacionados com os fatores comuns latentes (subfunções valorativas). Contudo, é possível também avaliar a invariância em relação ao modelo estrutural (*structural model*), que contempla, por exemplo, a distribuição das variáveis latentes e as relações entre elas (Wu, Li & Zumbo, 2007). Neste caso, dois níveis adicionais de invariância são testados (3) Covariâncias (invariância estrutural). Diz respeito à invariância de correlação (covariância) entre os fatores comuns latentes e (4) Erros (invariância residual). Este tipo testa a invariância das variâncias únicas (erros, concebidos como variáveis latentes) dos indicadores específicos (valores).

Com o fim de decidir se há ou não a invariância de um modelo a outro, Byrne (2010) sugere a diferença dos respectivos qui-quadrados ($\Delta\chi^2$), esperando que o modelo mais restrito (maior nível de variação) não diferencie estatisticamente do imediatamente menos restrito. Não obstante, sabe-se que este tipo de indicador é sensível a grandes amostras, levando a rejeitar a invariância quando de fato ela existe (Cheung & Rensvold, 2002; Fan & Sivo, 2009). Neste cenário, têm sido recomendados outros indicadores de ajuste, a exemplo do $\Delta RMSEA$ (Pai et al., 2007). Neste caso, indica-se que este indicador pode ser tomado como referência para avaliar se as restrições mantêm o modelo invariante através dos múltiplos grupos, sugerindo-se que o modelo é invariante se o $\Delta RMSEA < 0,015$ (Chen, 2007; Wu et al., 2007).

Considerando o anteriormente descrito, testaram-se múltiplos níveis de invariância, começando pelo mais básico: invariância configural. Para tanto, realizou-se uma única análise fatorial confirmatória multigrupo, levando em consideração as amostras por tipo de instituição (públicas e particulares), além de considerar o sexo dos participantes; restringindo-se apenas a estrutura hexafatorial, deixando livres os outros parâmetros (e.g., cargas fatoriais, covariâncias, residuais). Posteriormente, adicionou-se a restrição das cargas fatoriais através dos grupos (invariância métrica), permanecendo livres os interceptos, as covariâncias e os erros. Logo em seguida, fixou-se adicionalmente a invariância de covariâncias (invariância estrutural), permitindo os erros variarem livremente. Por fim, restringiram-se os erros (invariância residual).

Os resultados dos testes que correspondem a invariância entre as amostras consideradas estão sumarizados nas Tabelas 8 e 9, a seguir.

Tabela 8.

Comprovação de invariância fatorial entre instituições públicas e particulares da cidade de Petrolina.

Indicadores	Configural	Métrica	Estrutural	Residual
χ^2	597,161	615,193	656,845	695,608
GI	240	252	273	291
CFI	0,842	0,839	0,830	0,821
RMSEA	0,049	0,048	0,047	0,047
IC90%	0,044-0,053	0,043-0,053	0,043-0,052	0,042-0,051
ECVI	1,268	1,258	1,258	1,262
IC90%	1,160-1,388	1,149-1,379	1,145-1,383	1,146-1,390
$\Delta\chi^2$ (gl)	-	18,032 (12)*	41,652 (21)*	38,763 (18)*
----- Teste de diferenças dos modelos -----				
ΔRMSEA	-	0,001	0,001	0,000
Decisão		Aceitar	Aceitar	Aceitar

Nota: Pública ($n = 317$), Particular ($n = 317$); * $p < 0,05$.

Considerando os objetivos específicos da presente dissertação, optou-se, como previamente indicado, conhecer se a medida seria invariante quanto ao sexo do participante, o que pode ser observado na Tabela 9, adiante.

Tabela 9.

Comprovação de invariância fatorial homens e mulheres da cidade de Petrolina.

Indicadores	Configural	Métrica	Estrutural	Residual
χ^2	617,324	645,668	687,728	797,288
GI	240	252	273	291
CFI	0,836	0,829	0,820	0,780
RMSEA	0,050	0,050	0,049	0,055
IC90%	0,045-0,055	0,045-0,055	0,045-0,054	0,048-0,057
ECVI	1,304	1,311	1,311	1,427
IC90%	1,193-1,426	1,198-1,436	1,194-1,439	1,300-1,567
$\Delta\chi^2$ (gl)	-	28,344 (12)*	42,06 (21)*	109,56 (18)*
----- Teste de Diferença dos Modelos -----				
ΔRMSEA		0,000	0,001	0,006
Decisão		Aceitar	Aceitar	Aceitar

Nota: Homens ($n = 308$), Mulheres ($n = 324$); * $p < 0,05$.

Como é possível observar nas duas últimas tabelas, a análise fatorial confirmatória multigrupo, que testou a invariância configural, demonstrou, independente da variável de referência (tipo de instituição ou sexo dos participantes), que o modelo teórico (com 6 subfunções) apresentou-se invariante entre os grupos considerados.

Em resumo, os resultados apontam para a adequação da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos no sertão pernambucano. Os achados evidenciam corroborar as duas principais hipóteses da TFVH, ou seja, a estrutura e o conteúdo dos valores, em todos os contextos tidos em conta. Permite, deste modo, que este modelo possa ser utilizado para se conhecer as prioridades valorativas de pessoas de contextos semelhantes aos aqui considerados.

5. DISCUSSÃO

Esta dissertação procurou contribuir com novas evidências acerca da adequação da *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* no Brasil. Embora existam trabalhos anteriores que tratam do mesmo objetivo e, inclusive com amostras maiores e até transculturais (Medeiros, 2011; Gouveia, 2013; Soares, 2015), aqui buscou-se considerar uma amostra até então não considerada. Procurou-se, principalmente, testar duas das hipóteses da teoria, correspondendo ao conteúdo e à estrutura dos valores humanos (Gouveia, 2013, 2016; Gouveia et al., 2010; Gouveia et al., 2014a, 2015), além de verificar as prioridades axiológicas de estudantes universitários pernambucanos. Confia-se que tais objetivos tenham sido alcançados. Nessa direção, a seguir, serão discutidos os principais achados desta dissertação. Entretanto, parece razoável, iniciar indicando as principais limitações que circundam este trabalho.

5.1. Limitações do estudo

Apesar dos achados coerentes com aqueles observados em estudos prévios (para um resumo, vejam-se Gouveia, 2013, 2016), assim como em todo empreendimento da ciência, o presente trabalho não está isento de limitações. Inicialmente, destaca-se que a amostra aqui utilizada não foi aleatória (por conveniência), além de contemplar apenas estudantes universitários, restringindo qualquer possibilidade de generalização dos resultados para além do grupo amostral tido em conta (Cozby, 2003). Porém, cabe destacar que este não foi o propósito do estudo, que objetivou reunir evidências de adequação da *TFVH* no contexto de uma cidade do interior pernambucano. Nessa direção, considerando o tamanho da amostra ($n > 200$), entende-se que os resultados serviriam a tal propósito, considerando os resultados estatisticamente adequados para testes de hipóteses (Tabachnick & Fidell, 2013). Não obstante, recomenda-se em estudos futuros considerar amostras maiores e mais diversificadas, incluindo mais de um Estado de diferentes regiões do país, a exemplo do que fizeram Gouveia (2013) e

Soares (2015), mas buscando considerar amostras provenientes de grandes centros e cidades de menor porte.

Outra potencial limitação fica por conta do tipo de medida utilizada. Aqui foi empregado apenas o autorrelato, do tipo “lápis e papel”, para se conhecer os valores dos estudantes, o que pode camuflar a desejabilidade social inerente a este construto (Schwartz et al., 1997). Três alternativas a respeito podem ser utilizadas como forma de tentar superar tal limitação, por exemplo, considerar uma medida implícita dos valores (Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2012), usar estratégias de *priming* (Jaboby, 2006; Maio, Pakizeh, Cheung, & Rees, 2009) ou ainda ter em conta relatos comportamentais subjacentes aos princípios axiológicos (Lima, Gouveia, Souza, & Fonsêca, 2014), utilizando concomitantemente uma medida de desejabilidade social (Gouveia, Guerra, Sousa, Santos, & Costa, 2009) com finalidade de controle estatístico deste componente que é inerente ao construto de interesse.

5.2. Principais resultados

Dessa forma, sem deixar de reconhecer as limitações e considerações já mencionadas até o momento, além de destacar algumas direções para pesquisas futuras, parece pertinente discutir os principais achados da pesquisa à luz do marco teórico.

5.2.1. Evidências psicométricas do Questionário de Valores Básicos

Destaca-se que o *Questionário de Valores Básicos - QVB* fora empregado em diversas pesquisas nos âmbitos nacional (Gouveia et al., 2014a, 2015) e internacional (Gouveia, et al., 2014b; Medeiros, 2011; Soares, 2015), reunindo evidências favoráveis de validade e consistência interna. Na presente pesquisa, os resultados seguem a mesma direção, ou seja, o QVB, para a amostra considerada, demonstrou-se adequado psicometricamente.

No tocante à fidedignidade, apesar dos alfas de Cronbach da maioria das subfunções estarem abaixo do recomendado na literatura de testagem psicológica (Cohen, Swerdlik, &

Sturman, 2014) são coerentes com aqueles observados para outras medidas de valores humanos, inclusive quando se empregam mais itens (Gouveia, 2013, 2016; Schwartz, 1992; Schwartz et al., 2012). Além do mais, indicadores complementares deste parâmetro psicométrico atestam sua adequação. No caso específico, teve-se em conta a Confiabilidade Composta, que apresentou-se superior a 0,60 na maioria das subfunções (Hair et al., 2009; Škerlavaj & Dimovski, 2009), além da homogeneidade (correlação média inter-itens), que se situou acima de 0,20 ($p < 0,05$) (Clark & Watson, 1995), sendo tais valores considerados aceitáveis.

No que diz respeito à Confiabilidade Composta, salienta-se que é admitida aceitável, enquanto indicador de precisão de instrumentos de mensuração, quando os valores são superiores a 0,70 (Hair et al., 2009), admitindo-se aqueles que são iguais ou superiores a 0,60 (Škerlavaj & Dimovski, 2009). Nessa direção, na amostra oriunda das IES públicas, todos os valores da CC foram iguais ou superiores a 0,60, apresentando um menor indicador na subfunção realização (0,60) e maior em normativa (0,81), agregando evidência complementar de adequação psicométrica para tal amostra. Todavia, quando considerada a amostra de estudantes de IES particulares, os valores de três subfunções foram inferiores a 0,60 [suprapessoal (0,54), interativa (0,58) e Existência (0,59)]; entretanto, ao se considerar a natureza da medida e do construto, os resultados obtidos não estão distantes daqueles apresentados por outras medidas de valores (Lima, Gouveia, Souza, & Fonsêca, 2014; Günther, 1981; Johnston, 1994), incluindo aquele que é o mais utilizado transculturalmente (Schwartz, 2006, 2012).

Em suma, considerando os resultados explanados anteriormente, pode-se afirmar que reuniram-se evidências favoráveis sobre a validade de construto e fidedignidade (Pasquali, 2010), ademais, apesar de não ter sido objetivo, é possível pensar na demonstração de adequação quanto à hipótese de congruência dos valores. Nesse contexto, mesmo que alguns valores da CC não sejam excepcionais, mas considerando a natureza do construto, podem ser

considerados satisfatórios para propósitos de pesquisa (Medeiros, 2011), sendo equivalentes e, inclusive, superiores àqueles de outras medidas de valores (Gouveia, 2013), além de atenderem ao ponto de corte que comumente tem sido admitido na literatura, e também além de serem congruentes com achados de pesquisas que empregam outras medidas de valores (Schwartz, 2005).

5.2.2. *Hipótese de estrutura*

No tocante à *hipótese de estrutura*, que prediz que os valores específicos devem ser reunidos em subfunções que se distribuem espacialmente em razão das duas funções dos valores, isto é, *tipo de orientação 3* (guiar os comportamentos) X *2tipo de motivador* (expressar cognitivamente as necessidades) (Gouveia, 2013, 2016). É possível afirmar que os resultados encontrados permitem identificar a estrutura teorizada. No caso, foi encontrada uma estrutura 3 x 2, tendo os valores pessoais e sociais sido localizados em lados opostos, separados pelos valores centrais, admitidamente congruentes com ambos (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2014a); de um e outro lado do espaço se localizaram os valores materialistas e idealistas (Gouveia, et al., 2014b). Os indicadores de ajuste desta configuração podem ser considerados satisfatórios (Marôco, 2014b; van de Vijver & Leung, 1997) e semelhantes aos encontrados em estudos com objetivos semelhantes aos aqui estabelecidos, mesmo que considerando amostras diversas (Medeiros, 2011; Gouveia et al., 2010; Soares, 2015).

Ao encontrar resultados que dão suporte a adequação da representação dos valores na estrutura 3 X 2 teorizada, confirmou-se a hipótese de estrutura, nos dois contextos de interesse. Esses achados são semelhantes ou coadunam com aqueles encontrados por Medeiros (2011), utilizando amostras de todos os estados nacionais, além daqueles considerando amostras internacionais (Gouveia, 2013; Soares, 2015).

5.2.3. *Hipótese de Conteúdo*

Referente à *hipótese de conteúdo*, esta foi corroborada. Tal hipótese indica que o modelo teórico proposto, formado por seis fatores (subfunções valorativas/ valores básicos), que resulta do cruzamento dos três critérios de orientação (pessoal, central e social) e dos dois tipos de motivadores (valores como expressão cognitiva das necessidades básicas, que se dividem em humanitárias e materialistas; Gouveia, 2016b), mostrou-se adequado aos dados empíricos, sendo inclusive mais promissor que aqueles formados por um, dois, três e, inclusive, cinco fatores. Contudo, neste último caso, o modelo com cinco fatores, reunindo os valores centrais, os indicadores de ajuste foram também adequados, quiçá sugerindo que seja possível, sobretudo em culturas ou contextos com pouca variabilidade das condições de vida (Fischer et al., 2011), considerá-lo como explicativo do universo de valores. Menos plausível parece ser reduzir os valores ao tipo de orientação (modelo trifatorial; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992), ao tipo de motivador (modelo bifatorial; Braitwite et al., 1996) ou, menos ainda, ao construto desejabilidade social (modelo unifatorial; Schwartz et al., 1997).

Assim, os resultados obtidos subsidiaram a adequação da estrutura hexafatorial, oferecendo suporte teórico e empírico para a *hipótese de conteúdo*, que aponta que o universo dos valores humanos pode ser expresso pelas seis subfunções (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2014). Entretanto, de acordo com os resultados encontrados não é impossível pensar em um modelo composto por cinco fatores (Gouveia, 1998, 2013; Medeiros, 2011), que considera os valores centrais (existência e suprapessoal), que descrevem o propósito geral da vida, admitindo que eles formam um único fator (Gouveia, 2016). Ademais, são constituídos como principal fonte, na qual os outros valores são ancorados, ou seja, representam a espinha “dorsal” da organização funcional dos valores (Gouveia, 2013). Ou por três, já que a principal distinção dos valores é o tipo de orientação (Gouveia, 2013; Gouveia et al, 2014a; Schwartz, 2005; Soares, 2015).

Ademais, ressalta-se a parcimônia de TFVH, que por meio da hipótese de conteúdo demonstrou evidências que apontam que o universo dos valores pode ser representado por um número reduzido de funções que, segundo (Gouveia, 2016b), corresponde a quase metade da versão mais disseminada da tipologia motivacional dos valores proposta por Schwartz (1992), e condizendo com menos de um terço de sua versão teórica atual (Schwartz, 2012).

5.2.4. Análises multigrupos de invariância fatorial

Por fim, realizou-se uma análise de invariância fatorial multigrupos, para averiguar se a estrutura composta por seis subfunções valorativas mantinha-se equivalente em diferentes grupos. Especificamente, considerou-se o tipo de instituição (pública e particular) e sexo dos participantes (homens e mulheres). Nessa direção, foi possível observar que independente dos grupos considerados, a medida mostrou-se invariante. No caso, foram tidas em consideração as seguintes invariâncias (Byrne, 2010): (a) *métrica*, evidenciando-se que os itens da QVB apresentaram relações semelhantes com o construto valores nos diferentes grupos (Brown, 2006), ou seja, as pessoas dos diferentes grupos respondem os itens de maneira equivalente; a (b) *estrutural*, ou seja, os diferentes grupos apresentaram uma mesma estrutura empírica (Byrne, 2010) e (c) *residual*, os itens da QVB considerados adequados nos diferentes grupos (Damásio, 2013; Marôco, 2014a). Esses resultados sugerem que, nos diferentes grupos em função dos tipos de instituição ou do sexo dos participantes, o QVB demonstrou-se eficiente em avaliar as prioridades valorativas, de formas equivalentes, possibilitando a comparação entre os escores de com grupos com características diferentes (Cook, Kallen, & Amtmann, 2009; Milfont & Fisher, 2010).

Tendo em conta o que foi exposto até aqui, confia-se que os objetivos dessa dissertação, dessa hipótese, tenham sido alcançados, pois as duas principais hipóteses da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (conteúdo e estrutura) foram corroboradas, apresentando indicadores de ajuste satisfatórios (Hair et al., 2009, Marôco, 2014a, 2014b), nas amostras

consideradas (universitários de instituições públicas e particulares), e por grupos de participantes (sexo e tipo de instituição), que foi avaliado por meio da análise multigrupos.

Em resumo, parecem pertinentes e com respaldo empírico as hipóteses levantadas por Gouveia em seu modelo teórico (Gouveia, 1998, 2003, 2013). O universo de valores pode ser representado por seis subfunções valorativas, com três indicadores valorativos para cada (hipótese de conteúdo; Gouveia, 2016a), pautadas nas duas funções principais dos valores (guiar o comportamento e representar as necessidades humanas; Gouveia et al., 2014a), que se configuram em um espaço bidimensional o qual claramente separa os valores pessoais dos sociais e aqueles materialistas dos idealistas (Gouveia et al., 2014a, 2015; Medeiros; 2011; Soares, 2015).

5.3. Conclusão

Este estudo mostrou que, também em contexto do sertão pernambucano, a medida derivada da *teoria funcionalista dos valores humanos*, isto é, o *Questionário dos Valores Básicos*, e a própria teoria em si, quando consideradas as hipóteses de conteúdo e estrutura, apresentaram-se como adequados. Concretamente, duas das hipóteses principais da *TFVH* (*conteúdo e estrutura*) foram corroboradas, sugerindo que é possível conhecer os valores das pessoas, ao menos dos estudantes universitários tidos em conta. Isso reforça a relevância da teoria dos valores de Gouveia, que permite explicar conceitualmente modelos e/ou tipologias prévias dos valores (Gouveia, 2013), inclusive com dados coletadas com medidas derivadas de outras teorias (Gouveia et al., 2014b).

Assim, como pôde ser observado nos dois contextos de interesse, a hipótese de *estrutura* e *conteúdo* dos valores foram sustentados na cidade de Petrolina. Especificamente, na hipótese de conteúdo, tomando como base os indicadores de ajuste do modelo, é possível observar que o modelo composto por seis subfunções, mesmo quando não foi o mais ajustado aos dados,

ainda sim mostrou-se promissor, apresentando valores dos indicadores acima do recomendado na literatura especializada (Byrne, 2010; Gouveia, 2003; Hair et al., 2009). Os resultados encontrados evidenciam que a tipologia que fundamenta esta pesquisa, como esperado, apresentou evidências empíricas e psicométricas favoráveis, inclusive, com indicadores de ajuste tão ou mais promissores que em pesquisas anteriores (Medeiros, 2011; Soares, 2015). Estes achados reforçam a possibilidade que pesquisadores possam vir a utilizar a TFVH, inclusive longe dos grandes centros urbanos, como marco teórico em seus estudos que visem observar os antecedentes e/ou consequentes dos valores humanos, ou ainda conhecer quais valores são característicos de amostras ou populações específicas.

6. REFERÊNCIAS

- Abramson, P. R., & Inglehart, R. (1995). *Value change in global perspective*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Alderfer, C. (1972). *Existence, relatedness, and growth: human needs in organizational settings*. London: Mcmillan.
- Álvaro, J. L. & Garrido, A. (2006). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Adler, F. (1956). The Value Concept in Sociology American. *Journal of Sociology*, 62(3), 272-279. doi: 10.1086/222004
- Albert, E. M. (1956). The Classification of Values: A Method and Illustration. *American Anthropologist*, 58(2), 221-248. doi: 10.1525/aa.1956.58.2.02a00020
- Allen, M. W.; Ng, S. H., & Wilson, M. (2002). A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behavior system of consumer choice. *European Journal of Marketing*, 36(1/2), 111-135. doi: 10.1108/03090560210412728
- Aquino, T. A. A. (2008). *Atitudes e intenção de cometer o suicídio: suas correlatas existências e normativas*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa, Paraíba.
- Ardila, R., Gouveia, V.V., & Medeiros, E. D. (2012). Human values of colombian people. Evidence for the functionalist theory of values. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 44(3), 105-117. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-05342012000300009
- Athayde, R. A. A. (2012). *Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.

- Belo, P. R., Gouveia, V. V., Raymundo, S. J., & Marques, C. M. C. (2005). Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18(1), 7-15. doi: 10.1590/S0102-79722005000100003
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming* (2ª ed.). New York: Routledge.
- Braithwaite, V., & Blamey, R. (2006). Consenso, Estabilidade e Significado nos Valores Sociais Abstratos. Em Ros, M., & Gouveia, V. V. (Orgs.), *Psicologia Social dos Valores Humanos* (pp. 181-206). São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Braithwaite, V. A., & Law, H. G. (1985). Structure of human values: testing the of Rokeach Value Survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 250-263. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.250
- Braithwaite, V. A., Makkai, T., & Pittelkow, Y. (1996). Inglehart's materialism-postmaterialism concept: Clarifying the dimensionality debate through Rokeach's model of social values. *Journal of Applied Social Psychology*, 26(17), 1536-1555. 10.1111/j.1559-1816.1996.tb00085.x
- Braithwaite, V. & Scott, W. (1991). Values. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Orgs.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 661-753). San Diego: Academic Press.
- Cabezas, J. A. (1988). Abraham H. Maslow y la teoría holístico/dinámica de las necesidades: una concepción natural, objetiva y científica de la vida axiológica, ética y religiosa. *Cuadernos salmantinos de filosofía*, 15, 33-57. Recuperado de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/oaiart?codigo=369307>
- Camino & Torres, (2013) Valores sociais. Em L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias*. 2ª ed. (pp. 309-353). Brasília: Technopolitik.

- Campos, C. B., & Porto, J. B. (2010). Escala de Valores Pessoais: validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. *Psico-PUCRS*, 41(2), 208-213. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/5817/5316>
- Cavalcante, L. C. (2013). *IVHO (Inventário de Valores Humanos nas Organizações): Construção, padronização e indicadores de validade*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.
- Cavalcanti, T. M. (2016). *A natureza dos valores humanos, evidências acerca das necessidades psicológicas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Chen, F. F. (2007). Sensitivity of Goodness of Fit Indexes to Lack of Measurement Invariance. *Journal. Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 14(3), 464-504. doi: 10.1080/10705510701301834
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 9(2), 233-255. doi:10.1207/S15328007SEM0902_5
- Chinese Culture Connection, T. (1987). Chinese values and the search for culture free dimensions of culture. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 18(2), 143-164. doi: 10.1177/0022002187018002002
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7(3), 309-319. doi: 10.1037/1040-3590.7.3.309
- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122090023>

- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207. doi: 10.1590/S1413-73722006000100023
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e Avaliação Psicológica: Introdução a Testes e Medidas*. (8º ed) São Paulo: AMGH.
- Couto, R. N. (2017). *Perdão e crescimento pós-traumático no âmbito do divórcio: uma explicação pautada nos valores humanos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa, Paraíba.
- Cozby, P. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Engelbertz, E. (2015). *Values in Antarctica: Discourse Analyses of Two Topical Issues in Antarctic Policy*. Tese de Doutorado. University of Canterbury, Gateway Antarctica.
- Estramiana, J. L. A., Pereira, C. R., Monter, M. R., & Zlobina, A. (2013). Valores sociais. Em L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia social: temas e teorias*. 2ª ed. (pp. 309-353). Brasília: Technopolitik.
- Fan, X., & Sivo, S. A. (2009). Using [Delta] Goodness-of-Fit Indexes in Assessing Mean Structure Invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 16(1), 54-69. doi: 10.1080/10705510802561311
- Feather, N. T. (1984). 'Masculinity, Femininity, Psychological Androgyny, and the Structure of Values'. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(3), 604-20. doi: 10.1037/0022-3514.47.3.604
- Freire, S. E. A. (2013). *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa.

- Freires, L. A. (2013). *Bases valorativas da preocupação masculina com a aparência. Dissertação de Mestrado*. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Fonsêca, P. N., Lopes, B. J., Palitot, R. M., Estanislau, A. M., Couto, R. N., & Coelho, G. L. H. (2016). Engajamento escolar: explicação a partir dos valores humanos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(3), 611-620. doi: 10.1590/2175-3539201502031061
- Godoy, P. B. G., & Oliveira-Monteiro, N. R. (2015). Estudo sobre valores em adolescentes. *Psico-PUCRS*, 46(3), 400-408. doi: 10.15448/19808623.2015.3.19426
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 431-443. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26180310>
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Fundamentos, Aplicações e Perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V. (2016a). Introdução à teoria funcionalista dos valores. Em V. V. Gouveia (Org.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-28). São Paulo, SP: Vetor editora.
- Gouveia, V. V. (2016b). Teoria funcionalista dos valores: estado da arte e direções futuras. Em V. V. Gouveia (Org.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-28). São Paulo, SP: Vetor editora.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Soares, A. K. S., Araújo, R. C. R., & Andrade, J. M. (2012). Valores e motivações para responder sem preconceito frente homossexuais. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 17(2), 215-225. doi: /10.1590/S1413-73722012000200005

- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. A. (2012). Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12(1), 80-92. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/50/0>
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Gouveia, R. S. V., Diniz, P. K. C., Cavalcanti, M. F. B., & Medeiros, E. D. (2010). Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 66-175. doi: 10.1590/S0102-79722010000100020.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. Em C. V. Torres, & E. R. Neiva (Orgs.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 278-295). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F., Santos, W. S., & Costa, J. M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 87-98. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100008&lng=pt.
- Gouveia, V. V., Medeiros, E. D., Mendes, L. C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 476-485. doi: 10.1590/S0102-71822010000300008
- Gouveia, V.V., Meira, M., Gusmão, E. E. S., Sousa Filho, M. L., & Souza, L. E. C. (2008). Valores Humanos e Interesses Vocacionais: Um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. doi; 10.1590/S1413-73722008000300022
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. Em M. L. M. Teixeira (Org.), *Valores humanos e gestão: novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo: Editora Senac.

- Gouveia, V. V., Milfont, Taciano L., Fischer, R., & Coelho J. A. P. M. Teoria funcionalista dos valores humanos: aplicações para organizações. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(3), 34-59. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=195416857004>> ISSN 1518-6776
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014a). Funtional theory of human values: Testing in content and structure hypoteses. *Personality and Individuals Differernces*, 60, 41-47. doi: 10.1016/j.paid.2013.12.012
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014b). The functional theory of human values: From intentional overlook to first acknowledgement – A reply to Schwartz (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 250-253. doi: 10.1016/j.paid.2014.03.025
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R., & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: Evidências psicométricas de uma medida. *Pisico-PUCRS*, 42,(1), 106-115. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7487/6306>
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Vione, K. C., & Santos, W. S. (2015). Guiding actions and expressing needs: On the posychological functions of values. *Psykhe*, 24(2), 1-14. doi: 10.7764/psykhe.24.2.884.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Milfont, T. L., Fischer, R., Clemente, M., & Espinosa, P. (2010). Teoría funcionalista de los valores humanos em España: Comprobación de las hipótesis de contenido y estructura. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(2), 203-214. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420641002>
- Gouveia, V. V., Sousa, D. M. F., Fonsêca, P. N., Gouveia, R. S. V., Gomes, A. I. A. S. B., & Araújo, R. C. R. (2010). Valores, Metas de Realização e desempenho acadêmico: Proposta de um modelo explicativo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(2), 323-331. doi: 10.1590/S1413-85572010000200014

- Guerra, V. M., Freires, L. A., & Coutinho, M. L. (2016). Estudos sobre os valores humanos na Psicologia Social. In: Valdiney Veloso Gouveia. (Org.). *Teoria Funcionalista dos Valores: Áreas de estudo e aplicações*. (pp. 29-44). São Paulo: Vetor.
- Günther, H. (1981). Uma tentativa de traduzir e adaptar a escala de valores de Rokeach para uso no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33(3), 58-72. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18600/17342>
- Hair, J. F., Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Herskovits, Melville J. (1964). Clyde Kay Maben Kluckhohn, 1905-1960. *Biographical Memoir*. Washington, D.C.: National Academy of Sciences.
- Herzberg, F., Mausner, B., & Snyderman, B. B. (1959). *The Motivation to Work*. (2nd ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Hofstede, G. (1984). The cultural relativity of the quality of life concept. *Academy of Management Review*, 9(3), 389-398. DOI: 10.5465/AMR.1984.4279653
- Hofstede, G. (1980). *Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Hofstede, G. (1997). *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. (1st ed.). McGraw-Hill.
- Hofstede G. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 1-26. doi: 10.9707/2307-0919.1014
- Hofstede G., Hofstede G. J., & Minkov M. (2010). *Cultures and organizations: Software of the mind* (3rd ed.). New York, NY: McGraw-Hill.

- Hofstede, G., & McCrae, R. R. (2004). Personality and culture revisited: Linking traits and dimensions of culture. *Cross-Cultural Research*, 38(1), 52-88. doi/pdf/10.1177/1069397103259443
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118
- Inglehart, R. (1971). The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies. *The American Political Science Review*, 65(4), 991-1017. doi: 10.2307/1953494
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1994). Modernización y post-modernización: la cambiante relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y político. In J. D. Nicolás, & R. Inglehart (Orgs.), *Tendencias mundiales de cambio en los valores sociales y políticos* (pp. 157-170). Madrid: Fundesco.
- Inglehart, R. (2012). A revolução silenciosa na Europa: Mudança intergeracional nas sociedades pós-industriais. *Revista de Sociologia e Política*, 20(43), 159-191. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n43/a08v20n43.pdf>
- Inglehart, R., & Weizel, C. (2005). *Modernization, Cultural Change, and Democracy: The Human Development Sequence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ippel, L., Gelissen, J. P. T. M., & Moors, G. B. D. (2013). Investigating longitudinal and cross cultural measurement invariance of Inglehart's Short Post-materialism Scale. *Social Indicators Research*, 115(3), 1-14. doi: 10.1007/s11205-013-0241-y

- Johnston, C. S. (1994). The Rokeach Value Survey: Underlying Structure and Multidimensional Scaling. *The Journal of Psychology*, 129(5), 583-597. doi: 10.1080/00223980.1995.9914930
- Kluckhohn, C. (1951). Values and value orientations in the theory of action. En T. Parsons y E. Shils (Eds.), *Toward a general theory of action* (pp. 388-433). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Lima, T. J. S. (2012). *Modelos de valores de Schwartz e Gouveia: comparando conteúdo, estrutura e poder preditivo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Lima, T. J. S., Gouveia, V. V., Souza, L. E. C., & Fonsêca, P. N. (2014). Avaliando valores a partir de relatos comportamentais: Evidências Psicométricas de uma nova medida. *Psico-PUCRS*, 45(4), 485-493. doi:10.15448/1980-8623.2014.4.15826
- Lyon, H. C. (1971). Learning to feel – feeling to learn: Humanistic education for the whole man.
- Maio, G. R., Pakizeh, A., Cheung, W., & Rees, K. J. (2009). Changing, priming, and acting on values: Effects via motivational relations in a circular model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97(4), 699-715. doi: 10.1037/a0016420
- Maleki A., & Jong M. (2014). A proposal for clustering the dimensions of national culture. *Cross-Cultural Research*, 48(2), 107-143. doi: 10.1177/1069397113510268
- Marques, C., Silva, A. D., Taveira, M. C., & Gouveia, V. V. (2016). Functional Theory of Values: Results of a Confirmatory Factor Analysis with Portuguese Youths. *Revista Interamericana de Psicologia*, 50(3), 392-401. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28450492008>
- Marôco, J. (2014a). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number. (2ª Ed.).

- Marôco, J. (2014b). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number (6ª Ed.).
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.
- Maslow, A. H. (1979). *El Hombre Autorrealizado*. Barcelona: Kairós.
- McLaughlin, B. (1965). Values in Behavioral Science. *Journal of Religion and Health*, 4(3), 258-79. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/27504715>
- McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton, New Jersey: Van Nostrand.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB.
- Melo, R. L. P. (2014). *Correlatos valorativos das atitudes frente à aposentadoria*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Medeiros, E. D., Couto, R. N., Fonsêca, P. N., & Brito, R. C. S., & Castro, L. S. (2016). Correlatos valorativos do crescimento pós-traumático em uma amostra brasileira. *Psicologia e saber social*, 5(2), 112-125. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2016.21602
- Medeiros, E. D, Pimentel, C. E., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Medeiros, P. C. B. (2015). Valores, Atitudes e Uso de Bebidas Alcoólicas: Proposta de um Modelo Hierárquico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 841-854. doi: 10.1590/1982-3703001532013
- Mendes, L. A. C. (2010). *Consumo de serviços postais: Uma explicação pautada nos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Milfont, T. L, & Fischer, R. (2010). Testing measurement invariance across groups: Applications in cross-cultural research. *International Journal of Psychological Research*, 3(1), 2011-2084. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=299023509008>

- Mocellim, A. D. (2011). A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. *Plural: Revista de ciências sociais*, 17(2), 105-125. doi: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2010.74542
- Monteiro, R. P., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Soares, A. K., Medeiros, H. A., & Gouveia, V. V. (no prelo). Valores humanos e *bullying*: idade e sexo moderam essa relação?. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 2017.
- Mooij M., & Hofstede G. (2010). The Hofstede model Applications to global branding and advertising strategy and research. *International Journal of Advertising*, 29(1) 85-110. doi: 10.2501/S026504870920104X
- Pai, A. L. H., Mullins, L. L., Drotar, D., Burant, C., Wagner, J., & Chaney, J. M. (2007). Exploratory and Confirmatory Factor Analysis of the Child Uncertainty in Illness Scale Among Children with Chronic Illness. *Journal of Pediatric Psychology*, 32(3), 288-296. doi: 10.1093/jpepsy/jsl021
- Parsons, T. & Shils, E. A. (1951). *Toward a general theory of action*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Parsons, T. (1959/1976). *El sistema social*. Madri: Revista do Occidente.
- Pilati, R., & Laros, J. A. (2007). Modelos de equações estruturais em Psicologia: Conceitos e Aplicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 205-216. doi: 10.1590/S0102-37722007000200011.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Porto, J. B., & Ferreira, M. C. (2016). Uma Escala de Valores Organizacionais com base na Teoria de Valores Culturais de Schwartz. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(esp.), 1-10. doi: 10.1590/0102-3772e32ne222

- Rescher, N. (1969). *Introduction to Value Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Rohan, M. J. (2000). A rose by any name? Th. *Personality and Social e values constructo Psychology Review*, 4(3), 255-277. doi : 10.1207/S15327957PSPR0403_4
- Rokeach, M. (1968). A Theory of Organization and Change Within Value-Attitude Systems. *Journal of Social Issues*, 24(1), 1-149. doi: 10.1111/j.1540-4560.1968.tb01466.x
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rohan, M. J. (2000). A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, 4(3), 255-277. doi: 10.1207/S15327957PSPR0403_4
- Roming, D., & Cleland, C. C. (1972). Educational Applications of Humanistic Psychology. *Journal of School Psychology*, 10(3), 289-298. doi: 10.1016/0022-4405(72)90064-7
- Ros, M. (2006). Psicologia social dos valores humanos: uma perspectiva histórica. Em M. Ros, M., & V. V. Gouveia (Cords.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53), São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Ros, M., & Gouveia, V. V. (2001). *Psicologia social de los valores humanos: Desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados*. Biblioteca nueva: Madrid.
- Ros, M., & Gouveia, V. V. (2006). Validade dos modelos transculturais sobre os valores. Em M. Ros, M., & V. V. Gouveia (Cords.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 207-235), São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Sampaio, J. R. (2009). O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *Revista de Administração da USP*, 44(1), 5-16. Recuperado de <http://www.uacm.kirj.redalyc.redalyc.org/articulo.oa?id=223417526001>
- Schwartz, S. H. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P., Zanna (Org.), *Advanced in Experimental Social Psychology* (pp. 1-65). Nova York: Academic Press.

- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 19-45. doi: 10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x
- Schwartz, S. H. (2005). Basic human values: Their content and structure across countries. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* [Values and behavior in organizations] pp. 21-55. Petrópolis, Brazil: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? Em M. Ros & V. V. Gouveia (Orgs.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*, (pp. 55-85), São Paulo: Editora Senac.
- Schwartz S. H. (2007). Value orientations: Measurement, antecedents and consequences across nations. In Jowell R., Roberts C., Fitzgerald R., Eva G. (Eds.), *Measuring attitudes cross-nationally: Lessons from the European Social Survey* (pp. 169-203). London: Sage.
- Schwartz, S. H. (2012). An overview of the Schwartz theory of basic values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 1-20. doi: 10.9707/2307-0919.1116
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(3), 550-562. doi: 10.1037/0022-3514.53.3.550
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 878-891. doi: 10.1037/0022-3514.58.5.878
- Schwartz S. H., Cieciuch J., Vecchione M., Davidov E., Fischer R., Beierlein C., Konty M. (2012). Refining the Theory of Basic Individual Values. *Personality processes and individual differences*, 103(4), 663-88. doi: 10.1037/a0029393

- Schwartz, S. H., Verkasalo, M., Antonovsky, A., & Sagiv, L. (1997). Value priorities and social desirability: Much substance, some style. *British Journal of Social Psychology*, 36(1), 3-18. doi: 10.1111/j.2044-8309.1997.tb01115.x
- Shadish, W. R., Cook, T. D., & Campbell, D. T. (2002). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. Boston, MA: Houghton Mifflin
- Shyne, S., & Elizur. (1994). *Introduction to faces theory: Content design and intrinsic data analysis in behavior research*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Silton, N. R., Flannelly, L. T., Flannelly, K. J., & Galek, K. (2011). Toward a theory of holistic needs and the brain. *Holistic Nursing Practice*, 25(5), 258-65. doi: 10.1097/HNP.0b013e31822a0301.
- Škerlavaj, M., & Dimovski, V. (2009). Organizational learning and performance in two national cultures: A multi-group structural equation modeling approach. Em W. R. King (Ed.), *Knowledge management and organizational learning* (Vol. 4, pp. 321-366). New York: Springer.
- Smith, M. B. (1966). Personal values in the study of lives. In H. A. Murray and R. W. White (eds), *The study of lives: Essays on personality in honor of Henry A. Murray* (pp. 325-347). New York: Atherton Press.
- Spates, J. L. (1983). The sociology of values. *Annual Review Sociology*, 9(1), 27-49. doi: 10.1146/annurev.so.09.080183.000331
- Soares, A. K. S. (2013). *Valores humanos e bullying: Um estudo pautado na congruência entre pais e filhos*. Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Soares, A. K. S. (2015). *Valores humanos no nível individual e cultural: um estudo pautado na Teoria Funcionalista*. Tese de Doutorado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.

- Solano, A. C., & Nader, M. (2006). La evaluación de los valores humanos con el Portrait values questionnaire de Schwartz. *Interdisciplinaria*, 23(2), 1668-7027. Recuperado de http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-70272006000200002
- Souza, L. E. C. (2012). *Medindo valores com parcelas de itens: contribuições à teoria funcionalista dos valores*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Souza, L. E., Cunha, Gouveia, V. V., Lima, T. J. Souza, & Santos, W. S. (2015). Questionários dos valores básicos - Diagnóstico (QVB-D): evidências de validade de construto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 292-301. doi: 10.1590/1678-7153.20152820910.1590/1678-7153.201528209
- Spates, J. L. (1983). The sociology of values. *Annual Review of Sociology*, 9, 27-49. doi: 10.1146/annurev.so.09.080183.000331
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Allyn and Bacon.
- Thomas, W. I. & Znaniecki, F. (1918). *The Polish peasant in Europe and America*. EUA: University of Chicago Press.
- Tönnies, F. (1887/1979). *Comunidad y asociación*. Madri: Ediciones Península.
- Torres, C. V., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). A Teoria de Valores Refinada: Associações com Comportamento e Evidências de Validade Discriminante e Preditiva. *Psicologia USP*, 27(2), 341-356. doi: 10.1590/0103-656420150045
- Tsiroginni, S., & Gaskell, G. (2011). The role of plurality and context in social values. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 41(4), 441-465. doi: 10.1111/j.1468-5914.2011.00470.x
- Van de Vijver, F. J. R., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross cultural research*. Newbury Park, CA: Sage.

- Vauclair, C. M.; Hanke, K.; Fischer, R., & Fontaine, J. (2011). The structure of human values at the culture level: A meta-analytical replication of Schwartz's orientations using the Rokeach value survey. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42(2), 186-205. doi: 10.1177/0022022110396864
- Viana, L. M. M. (2000). *Prioridades Valorativas e Desenvolvimento Moral: Considerações Acerca de uma Teoria dos Valores Humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Vione, K. C. (2012). *Prioridades valorativas mudam com a idade? Testando as hipóteses de rigidez e plasticidade*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba.
- Williams, R. M. (1968). The Concept of Value. In *International Encyclopedia of the Social Sciences*, xii, ed. D. L. Sills. Glencoe, Ill.: Free Press.
- Williams, R. M., & Albert, E. M. (1990). The concept of value. *International Encyclopedia of the Social Sciences*, 16, 283-191.
- Wu, A. D., Li, Z., & Zumbo, B. D. (2007). Decoding the meaning of factorial invariance and updating the practice of multi-group confirmatory factor analysis: a demonstration with TIMSS data. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 12(3), 1-26. Recuperado de <http://pareonline.net/getvn.asp?v=12&n=3>.
- Zavei, S. J. A. P., & Jusan, M. M. Exploring Housing Attributes Selection based on Maslow's Hierarchy of Needs. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 42, 311-319
10.1016/j.sbspro.2012.04.195

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE VALORES BÁSICOS (QVB)

INSTRUÇÕES: Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique com um número no espaço ao lado de cada valor o grau de importância que este tem como um **princípio que guia sua vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

01. ____ **SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
02. ____ **ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
04. ____ **CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____ **EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____ **PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____ **AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____ **RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____ **SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____ **PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____ **PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____ **OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. ____ **ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. ____ **CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
15. ____ **BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ____ **TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ____ **SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____ **MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, s/n – Centro – Petrolina, PE, CEP 56304-917

Caixa Postal 252, Petrolina-PE, Tel/Fax: (87)3863-9353, www.univasf.edu.br

Fone: (87) 21012-6859 / e-mail: cenf@univasf.edu.br

Título da Pesquisa: “Valores humanos de estudantes universitários de instituições públicas e privadas em Petrolina-PE: contribuições do modelo funcional dos valores humanos.”

Nome do Pesquisador: Paulo Gregório Nascimento da Silva

Nome do Orientador: Emerson Diógenes de Medeiros

1. Natureza da pesquisa: O sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade testar a adequação de uma tipologia de valores humanos no contexto, pernambucano, especificamente na cidade de Petrolina.

2. Participantes da pesquisa: Estima-se contar com uma amostra, não probabilística (de conveniência), que totalizará 600 estudantes das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas, distribuídas equitativamente e em relação ao sexo dos participantes. Participarão da pesquisa aqueles voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

3. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador aplique um livreto com questões relacionadas aos valores humanos e um questionário sócio demográfico A sr (sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa. Ao participar deste estudo, a criança deverá responder a um livreto envolvendo questões relacionadas a comportamentos sociais e estilos parentais. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda interromper a participação da criança em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa.

4. Riscos e desconfortos: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, oferecendo, riscos mínimos aos participantes, talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Entretanto, pesquisador se responsabiliza em indenizar o participante, no caso de eventuais danos, efetivamente decorrentes da participação na pesquisa.

5. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador responsável e seu orientador terão conhecimento de suas respostas e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

6. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre os valores humanos, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa fornecer dados importantes acerca da temática, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

7. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação, já que esta deve ser feita de forma voluntária.

8. Ressarcimento ou indenização: Não será disponível nenhuma compensação financeira aos participantes da pesquisa, entretanto, em caso de haver gastos de tempo, transporte, alimentação, etc, o pesquisador responsável assegura o ressarcimento ou uma compensação financeira, que deverá ser calculada de acordo com gastos reais do participante.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador: Paulo Gregório Nascimento da Silva / Telefone para contato: (87) 99950- 7195

Orientador: Emerson Diógenes de Medeiros / Telefone para contato: (83) 99844-8187

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa: Professor Alvaro Rego Millen Neto

Vice-Coordenadora: Deuzilane Muniz Nunes

Telefone do Comitê: 87 2101-6896

E-mail cedep@univasf.edu.br

ANEXO D. CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO VALE DO SÃO
FRANCISCO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Valores humanos de estudantes universitários de instituições públicas e privadas em Petrolina-PE: contribuições do modelo funcional dos valores humanos.

Pesquisador: PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 51391315.0.0000.5196

Instituição Proponente: UNIVASF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.460.888

Apresentação do Projeto:

1. Trata-se de um projeto de uma dissertação do Mestrado em Psicologia da UNIVASF do aluno Paulo Gregório Nascimento da Silva (pesquisador responsável) orientada pelo prof. Emerson Diógenes de Medeiros (pesquisador participante).

Objetivo da Pesquisa:

2. Os objetivos estão bem delineados, são exequíveis, estão em acordo com a metodologia proposta e podem ser atingidos no prazo estipulado pelo cronograma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

3. Foi realizada uma análise dos riscos pertinente, com previsão de estratégias para minimizá-los, assim como foram apresentados os potenciais benefícios que a pesquisa pode propiciar aos seus participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

4. O projeto apresenta adequadamente os seguintes itens: tema, objeto da pesquisa, relevância social, local de realização da pesquisa, população a ser estudada, garantias éticas aos participantes da pesquisa, método a ser utilizado, cronograma, orçamento, critérios de inclusão e não inclusão dos participantes da pesquisa, critérios de encerramento ou suspensão de pesquisa e

Endereço: Avenida José de Sá Manicoba, s/n
Bairro: Centro **CEP:** 56.304-205
UF: PE **Município:** PETROLINA
Telefone: (87)2101-6896 **Fax:** (87)2101-6896 **E-mail:** cedep@univasf.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO VALE DO SÃO
FRANCISCO



Continuação do Parecer: 1.460.888

divulgação dos resultados do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

5. Todos os termos de apresentação obrigatória foram apresentados adequadamente.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

7. O projeto atende satisfatoriamente a todos os critérios de análise ética e recomendamos a sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

É com satisfação que informamos formalmente a V^ª. Sr^ª. que o projeto Valores humanos de estudantes universitários de instituições públicas e privadas em Petrolina-PE: contribuições do modelo funcional dos valores humanos foi aprovado pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas – (CEDEP) em reunião ordinária realizada no dia xxxx. A partir de agora, portanto, o vosso projeto pode dar início à fase prática ou experimental. Informamos ainda que no prazo máximo de 1 (um) ano a contar dessa data deverá ser enviado a este Comitê um relatório sucinto sobre o andamento da presente pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_630074.pdf	29/02/2016 18:41:59		Aceito
Outros	Carta_respostaUNIVASF.pdf	29/02/2016 18:40:36	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_UNIVASF.pdf	29/02/2016 18:40:05	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_UNIVASF.pdf	29/02/2016 18:39:28	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_UNIVASF.pdf	29/02/2016 18:39:13	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	compromisso_pesquisador.pdf	08/01/2016 15:35:33	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Outros	questionarios.pdf	26/11/2015	PAULO GREGÓRIO	Aceito

Endereço: Avenida José de São Maniçoba, s/n

Bairro: Centro

CEP: 56.304-205

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-6896

Fax: (87)2101-6896

E-mail: cedep@univasf.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO VALE DO SÃO
FRANCISCO



Continuação do Parecer: 1.460.888

Outros	questionarios.pdf	19:52:03	NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Orçamento	custeio.pdf	26/11/2015 19:50:35	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Outros	FACAPE.pdf	26/11/2015 19:42:52	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Outros	UPE.pdf	26/11/2015 19:41:18	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Outros	UNIVASF.pdf	26/11/2015 19:40:29	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Outros	compromisso.pdf	26/11/2015 19:35:33	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	20/11/2015 18:47:28	PAULO GREGÓRIO NASCIMENTO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PETROLINA, 22 de Março de 2016

Assinado por:
Alvaro Rego Millen Neto
(Coordenador)

Alvaro R. Millen Neto
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa
UNIVASF - SIAPE: 1647629

Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, s/n
Bairro: Centro CEP: 56.304-205
UF: PE Município: PETROLINA
Telefone: (87)2101-6896 Fax: (87)2101-6896 E-mail: cedep@univasf.edu.br